

LUIZ  
SCHWARCZ

O  
AR  
QUE ME  
FALTA

HISTÓRIA DE UMA CURTA INFÂNCIA E  
DE UMA LONGA DEPRESSÃO



# DADOS DE ODINRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

## Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e***

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

**eLivros**.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

LUIZ SCHWARCZ

# O ar que me falta

*História de uma curta infância  
e de uma longa depressão*



# Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Dedicatória

Epígrafe

1. No topo da montanha

2. O que ficou em Bergen-Belsen

3. A separação

4. Os primeiros sinais

5. A visita ao cemitério

6. Os apelidos

7. Beethoven

8. O silêncio e a fúria

9. Stroszek

10. Luto

11. No fundo da noite

12. Efeitos colaterais

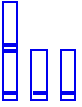
13. O editor-personagem

14. Livro de memórias

Epílogo: “Luar ausente”

*Agradecimentos*

*Sobre o autor*  
*Créditos*



*Para Láios, meu avô*





*O que dá pra rir dá pra chorar,  
Questão só de peso e medida*  
Billy Blanco (pela voz dos Originais do Samba)

*Procuro sempre, e minha procura  
ficará sendo  
minha palavra*  
Carlos Drummond de Andrade



O AR QUE ME FALTA



# 1. No topo da montanha

O teleférico havia nos deixado no ponto de melhor vista das montanhas. Chegar ao topo, olhar em volta para aquele universo branco, em que as rajadas do sol marcavam com luz e sombras cada uma das ranhuras da cordilheira, deveria me trazer muita alegria. A descida equivalia a doze quilômetros de prazer. Poucas pistas de esqui costumam ser tão extensas, sem interrupções para tomar um novo teleférico. Todos que subiam até ali pela primeira vez paravam por alguns minutos para observar a vista. É ótimo respirar o ar puro, cercado pela neve que se vê em toda parte, sob nossos pés, ou nas montanhas mais longínquas. A sensação de estar próximo ao céu, em espaço tão vasto, torna mais intensos os efeitos da respiração.

O preparativo para a descida incluía uma golfada de ar nos pulmões e um sentimento de cumplicidade com a natureza. Mas, por motivos pouco ou nada racionais, isso não acontecia comigo naquele momento.

Eu me abaixei para apertar as botas e disfarçar para o meu instrutor, ou para mim mesmo, a angústia que tomava conta da minha respiração e do olhar. Levei mais tempo que o normal, apenas para recuperar o fôlego, tentando eliminar o travo que fechava minha garganta justamente quando eu esperava pelo contrário.

O contato com o ar puro no alto, a velocidade da descida, eram um bom antídoto para a depressão da qual sou portador. Não esquiei muitas vezes na vida, mas estar na montanha e ainda praticar um esporte durante grande parte do dia tem efeito terapêutico, é sinônimo de alegria e descontração. Nas alturas sou responsável apenas por usufruir da natureza. A atitude é a mesma nas montanhas de neve ou naquelas que frequento no Brasil, onde me entrego às águas geladas dos rios e das cachoeiras, sem poder corrigir seu rumo, sem poder editar nada ao meu redor, sem me atribuir nenhuma responsabilidade por algo que não está sob o meu controle. A montanha requer um exercício de humildade, exige subserviência ao que não foi criado pelo esforço humano. Em troca oferece um grande prazer.

Naquela viagem, outro fator importante deveria servir como garantia de felicidade. Pela primeira vez levávamos nossas netas, Zizi e Alice, para esquiar. Depois de explorar as pistas mais velozes pela manhã com meu instrutor, à tarde eu me divertia esquiando com elas, acompanhando suas aventuras na neve. De resto, já de volta ao hotel, as horas eram tomadas por conversas, brincadeiras e preparativos para o jantar, no qual as duas se deliciavam com a comida regional. Estar com “as meninas” passou a ser, há tempos, um dos pontos centrais da minha vida, um contraponto a uma existência em que me afastei de amigos e restringi meus contatos ao campo profissional, fazendo amizades circunscritas ao mundo dos livros e vivendo, na maior parte do tempo, cercado da família ou em silêncio.

Assim, chegar ao cume naquela manhã, com os pulmões contraídos e sem ar, com um nó seco inexplicável na garganta, foi um choque, uma reversão completa do que eu imaginara ou sonhara por meses.

Não era só a montanha que cobrava de mim humildade. A depressão exigia muito mais.

\* \* \*

Assustado com o esforço que precisava fazer para que o ar entrasse em meus pulmões, eu não pensava, no começo desta história, no dia em que senti os sintomas iniciais da depressão. Poucos, dentre os portadores de tal enfermidade, se lembram com exatidão do momento em que percebemos pela primeira vez os sinais, que surgem quando identificamos algo entre a garganta e os pulmões, um obstáculo que torna mais exíguo o espaço para o ar, que dificulta o ato de respirar. Em geral, a depressão apaga a lembrança remota, tem memória curta, acentua a dor recente, quase desprezando qualquer traço de história. Era o que eu sentia ali em cima, e não queria sentir nunca mais.

Se me esforço para recordar o início da minha doença, é possível construir uma narrativa. Lembro do ar que me faltava no cume e me vem à mente a figura do meu pai, que jamais esteve lá.

Antes mesmo da imagem da íris verde do meu pai, minha depressão apareceu como um som. O som das pernas dele, batendo na cama sem parar, no quarto ao lado, onde meu pai penava para dormir. A íris verde, em contraste com a esclera frequentemente umedecida e avermelhada — que enchia de água a bolsa inferior dos olhos, onde as lágrimas ficavam represadas —, passou a ser a sua principal imagem, alguns anos depois do som grave que vazava das paredes, PÁ, PÁ, PÁ, PÁ, PÁ... Aquele barulho seco — quase o oposto complementar dos olhos molhados —, ele não conseguia esconder ou controlar. Não lembro exatamente quando ouvi o tambor aflitivo pela primeira vez, ou sim, acho que sei, foi também quando me deprimi pela primeira vez. Foi meu primeiro grande susto, ao intuir que não daria conta dos meus deveres de filho único. Naquela ocasião percebi, mesmo sendo bem pequeno, que não conseguiria garantir a felicidade do meu pai, já ciente de que esta seria, para



sempre, a mais importante missão da minha vida. Missão em que fracassei por completo.

## 2. O que ficou em Bergen-Belsen

Treze anos e meio após a morte do meu pai, ainda pode ser arriscado afirmar com certeza as causas da sua insônia. Até os meus dezessete anos, eu pouco sabia sobre o passado dele, com exceção de um detalhe, que era maior do que qualquer segredo. André Schwarcz, o garoto András, o Bandi, apelido de todos os Andrés ou András na Hungria, sobreviveu fugindo do trem que o levava ao campo de extermínio de Bergen-Belsen. Seu pai, Láios, Luiz como eu, que estava no mesmo vagão, permaneceu no trem e nunca voltou do campo. Na ocasião András tinha dezenove anos. Láios foi visto ainda com vida quando os Aliados libertaram Bergen-Belsen, mas tão fraco que não podia mais andar ou se alimentar. Meu pai só veio a saber disso nos anos 1960, tendo ficado por mais de duas décadas imaginando como o pai dele morreria. Com um tiro de fuzil? Nas “marchas da morte” que os judeus eram obrigados a realizar entre um e outro comboio a caminho dos campos de extermínio? Na câmara de gás? De tifo?

Algumas dessas particularidades me serão contadas muitos anos depois. Para o que importa agora, basta dizer que minha mãe tentou me explicar, ainda durante a minha infância, a tristeza do meu pai — seus problemas para dormir, o barulho de suas pernas batendo na cama à noite.

Aprendi o sentido da palavra “culpa” desde muito jovem, como algo que fundava minha existência, algo que passava além dos olhos ou das pernas do meu pai. Sua culpa por ter sobrevivido a meu avô, de não o ter salvado ou acompanhado na morte, não permitia descanso, ou mesmo os bons sonhos que ele, junto com a minha mãe, me desejava toda noite à beira da cama. Meu pai provavelmente não dormia nem sonhava porque o passado voltava como vigília absoluta. Quando eles me diziam para sonhar com os anjos, será que se referiam a um anjo que protegeria meu sono contra pesadelos de várias espécies, contra as batidas das pernas do meu pai, ou ao anjo que viria tardiamente salvar meu avô paterno, e assim deixar meu pai e toda a família dormirem?

A ordem ou empurrão que Láios dá, e que András aceita, num momento em que o trem emperra, se transformará através dos anos nos chutes secos na cama, nas lágrimas contidas nas cerimônias do Yom Kipur, em dificuldades de expressão, em acessos de raiva e tristeza. Passar a vida sob o jugo de uma imagem hegemônica, a de ter sido salvo pelo empurrão do pai, custou muito a André. Na noite em que ele me contou boa parte de sua história, reproduziu, com grande emoção, a frase que ouviu de Láios. “Foge, meu filho, foge.” Quem pode imaginar o que representa o fato de ter obedecido na hora em que devia ter sido um bom filho às avessas, aquele que desobedece à ordem paterna de escapar e salvar sua própria vida?

András era o caçula e o único varão da família, e tinha todo tipo de culpa com relação a Láios. Vivia dizendo que nunca fora um bom filho, que havia sido péssimo aluno, dado trabalho na escola; que seu pai era severo e que, durante os dezenove anos que conviveram, trouxera muito desgosto ao tapeceiro de Budapeste.

Não sei quase nada sobre o meu avô. Sei que tinha essa profissão, que era pobre, religioso, razoavelmente culto, cheio de coragem e demasiado sério. Na única foto que vi

dele, sua figura assusta, de tão compenetrada. A relação com o filho não era boa, mas Láios, embora severo, era calmo, falava pouco e baixo. Pelo medo que seu retrato me inspirou quando criança, imagino que exercesse tanto sua bondade como a autoridade familiar com uma altivez repleta de silêncio, e com um olhar profundo, duro de suportar.

Certa vez Láios viu seu filho no barbeiro em pleno Shabat, preparando-se para ir a um chá dançante, comum na época. Nada disse até encontrar András em casa, quando então revelou que sabia sobre seus programas, planejados para o dia semanal sagrado dos judeus; fato inadmissível para observantes rigorosos do judaísmo como ele. András achou que apanharia ou seria fortemente reprimido. Mas Láios apenas disse que o filho deveria supor que seria visto frequentando uma barbearia tão próxima e que, numa outra vez que quisesse profanar o Shabat, fosse a um barbeiro em outro bairro. O tom com que se exprimiu deve ter sido tão cortante que nunca mais em toda a vida André se barbeou aos sábados. Quase nenhuma das informações que tenho sobre o meu avô veio diretamente do meu pai, que dele pouco falava. Da boca de André saía apenas a penitência do filho rebelde.

A família Schwarcz vinha de Miskolc, um dos maiores centros urbanos da Hungria, onde a comunidade judaica era expressiva. Nosso nome, de origem alemã, se grafava de forma particular, com um C antes do Z, no país. Remonta ao tempo em que os judeus húngaros, no intuito de reforçar os laços com os europeus, talvez durante o Império Austro-Húngaro, imitavam seus compatriotas de então escolhendo nomes diferentes dos locais, o que certamente não foi uma opção do meu avô. Os Schwarcz se mudaram para Budapeste quando meu pai tinha apenas dois anos. Apesar

das poucas posses, Láios era profundamente respeitado na coletividade judaica.

Outra característica de Láios, e também de András, era o destemor. O primeiro pagou por isso com a vida, o segundo com a culpa e a depressão. Só durante a escrita deste livro eu vim a saber que certa feita pai e filho expulsaram das redondezas do prédio onde viviam um grupo de simpatizantes da Ordem da Cruz Flechada, a milícia nazista da Hungria. Em Budapeste, nas vésperas da ocupação da cidade pelas tropas de Eichmann ou mesmo enquanto esta acontecia, houve oscilações na política referente aos judeus. Os dirigentes húngaros a princípio tentaram resistir às leis antissemitas nazistas — gerando uma falsa tranquilidade na comunidade judaica local. Com o tempo, foram cedendo, até que o país foi inteiramente ocupado por aquelas tropas de Eichmann. No entanto, o jogo político acarretou idas e vindas, com diferentes graus de perseguição e opressão aos judeus. Num intervalo em que os nazistas húngaros perderam algum poder, András e Láios, acreditando que a nova situação perduraria, admoestaram os milicianos. Mas a trégua foi curta e, na retomada do poder pelos simpatizantes da Ordem da Cruz Flechada, os dois foram imediatamente recolhidos e enviados ao campo de extermínio. A vingança contra aquele ato de bravura veio rápido. As mulheres da família foram poupadas, para mostrar que a sentença tinha por objetivo punir pai e filho, pelo enfrentamento dos nazistas.

Antes disso, Láios corria perigo por realizar cultos judaicos numa sinagoga em sua residência. Os detalhes sobre a sinagoga clandestina na casa do meu avô — a casa da estrela amarela — voltaram à lembrança de meu pai através do relato de um sobrevivente de guerra, publicado num jornal judaico húngaro nos anos 1960 e que chegou às mãos da minha família por meio de um primo distante, que falava muito mal o português e tinha um açougue na Bela Vista. No texto o jornalista amador prestava uma

homenagem à coragem do tapeceiro que desafiava as leis e convidava os judeus a manterem o culto religioso em sua moradia, na rua Paulay Ede, 43, transformada em sinagoga clandestina. O sobrevivente mencionava no artigo também como András e suas duas irmãs ajudavam a preparar o local para o culto.

Foi só alguns anos depois, no final da década de 1960, numa viagem a Viena, que André tomou conhecimento de que Láios fora visto com vida na entrada dos Aliados em Bergen-Belsen, o que aliviou o peso de ao menos uma das dúvidas que restavam sobre os seus ombros.

Eu acompanhava meus pais na ocasião. Me lembro vagamente do encontro, com o amigo de meu pai que lhe deu a notícia, numa confeitaria, mas muitas vezes penso que posso ter fantasiado minha presença naquele momento tão importante.

O velho homem religioso escapara do fuzilamento e da câmara de gás. Mesmo assim, Láios não tivera forças para voltar para a família. Dizem que nos últimos tempos era carregado numa maca, coisa excepcional num campo de extermínio, sinal de respeito e admiração dos colegas por um homem sábio, que acabou morrendo de inanição e fraqueza.

Cheguei a conhecer minha avó paterna, mas dela não lembro nada. Yolanda permaneceu na Hungria quando meu pai foi para a Itália, depois da guerra, abrir caminho para que todos os membros da família emigrassem para Israel. Na loteria que era conseguir visto de emigração no pós-guerra, André veio para o Brasil e minhas duas tias, já casadas, ficaram com a mãe. Passado certo tempo, elas resolveram não aguardar mais os documentos que meu pai tentava obter. Em 1948 fugiram para a Austrália. Meu pai já chegara ao Brasil, em 1946, quando o país fechou temporariamente suas portas aos judeus. Era uma época em que tudo cambiava rapidamente, como se a política fosse comandada ao sabor dos ventos, que quase sempre

sopravam contra os judeus. Mesmo com a derrota do nazismo, faltava muito para que estes fossem considerados cidadãos do mundo, com liberdade para emigrar, deixando para trás as terras que guardavam as memórias da perseguição.

Com a partida das filhas, segundo minha mãe, Yolanda foi presa numa delegacia e em seguida mantida em prisão domiciliar. Punida pela evasão ilegal dos filhos. Esse é um dos episódios mais obscuros da história da minha família paterna. Liberada seis meses depois, continuou em Budapeste por vários anos, vindo em 1955 ao Brasil para o matrimônio dos meus pais. O fato de cada um dos filhos ter seguido seu caminho, deixando a mãe sozinha na Hungria, é típico da vida dos judeus no pós-guerra, e gerou uma discordância que durou muito tempo entre os irmãos. Meu pai se ofendeu com Magda e Klari, por terem partido sem levar a mãe. As relações entre eles só foram restabelecidas anos mais tarde, com a ajuda do meu avô materno. Depois de aposentado, André se encontrava anualmente com as irmãs em Budapeste. Ficavam por duas semanas num balneário, a convite do caçula, sem mágoas e em certa paz com as memórias difíceis.

É curiosa a foto no álbum de casamento dos meus pais em que minha avó leva meu pai até o altar. O close mostra só meu pai sorrindo. Yolanda ficou aqui por três anos, vivendo num pequeno apartamento no centro, e se recusava a encontrar minha mãe, que não observava as regras da kashrut. Reclamava muito que meu pai não tinha em sua casa os mesmos cuidados religiosos com a comida, e o convidava para jantar sozinho com ela no Shabat. Comprava carpas vivas para cozinhar e as mantinha, por dias, na banheira do apartamento.

Yolanda se submeteu a uma cirurgia de catarata enquanto esteve no Brasil, e teve que se hospedar na casa dos meus

pais durante a recuperação. Se recusou a comer a comida da minha mãe, que havia comprado panelas novas, para seguir os rituais estritos da lei judaica e agradar a sogra. Mirta garantiu que não misturaria carne com leite, nem traria para a cozinha nenhum tipo de crustáceo ou carne de porco. Mesmo assim, para que minha avó se alimentasse, meu pai era obrigado a buscar comida nos restaurantes do Bom Retiro, rigorosos no cumprimento da kashrut.

Não tendo se adaptado ao país, Yolanda mudou-se para a Austrália, onde foi morar com as filhas. O curioso é que Klari, a irmã mais velha do meu pai, havia emigrado com nome trocado e criara seu filho, Tom, meu único primo consanguíneo, como protestante, sem, no entanto, praticar religião alguma. Para não parecer judia, ainda na Europa minha tia fizera plástica no nariz.

O disfarce protestante era muito usual durante a guerra e no pós-guerra. Talvez particularmente comum entre algumas famílias húngaras. No final dos anos 1960 convivi com uma delas, que morava no andar acima do nosso num prédio na rua Alagoas. A dissimulação religiosa fora praticada pelo casal e seu único filho por mais de vinte anos. Talvez o menino, como meu primo, nem soubesse que era judeu. Não sei se foi por constrangimento com a nossa presença no edifício, mas depois de algum tempo os vizinhos assumiram o judaísmo abertamente.

Com a chegada da avó religiosa à Austrália, Tom ficou sabendo que era judeu. Se Yolanda não aceitava a cozinha gentia da minha mãe, o que dizer de uma filha que nunca havia contado ao próprio filho sobre suas origens? A irmã do meio, Magda, se incumbiu de providenciar comida rigorosamente kasher em sua casa, para que Yolanda pudesse fazer as refeições em família.

Não tenho como afirmar se meu avô ou minha avó sofriam de depressão. Se for para arriscar, a maior



probabilidade está no lado feminino. O que dá para dizer é que Mirta e André reproduziram em menor escala a diferença cultural que havia no matrimônio dos meus avós. Em posições inversas. Yolanda não tinha cultura alguma enquanto Láios era considerado um homem culto. No caso dos meus pais, Mirta era claramente mais voltada para a cultura do que meu pai.

Nos quase três anos que viveu em São Paulo, Yolanda mal saiu de seu apartamento; falava só húngaro e provavelmente me via muito pouco. Depois do período que passou com as filhas na Austrália, ela adoeceu e morreu de câncer. Klari, a mais velha, sempre teve traços depressivos, que a acompanharam até a morte. Magda permaneceu mais alguns anos na Austrália e, ao se desquitar, emigrou para Israel, cumprindo o plano inicial de todos. Ela e meu pai nada tinham de deprimidos, até o grande trauma pelo qual ele passou. Os psiquiatras entendem os traumas como uma das causas mais comuns da depressão, independente de qualquer genoma. Deve ter sido o caso de André.

\* \* \*

A história do meu pai e do meu avô durante a guerra me será contada apenas em duas ocasiões: quando o tal artigo sobre a sinagoga na casa do meu avô foi enviado a meu pai e, muitos anos mais tarde, de forma mais completa, numa noite de Shabat. Eu já tinha dezessete anos na época. Emocionado depois de assistir a um documentário sobre o Gueto de Varsóvia, meu pai finalmente resolveu contar tudo sobre o seu passado, assunto do qual nunca mais falou.

A imagem paterna do mau filho, que obedece ao pai na hora errada, condicionou meu modo de ser. André foi um homem generoso e bondoso. Mas a culpa sempre foi a minha principal herança. Se András havia fracassado duplamente — desrespeitando com frequência o rigor religioso de Láios e aceitando que este lhe salvasse a vida

—, eu tinha que acertar, salvar a vida de meu pai da tristeza, proporcionar uma felicidade que a lembrança constante do passado impedia.

Eu era pequeno quando ouvi pela primeira vez o barulho que acompanhava a insônia de André. Não sabia precisar minha idade. Também não tem data em minha mente a conversa em que minha mãe explica a origem dos problemas do meu pai, seu descontrole noturno, a oscilação de seu modo de comunicar-se, ora doce ora desequilibrado, a violência com que reprimia minhas primeiras estripulias, e alguns dos tratamentos psiquiátricos pelos quais ele passou — que na minha memória incluíram eletrochoques. A peregrinação de André por neurologistas, psicólogos e psiquiatras levou décadas. Vez por outra ele abandonava os tratamentos, mas por pouco tempo — sem remédios e acompanhamento médico ele mal conseguiria cerrar os olhos. De temperamento bastante reservado, nunca compartilhava nada sobre suas terapias, nem mesmo com a minha mãe. Por muitos anos fez uso de medicamentos fortíssimos para insônia, como Dormonid e Rohypnol, atualmente ministrados mais como pré-anestésicos.

Revivo hoje o frio na barriga ou a falta de ar que senti ao saber da fragilidade do meu pai. Eu ainda era jovem para conhecer o significado da palavra “depressão”, ou mesmo para desenvolver comportamentos francamente depressivos.

André falava sempre baixo, desconjuntado, mas tinha uma voz cheia de ternura. Como todo húngaro, trocava o gênero das palavras e acentuava suas sílabas iniciais. Possuía um sorriso aberto e era afinado. Cantava música cigana como um tenor nas óperas de Verdi. Ainda assim, ao cantar era um cigano convincente. Porém, quando se descontrolava, seus gritos ecoavam pelos quartos. O temor causado pelas batidas das pernas do meu pai na cama ou o susto com a violência verbal de seus rompantes marcam os primeiros momentos em que experimentei a mesma falta de

ar ou o travo na garganta que senti na pista de esqui. Foi quando eu aprendi o que é ter medo.

### 3. A separação

Lembro-me do dia em que fui acordado e chamado à cama da minha mãe. Ela estava sozinha. Acredito que era sábado. Foi dessa maneira que soube que meus pais haviam se separado. O susto com a separação e o acesso sozinho à cama materna são minhas únicas lembranças dessa conversa. A partir daquela data, eu veria meu pai a cada dois fins de semana, no seu pequeno apartamento na alameda Barão de Limeira, não tão distante da rua Bahia, onde nasci e vivia. Também passaria tardes dando meus primeiros chutes em bolas improvisadas num quintal do Clube Húngaro, onde ele ia jogar *remy*, um tipo de buraco com sotaque húngaro. Creio que eu tinha cinco anos. Nos dias em que eu ficava com o André, para não perder completamente o carteado, ele me deixava com outras crianças por algumas horas, e dava uma gorjeta para o servente do clube ficar de olho em mim. No entanto, as memórias que guardo desses fins de semana são de afeto e dedicação da parte dele, que não queria a separação. Pelo contrário, André me usava para constranger Mirta a voltar atrás e aceitá-lo no apartamento. A separação foi formalizada rapidamente. Pelo combinado, meu pai tinha que me devolver na portaria do prédio, sem poder estabelecer contato com a ex-esposa.

Desse período, que durou pouco mais de um ano, lembro também de duas viagens com minha mãe. Uma mais longa, a Campos do Jordão, e uma breve, ao Rio de Janeiro. Guardo na memória tanto as refeições e brincadeiras no Grande Hotel de Campos — em especial o *beef tea*, um tipo de suco de carne que eu bebia, provavelmente por ser franzino — como os passeios pela praia de Copacabana, onde eu olhava fascinado para as traves sem rede, fincadas na areia. Talvez venha daí minha atração pela posição de goleiro, que se tornará tão importante na minha juventude.

O hotel de Campos, que depois ficou fechado por décadas, não era grande apenas no nome. Nele havia bosques de pinheirais, lagos com vitórias-régias e hortênsias ao redor, muitos quartos e uma piscina que talvez não fosse das maiores mas assim me parecia. Na minha perspectiva, sozinho com a minha mãe, eu achava tudo imenso, como se fôssemos duas pequenas manchas num universo que ao mesmo tempo atraía e assustava. Talvez o espaço que sobrava devesse ter sido preenchido por meu pai.

\* \* \*

A explicação sobre a separação está fixada na minha memória de jovem, não de criança. O que sei sobre o fato me foi contado no decorrer do tempo, e descreve um casamento desde cedo desequilibrado, um marido com um grande coração mas singelo intelectualmente e pouco ligado a assuntos culturais, com seu grupo de amigos húngaros e o lazer centrado nas mesas de carteados, que tomavam por inteiro o fim de semana. Minha mãe, mais culta e admiradora de literatura e artes plásticas, não gostava de baralho, não falava húngaro e tinha pouca intimidade com o grupo que chegara ao Brasil junto com o meu pai. Ela considerava bastante promíscuo o ambiente entre os amigos dele, ligando os comportamentos da

comunidade húngara a práticas da Viena modernista, onde, segundo ela, era comum o “*haus freund*”, um tipo de ménage à trois, mais usualmente entre dois homens e uma mulher. Para Mirta, os constantes casos extraconjugais que surgiam nas festas e os maridos farristas que não davam satisfação às mulheres eram a regra entre os casais da turma de André. Mas várias esposas também mantinham liberdade nesse campo, coisa que nunca esteve nos propósitos de minha mãe. As culturas, ainda segundo ela, eram muito diversas.

Meu pai não abria mão do jogo de cartas, enquanto Mirta desejava um casamento diferente, queria mais companhia. A solidão se tornou insuportável. Depois da separação consumada, meus avós passaram a atuar para que uma reconciliação não acontecesse. Chegaram a recorrer a vizinhos, dos dois prédios onde moramos durante esse período, para verificar se meus pais se encontravam.

Minha mãe também era filha única. Meu avô a havia proibido de estudar medicina. Para ele a universidade não era lugar para mulheres, além de haver a possibilidade de lá sua filha se apaixonar por um não judeu e se envolver em agitações estudantis. Mirta foi obrigada a cursar secretariado e trabalhar com os pais, enquanto esperava o dia do casamento, quando assumiria os cuidados do lar. Foi o que ela fez ao se casar com André, o bonitão que cobiçou desde a primeira vez que o viu, num baile no Clube Húngaro. Alguns anos depois, como secretária do meu avô, minha mãe passou a ver meu pai na gráfica da família, pois ele trabalhava como representante comercial de um fabricante de papel. André ia com frequência à Cromocart, onde inicialmente tinha uma relação excelente com o meu avô. Quando a filha se interessou pelo vendedor de papel boa-praça, Giuseppe saía por uma porta lateral ao ver André entrar pela porta da frente.

Ao se casarem, Mirta tinha dezoito anos e André, trinta. Meu avô tentou evitar aquela união precoce; levou a minha mãe para passar um mês na Europa, buscando desviar sua atenção e convencê-la a esquecer a paixão juvenil. Não foi bem-sucedido. Ao voltar da turnê com Giuseppe, Mirta exigiu que seus pais aceitassem o casamento, que foi marcado a seguir.

Depois de casado, meu pai começou a trabalhar com o sogro. Foi uma ideia infeliz, desde o princípio. Na gráfica de cartões, para a qual meu futuro apontava, não havia paz. Às vezes me ocorre a fantasia de que, quando eu nasci, meus pais e avós afixaram na porta do quarto na maternidade um cartão de boas-vindas, impresso na própria Cromocart Artes Gráficas, com os dizeres: “Bem-vindo, querido herdeiro, a gráfica da avenida Rio Branco te aguarda”.

Assim, a empresa de que meu avô tanto se orgulhava era palco de brigas diárias entre sogro e genro. Os anos teriam que correr rápido para que a minha chegada pudesse trazer a paz familiar, ou para que meu avô me passasse o bastão. Nenhuma das duas coisas aconteceu.

Com a separação, meu pai saiu da empresa e minha mãe voltou a exercer sua função de secretária da gráfica, para ajudar nas contas da casa.

Após a reconciliação, meus avós nunca deixarão de interferir na relação entre meus pais. Por um ano e pouco, André continuou a trabalhar numa plissaria que fundara com amigos húngaros logo ao se desquitar. Depois disso, paradoxalmente, minha avó exigiu que meu pai voltasse para a Cromocart, deixando a sua sociedade na modesta confecção, no bairro do Bom Retiro, onde era muito feliz. Mici relevou as desavenças com o genro para poder viajar com Giuseppe, que na verdade não gostava de sair do trabalho e preferia ver meu pai longe da gráfica. A plissaria era menos rentável que o emprego na Cromocart, mas André e Mirta viviam melhor, sem a sombra da convivência difícil entre sogro e genro. No entanto, fraquejaram ante a

pressão e a promessa de que meu avô se aposentaria em futuro breve. Essa foi das poucas promessas que Giuseppe não passou nem perto de cumprir.

Embora a vida em família parecesse normal, existia uma surda animosidade dos meus avós com meu pai, a qual nunca se extinguiu. Todo sábado no almoço, ou nos jantares dos feriados judaicos, íamos ao apartamento do Giuseppe e da Mici na rua Piauí, em frente à praça Buenos Aires, e depois ao da rua Pernambuco. Na maior parte do tempo, não havia brigas, mas faltava algo ao círculo de amor familiar, onde os afetos eram muito desiguais. O único ponto comum era o herdeiro.

Meus avós também disputavam a minha posse com meus pais. O primeiro filho e neto se tornou alvo de mimos, principalmente por parte da Mici. Ela e Giuseppe me tratavam como se fossem mais do que avós. Parecia que eu tinha dois pais e duas mães. Todos cheios de amor para dar. Com o tempo, isso só ficará pior.

Muito jovem fui me transformando numa das personalidades fortes da família, a segunda depois do meu avô. Giuseppe, fora do âmbito doméstico, era um homem generoso. Porém, não respeitava a esposa, a filha e tampouco o genro. Ainda pré-adolescente, eu passaria a ser a única pessoa que ele ouvia.

Mas, antes que isso acontecesse, eu me tornei um confidente dos meus pais, coisa que começou no período da separação e com o tempo se exacerbou. Me sentia enredado entre as reclamações do meu pai, os cuidados da minha mãe e as juras de amor ao filho único, de ambos. Dessa forma eles expunham a mim sua fragilidade, sem disfarces. Puxado de um lado para outro, não sabia bem se podia confiar na força daqueles que deviam ser meus primeiros heróis e principais exemplos. Adquiri um senso de responsabilidade muito grande, agravado pelo fato de que, desde quando retomaram o casamento, sempre os ouvi repetir que voltaram a se unir por minha causa.



Num determinado domingo durante a separação, quando subi para o apartamento sem meu pai, me pus a socar a barriga da minha mãe fortemente, culpando-a. Abalada, Mirta me disse que pela primeira vez na vida tomou um porre de uísque sozinha e chamou meu pai de volta. Com certeza nesse dia fui posto a par dos meus poderes infantis. É claro que algo que havia dentro dos meus pais foi fundamental para a reconciliação, mas é muito significativo que até hoje, quase sessenta anos depois, a responsabilidade recaia sobre as minhas costas.

Passei a ser um menino muito sério e responsável. Essa imagem colou no meu avô, que antes disso, sem nenhum mérito meu, já idealizava o neto. É possível que, pela configuração da família, mesmo que eu não desenvolvesse precocemente esses traços de personalidade, Giuseppe viesse a depositar confiança descabida em mim.

Diante de expectativas exageradas, passei também a me cobrar em demasia. Se esse conjunto não me conferiu uma depressão infantil, certamente aguçou em mim o sentido de que eu era muito importante para o casamento dos meus pais e para, no futuro, evitar que André afundasse numa tristeza profunda. Nas últimas décadas da sua vida, ele colocará ainda mais em mim a responsabilidade por salvar seu casamento, que, exceto por um curto período após a reconciliação, foi sempre frágil. Desde pequeno eu era crucial para um matrimônio com variados motivos para dar errado, e nada do que pudesse fazer o tornaria feliz. Ainda criança ou jovem eu não tinha meios de me dar conta disso.

Por essa razão, a imagem que guardo de mim muito pequeno é a de uma foto feita por um fotógrafo profissional: cabelo engomado, roupas arrumadas com esmero pela minha mãe, sentado com os pés no ar — eles nem chegavam até a ponta do sofá — na casa dos meus avós. No meu colo estava um pequeno violão que eu não sabia

tocar. A pose incluía um sorriso bastante angelical e um olhar para o alto, distante.

Anos depois minha mãe me fará posar para a realização de um retrato a óleo. Eu tinha por volta de sete anos. Passei horas vestido com uma camisa de marinheiro, branca e azul, numa tortura que aceitei sem reclamar. O que se vê no quadro, que hoje decora uma parede do quarto das minhas netas, é um menino adulto, um marinheiro compenetrado em corpo de criança, que, diferentemente do que se vê na foto, não sorri para o alto nem para o retratista.

Nesses anos, quando comecei a pedir por um irmão ou irmã, recebi respostas constrangidas dos meus pais. Só mais tarde vim a saber que três ou mais irmãos meus não chegaram a nascer. Na verdade, um deles nasceu, teve nome e enterro. Outros, minha mãe perdeu no caminho, por erro médico ou problemas de saúde. Três foi o número que me foi dito muitos anos depois de os eventos terem ocorrido. Hoje minha mãe fala vagamente numa dezena de abortos involuntários.

A batalha de Mirta para engravidar durará em torno de uma década, incluindo meses seguidos na cama, visando evitar a perda dos filhos. Nas suas últimas tentativas, quando ficou um longo tempo deitada, quase sem se levantar, me disseram que a causa era uma úlcera no estômago. Ela de fato tinha a doença, mas a história era mais complexa. Eu passava horas ao seu lado, lendo o *Thesouro da Juventude*, que reunia contos, jogos e truques para meninos. A enciclopédia que ensinava a fazer um estilingue ou a nadar sem entrar na água, e esses tempos à beira da cama da minha mãe foram parcialmente retratados no livro infantil *Em busca do Thesouro da Juventude*. Hoje penso que aquela volumosa coleção azul foi escrita para meninos que, como eu, não tinham amigos mas liam fábulas clássicas ou descrições de como seria brincar, em grupo e na prática.

Trabalhando durante a separação e logo ao reatar com meu pai, tentando engravidar por anos a fio e cuidando do lar, Mirta foi a responsável por me transmitir o gosto pelos livros e pela arte. Não possuo tantas lembranças dela brincando comigo. Na principal imagem que guardo da minha mãe durante a infância, ela está acamada. Quando não conversávamos, nosso tempo em comum era dedicado à leitura, ou aos fascículos sobre artistas que Mirta colecionava.

Pouco mais tarde, no curso primário, no Colégio Rio Branco, fiz um primeiro amigo chamado Roberto Amado. Ele era sobrinho do grande escritor baiano. Na biblioteca da Mirta, Jorge Amado ocupava lugar fundamental. Ela lia tudo que o autor de *Capitães da areia* publicava. Certo dia, ainda acamada, tentando manter mais uma gravidez até o fim, me pediu que levasse uma penca de livros à casa do Roberto, onde Jorge Amado se hospedava temporariamente. A pilha de livros encadernados que carreguei até o apartamento na rua Itacolomi poderia ter me qualificado para o trabalho de equilibrista de circo. Lá, no jardim de inverno, encontrei um senhor bastante simpático, usando sandálias de couro, bermudas brancas e camisa florida. Sua barriga vencia alguns botões da camisa, desabotoando-os. Foi muito agradável comigo, mas custou um tempo para que eu me acostumassem com a ideia de que aquele senhor, desarrumado e informal, era mesmo o grande escritor de quem a Mirta tanto falava.

De toda forma, a minha imagem na foto e no quadro e as lembranças ao lado da cama da minha mãe retratam uma infância de um filho único que desde cedo, e involuntariamente, se incumbiu de tarefas pouco infantis. Na foto, o olhar para o alto simbolizará uma pretensão desmesurada que tomará conta desse menino, um minimessias familiar. Ou será que ali já se estampa um

pedido de ajuda antecipado, aos céus, de quem num futuro breve aprenderá que o tal messias não existe nem nunca virá a existir?

## 4. Os primeiros sinais

Quem tem depressão vive apenas em função do momento. O julgamento é sempre absoluto e no presente. Estamos deprimidos ou não? Fora das sessões de psicanálise ou terapia, fugimos das lembranças ou interpretações. Ao tentar rememorar a pré-história da minha doença, penso agora na minha constante angústia infantil. Era um tempo permeado de medo e silêncio. No entanto, esses sentimentos vinham a seco, pareciam naturais, como se não houvesse motivo que os justificasse ou acompanhasse. Sem ter com quem me comparar, eu provavelmente achava que ter medo era parte intrínseca da existência, que todos sentiam o mesmo que eu.

A vida era quieta, a solidão era normal, e no fundo restava um medo difuso.

Depois, na adolescência, creio que a depressão começou a se manifestar por uma grande propensão a dormir à tarde, em momentos de melancolia que variava de intensidade. Em contraste, eu era capaz de comer vorazmente. Uma pizza inteira era uma refeição corriqueira para mim. Hoje aprendi que a combinação dessas duas práticas podia apontar para uma depressão atípica, sendo um indício de possível bipolaridade. Mas eu não me entendia como deprimido até que um médico da família ou meus pais

acharam que deveria procurar um psicólogo, quando tinha catorze anos. Na época, eu ainda não desempenhava função ativa no grupo juvenil judaico. Lá, com o tempo, me transformarei moderadamente num líder, comandando, com muita energia e algum carisma, crianças mais novas. Nesse período a depressão some por completo. Antes disso e de me tornar o goleiro oficial do Colégio Rio Branco, eu tinha poucos amigos. Em casa me dividia entre realizar com afinco as tarefas escolares, ouvir música, um costume que entrava com força em minha vida, e dormir por horas e horas.

Quando eu era um pouco menor, meus passatempos eram chutar a bola na parede para em seguida agarrá-la, jogar sozinho futebol de botão e olhar, pela enorme janela da sala, os carros passarem, sentado sobre minhas pernas, no jardim de inverno onde havia um carpete felpudo e abundantes vasos com samambaias. Ao observar os carros, eu tentava adivinhar quais modelos dobrariam a esquina e celebrava quando acertava, atribuindo-me um poder premonitório. Também por um bom tempo, eu olhava os garotos da rua jogarem futebol com uma bola de meia ou praticando o jogo de taco, sem coragem ou autorização para descer e me juntar a eles. Comecei então a atirar bombons Sonho de Valsa e chocolates Diamante Negro, que surrupiava da despensa, na direção do campinho, situado no terreno baldio ao lado do prédio. Depois de atirar, eu me escondia atrás da cortina e observava os meninos se voltarem para os céus, tentando entender como chocolates caíam milagrosamente do alto. Dando falta dos bombons, meus pais ficaram desconfiados, e meu passatempo teve que ser moderado.

\* \* \*

Durante a separação, minha mãe e eu havíamos nos mudado para um apartamento menor. Saímos do conforto

da rua Bahia, pois o imóvel precisou ser vendido para completar a divisão de bens entre meus pais. Com a volta do casal, continuamos na rua Itambé, mas Mirta deixou novamente a gráfica e arrumou um trabalho complementar ao do meu pai, por conta própria. Eu permanecia ao lado da minha mãe enquanto ela costurava para fora e a acompanhava nas visitas aos clientes. Ficava consternado quando os compradores recusavam injustamente suas entregas. Isso não era tão incomum nos anos 1960 — uma mulher que trabalhava sozinha, enfrentando lojistas, ser muitas vezes tratada com desdém, com atitudes machistas e grosseiras.

Conversávamos muito nesse período, sobre temas diversos, mas a vida familiar sem dúvida era um dos assuntos centrais. Falávamos também sobre os feitos heroicos do meu avô materno, responsável por salvar a família antes de os nazistas entrarem na Croácia, e sobre as dificuldades do meu pai. Ainda demorará um pouco para ele voltar a trabalhar com meu avô. André permaneceu por mais algum tempo na confecção no Bom Retiro. Era esse o ambiente que mais combinava com ele, embora não fosse definitivamente o círculo de relações da minha mãe. O trabalho dela vendendo saias ajudou nas finanças familiares. Foi o período de maior felicidade do casal. Meu pai estava distante do convívio diário com o meu avô, e minha mãe ocupada com um trabalho seu, sem ser exclusivamente responsável pelo lar.

As tentativas de engravidar cessaram provisoriamente e só serão retomadas mais adiante, quando André voltará à Cromocart e o objetivo de ter uma extensa prole ocupará de novo o centro da vida dos meus pais. Para isso Mirta deixará de trabalhar. A mesa da sala ficou livre para os meus jogos de botão, mas o ambiente que cercava meus estádios imaginários mudou, literalmente do dia para a noite.

Para André, mesmo sem outros filhos, uma coisa já estava garantida: eu ganhara o nome do meu avô, visando repor

uma existência que se perdera tragicamente. Assim tive formação religiosa liberal desde pequeno, frequentei o curso de judaísmo da Congregação Israelita Paulista, duas vezes por semana, e a mim foi reservado o único objeto que meu pai trouxera com ele para o Brasil: o *talit* usado nas festas judaicas pelo meu avô. Trata-se de um grosso manto de lã, branco e preto, o branco bastante amarelado pelo tempo, e quente demais para o clima tropical. Até hoje fico comovido ao ostentar os trajes de Láios no Yom Kipur, o Dia do Perdão judaico. Os meninos só passam a usar o *talit* depois do bar-mitzvá. Quando completei treze anos, senti um misto de emoção e desconforto ao vestir o manto do meu avô, de quem tão pouco sabia. A emoção pesava e o calor incomodava.

Meu pai usava o Yom Kipur para homenagear o pai dele. Sem saber a data exata da morte de Láios, considerava que esta havia ocorrido naquele dia sagrado. Assim, ele passava o dia inteiro em jejum, na sinagoga, como fazem os mais religiosos. Durante toda a cerimônia, seus olhos ficavam completamente marejados. Não sei de que modo suportavam, por longo tempo, o peso das lágrimas represadas, nem como podiam se avermelhar tão bruscamente.

A convivência com tanta tristeza era penosa. Eu queria sair daquele lugar, na segunda fileira do templo, a poucos metros de onde sentavam os rabinos. Me virava incessantemente, mirando o andar de cima, onde ficava a maioria das crianças, com muito mais liberdade para conversar. Meu pai, que me queria o tempo todo a seu lado, me acotovelava e apontava com o dedo indicador, chamando minha atenção para o livro de rezas. Assim o peso da morte do meu avô recaía também sobre meus ombros.

Como eu suava em bicas com o *talit*, meu pai permitiu que o usasse apenas na reza mais importante, na abertura da noite do Kol Nidrei. A liturgia dessa reza sempre me



emocionou, mesmo com todo o calor. Tanto pela beleza da música como por repetir um pedido direto de perdão, tão significativo para o André. No Kol Nidrei, os judeus se desculpam perante Deus por terem pecado e assumido outras identidades religiosas para sobreviver à Inquisição. A melodia é cantada com a presença, no púlpito, dos anciãos da sinagoga. Essa reza abre o Dia do Perdão, que só se encerrará com a chegada da noite, no dia seguinte.

Se a tristeza do meu pai no Yom Kipur era patente, no Kol Nidrei ela parecia atingir o seu ponto mais alto. Nos primeiros anos, bastante suado, tão logo a reza inicial acabava, eu trocava o *talit* de lã de Láios por um manto mais leve, trazido de Israel pela minha tia. Hoje faço questão de usar o *talit* do meu avô durante todo o Yom Kipur.

As confidências dos meus pais, o peso do manto do meu avô, a convivência difícil na sinagoga com meu pai... O que teria acontecido se eu tivesse mirado menos o andar de cima e simplesmente me juntado aos outros, ou ido brincar com as crianças lá fora? Qual seria a minha história se eu tivesse criado coragem e descido à rua, para jogar bola com os meninos dos cortiços próximos ao prédio onde morava e mostrar que, mesmo superprotegido, era um craque no gol?

Num conto chamado “Sétimo andar”, que faz parte de meu livro *Discurso sobre o capim*, eu relato as tardes que passava à janela do jardim de inverno, na rua Alagoas, olhando os meninos jogarem futebol. No conto, o personagem se questiona se conseguiria jogar com os pés descalços como eles ou se enfrentaria a vergonha ao calçar seus tênis de couro impecáveis. “Sétimo andar” termina com o narrador se dando conta do transcorrer do tempo e de seu crescimento, através de vários detalhes. Na vida real, pelo encurtamento da minha infância, não sei se tive essa relação sutil com a temporalidade.

O tapete marrom felpudo e as janelas de cima a baixo que marcavam o estilo modernista do meu terceiro endereço em Higienópolis são algumas das imagens que guardo de uma redoma infantil, aparentemente tão protegida mas que de fato era vulnerável a tudo o que se passava ao meu redor e que com o tempo reverberou em silêncio na minha mente.

Nos momentos em que minha depressão aparecia como temor infantil ou imersão no sono vespertino da juventude, eu provavelmente tinha poucos pensamentos depressivos claros. Era mais medo e melancolia. Décadas depois, quando a doença receber um diagnóstico definitivo, a situação será muito diferente. Vários enredos e motivos estarão associados ao que senti no período mais grave da depressão. Muito do que estava vivo em minha cabeça ligava-se levemente àquele caldo do passado, enquanto a parte mais significativa havia sido cozida com temperos recentes, como o sucesso profissional, a arrogância no trato com os familiares próximos e uma quantidade de certezas totalmente insalubre.

Com um longo tratamento — os mais diversos tipos de antidepressivos e estabilizadores de humor, treze anos de psicanálise —, além de todo o apoio familiar que tive e tenho, quando as recaídas acontecem, elas lembram mais as tardes de sono da adolescência ou os medos infantis. Hoje a depressão volta sem enredo específico, como uma reação química pura. Na maioria das vezes, inexplicavelmente, a velha senhora chega sorrateira. E tira minha respiração.

## 5. A visita ao cemitério

Durante décadas, o tema dos irmãos que perdi ou não tive apareceu em minha vida, de variadas formas. Como tristeza sem palavras dos meus pais ou como pano de fundo da separação. Por muito tempo, era sobretudo uma enorme dúvida que pairava acima da infância solitária, enquanto a maioria dos meninos e meninas que eu conhecia tinha irmãos. Não sabendo exatamente o significado da palavra “destino”, eu decerto me perguntava sobre o meu. Seria alguma falha minha o motivo para não merecer irmãos? Muito pequeno, sem ter ideia de como se dava a reprodução humana, para mim era ainda mais difícil entender os problemas físicos que impediam minha mãe e meu pai de terem outros filhos.

Tudo isso passava pela minha cabeça ou restava solto no ar. Naturalmente, mais tarde entendi que eles não conseguiam ter outros filhos por uma razão acima da sua vontade. O silêncio em torno dos abortos gerou um trauma familiar que, quanto mais subentendido, mais se avolumava.

Minha narrativa agora é fruto de longa reflexão, mas a falta de companheirismo do meu pai, durante os vários períodos de convalescença da minha mãe, é uma novidade bastante recente para mim. Naquela época os maridos

deixavam a gravidez e o cuidado diário com os filhos quase que totalmente ao encargo das esposas. Além disso, meu pai agiu mais segundo os padrões de uma casa judaica religiosa da Hungria dos anos 1930 do que segundo aqueles de um matrimônio laico no Brasil dos anos 1950. A injustiça da divisão de trabalho entre o casal era ainda mais gritante no lar de origem de André, e ficava muito longe dos ideais de vida conjugal de Mirta. De toda forma, nunca pude ouvir a versão do meu pai a esse respeito. Soube do seu comportamento apenas pela minha mãe, há dois anos, numa visita nossa a um cemitério.

No conjunto, o ambiente familiar complicado pelo período da separação e a constante perda dos outros filhos tão desejados contaminará cotidianamente o ar da minha casa, resultando numa forte pressão sobre meus ombros. Desde muito pequeno, compreendi ter assumido o papel de principal provedor da alegria do lar. Meu pai dizia que eu deveria sempre lembrar que ele era meu melhor amigo, e vice-versa. Ele repetia e repetia isso, à exaustão, enquanto minha mãe me entupia de cuidados e preocupações. Assim, no centro da minha infância, foi se fermentando um senso de responsabilidade quase patológico. Eu vivia preocupado em nunca desagradar meus pais.

Entrei no treino de natação na Hebraica sem gostar de nadar, pois meus pais, a partir da opinião equivocada de um pediatra, achavam que eu nunca passaria da altura da minha mãe, cuja estatura é baixa. Pratiquei todo tipo de esporte no clube, a contragosto e com desempenho apenas razoável, já que meu pai me proibia de treinar futebol. Me destacava no gol, porém nessa posição André achava que eu não me desenvolveria fisicamente. Passei pela natação, basquete, judô e vôlei, mas só pude entrar no time de futebol do clube, onde me divertiria e teria mais sucesso, depois dos treze anos. Meus reclamos quanto a tais obrigações foram pífios, se é que existiram.

Quando eu tinha apenas cinco anos, por estar sempre sozinho durante as férias escolares, meus pais começaram a me enviar para colônias. A experiência foi traumática.

Com essa idade fui pela primeira vez para a Ma-Ru-Mi, um acampamento de comando germânico, em Campos do Jordão. Eu era o mais novo da turma e sofri um bullying fortíssimo. Ainda assim, voltei outros quatro anos à colônia, sem nunca relatar o sofrimento a meus pais. A Ma-Ru-Mi tinha um regulamento muito rígido. Éramos julgados diariamente pela arrumação dos quartos e hasteávamos a bandeira da colônia, num círculo, logo ao acordar, malgrado as baixíssimas temperaturas da região. Nesse ritual podíamos ser repreendidos na frente dos colegas, ainda de barriga vazia. Além disso, as crianças deviam deitar e tentar dormir depois do almoço, sem poder sair do quarto. Certo dia, com urgente necessidade de ir ao banheiro, tive que obedecer ao monitor, que me impediu de levantar. Todo molhado e sujo, o mais humilhante foi ter que limpar a cama diante dos colegas. Hoje até me pergunto se cheguei a solicitar com a ênfase necessária, ou se apenas decidi tentar cumprir a ordem à risca e em silêncio. Passei a ser chamado de Xixico, apelido que ficou colado em mim todas as outras vezes em que fui à Ma-Ru-Mi.

Na volta a São Paulo, no fim de cada temporada, eu chegava ao Pacaembu, onde os pais esperavam pelos filhos, com o rosto grudado no vidro do ônibus, tentando disfarçar o sofrimento que padecera em Campos do Jordão, ou evitando ouvir os últimos xingamentos dos colegas. Me concentrava no que ia falar a meus pais. Praticamente só contava dos passeios a cavalo, que eram de fato os momentos em que conseguia esquecer do bullying, galopando. Não sei que outras coisas eu precisei inventar para pintar um quadro agradável dos dias de suplício na colônia.

No retorno de uma dessas viagens a Campos, talvez tenha tido uma reação psicossomática a tudo que passara,

ou uma queda acentuada de resistência, e contraí quatro ou cinco doenças seguidas. Fiquei um mês de cama. Tudo se iniciou com uma micose que me obrigava a mergulhar os pés no bidê, em muitos banhos de permanganato de potássio. O bidê se transformava com aquele roxo brilhante meio exótico, enquanto meus dedos escureciam e minhas unhas começavam a cair. Eram horas por dia olhando meus pés ali, sumindo e aparecendo no lilás do permanganato, um passatempo funéreo. Há alguns anos incluí essa cena num conto, o menino lendo o futuro através do roxo oscilante em que banhava seus pés. Era uma tosca homenagem a Jorge Luis Borges. Ao recordar minhas jornadas com os pés no bidê, lembrei das narrativas do escritor argentino em que o destino dos homens ou a compreensão do universo são ligados às listras de um tigre, ou a um Aleph no porão de uma morada. No meu conto, havia uma dissimulada autoironia, que tentava deixar implícito que cada um tem o Aleph que merece. Depois da micose, se não me falha a memória, tive rubéola, catapora e caxumba.

Do último ano em que fui à Ma-Ru-Mi, me recordo de um episódio que teve um sabor agridoce para mim. Foi lá, já com dez anos, que ouvi pelo rádio a derrota do Brasil para Portugal, na Copa do Mundo de 1966. Lembro bem de todos amontoados para escutar o jogo, que marcou nossa eliminação da Copa da Inglaterra. O sentimento de impotência ao acompanhar uma derrota do seu time numa partida de futebol é sempre grande. No rádio essa sensação é ainda maior. Com vinte pessoas entre você e o aparelho, a coisa só piora. No entanto, em meio a tanta tristeza, fiquei fascinado pela narração, na qual Fiori Gigliotti, prídigo em metáforas, ministrava uma aula inicial sobre essa figura de linguagem. “Abrem-se as cortinas, torcida brasileira”: assim ele começava a transmissão de todos os jogos. O gramado era um tapete ou tablado verde, o atacante português Eusébio, uma pantera. É claro que eu não sabia o

significado de “metáfora”, e muito menos que no futuro trabalharia controlando o uso de figuras de linguagem. A força dramática com que aquela derrota foi narrada nunca saiu da minha cabeça. E eu, vivenciando mais uma experiência triste de férias, escutava comovido Fiori Gigliotti falar no fim do jogo, “tudo é melancolia no lado brasileiro”, “tudo é dor, senhoras e senhores”. A partir de então, fui muitas vezes a estádios com o radinho de pilha colado à orelha; assistia aos jogos por minha conta mas os ouvia na voz daquele locutor.

Um pouco mais velho, passei a curtir as férias em São Paulo. Com nove ou dez anos de idade, podia ir de ônibus sozinho para a Hebraica, onde jogava futebol o tempo todo, apesar da ordem dada por meu pai de praticar natação. Antes de voltar para casa com o mesmo ônibus elétrico da ida, eu tomava banho e molhava o maiô, simulando no calção encharcado as horas na piscina que evitava a qualquer custo.

Almoçava sozinho no clube, o que acabou se transformando em alta diversão. Eu me sentia um garoto crescido, com o cardápio nas mãos, sentado a uma mesa à beira da piscina, suado, trajando as roupas de futebol. A escolha variava entre dois sanduíches de queijo quente no pão sírio, dois churrasquinhos com vinagrete no pão francês, e pratos típicos de clube, filé à Diana com batatas fritas, à parmegiana com arroz branco... Naquela hora eu não sentia falta de companhia.

Com coragem, nos fins de semana me oferecia para atuar como goleiro dos veteranos, e me destacava nas peladas, mesmo sendo um tampinha. Eu voava todo o tempo para agarrar as “bombas” dos velhos, que precisavam de alguém no gol. Num desses jogos, um sujeito que dizia ter treinado em times na Argentina me escolheu para a prática de exercícios típicos de goleiros profissionais. Acho que se comoveu com meu empenho e queria me treinar. Ficávamos num gramado à parte, perto do playground, onde fazíamos

flexões e outros treinos específicos. Eu agarrava as bolas que ele me lançava enquanto prendia minhas pernas no chão, com seu joelho. Depois, em pé, eu saltava, sem parar, de um lado para outro das traves que improvisávamos com camisas, ou com garrafas vazias de refrigerante. Nesses momentos eu esquecia qualquer outra responsabilidade além de agarrar a bola e proteger o gol. Saía de lá exausto e realizado.

No Rio Branco, eu não tinha grande aceitação por parte dos colegas de classe, já que não me desvencilhava da preocupação em ser bom aluno. Seria impossível levar uma nota ruim para casa ou repetir o desempenho do meu pai na juventude. Assim, só me tornei popular e ganhei amigos quando meus dons futebolísticos foram descobertos. No fim do ginásio, minha classe formou um time imbatível. Vencemos por dois anos seguidos o campeonato interclasses. Foi quando eu e alguns colegas fomos convocados para representar o colégio em torneios municipais e entre escolas. Minha foto começou a aparecer no jornal do grêmio, e muitas vezes, quando a aula de educação física invadia o intervalo, outros garotos se juntavam para ver aquele esquadrão jogar. Eu gostava de fazer minhas acrobacias, as mesmas que treinei tantas vezes no clube, ou sozinho em nosso pequeno apartamento da rua Itambé, chutando a bola contra a parede, defendendo e narrando hiperbolicamente.

O vizinho de baixo se pôs a reclamar do constante bate e volta da bola na parede, e talvez da minha narração gritada. Travamos por meses uma batalha da minha bola e voz contra a vassoura com que ele cutucava o teto do seu apartamento, além de seus berros exigindo o fim daquela balbúrdia. Era como se uma copa do mundo ocorresse o ano inteiro no meu quarto. Enquanto minha mãe costurava para fora e eu não conseguia jogar futebol de botão na mesa da sala, a única alternativa de lazer que me restava era aquela



batucada da bola contra a parede, transmitida em alto e bom som.

O futebol, de botão ou de parede, e as idas à Hebraica vêm à minha lembrança como trégua no anseio por irmãos. Fazem parte de um período em que imagino ter cobrado menos aquele presente que eu queria ganhar dos meus pais e que nunca chegava. Talvez me recorde das coisas assim, em compartimentos separados, justamente por ser a época em que supostamente meus pais foram mais felizes. Antes e depois desse interregno, a tristeza e frustração pelos filhos que não vinham, a impossibilidade de meu pai aceitar a dificuldade da minha mãe em manter as gestações, as brigas e o afastamento do casal, passavam para mim, mesmo sem serem explicitados. E geravam no filho único a necessidade de irmãos para dividirem aquele fardo. Nada disso era consciente, mas hoje estou certo de que funcionava como um círculo vicioso: eles ficavam mal, eu pedia por irmãos, os irmãos não vinham, eles ficavam mal, eu pedia por irmãos...

Há cerca de um ano, numa noite de sábado, minha mãe assistiu a um filme em que o personagem sofria um aborto involuntário. Todo domingo pela manhã, eu ligo telefone e pergunto do filme e do programa da véspera, sempre compartilhado com a Ruth, uma amiga de infância, a quem ela conheceu nos tempos em que, fugida da Iugoslávia, viveu em campos de internamento na Itália. Naquele domingo, minha mãe não conseguia falar sobre o filme e me chamou para uma conversa. Revelou que, depois de mim, o único filho que chegou a nascer, e que meus pais batizaram de Rodolfo, estava enterrado no antigo cemitério judaico da Vila Mariana, numa sepultura sem lápide que ela nunca visitara. A cerimônia fora providenciada pelo meu pai, assim como a certidão de nascimento e falecimento, e a circuncisão, obrigatória também nos bebês mortos. Sem ela

o natimorto não é considerado judeu. Só então ele foi sepultado, enquanto meu pai rezava o kadish. Mirta não participava de nenhum desses rituais, e agora desejava ir ao cemitério. Quando Rodolfo nasceu, em 1958, eu tinha pouco mais que dois anos. Não lembro absolutamente do que me foi dito quando minha mãe voltou para casa, sem barriga e sem filho.

Eu sabia que meu único irmão que chegou a nascer ganhara esse nome, e às vezes até me preocupava imaginando que um nome tão incomum poderia gerar algum tipo de bullying para ele. Eu transferia a Rodolfo o que sofri nas colônias ou mesmo, e em menor escala, no colégio, por ser daqueles alunos que não aprontavam com os professores nem desafiavam as regras.

O cemitério da Vila Mariana está hoje fechado. Para visitá-lo, é preciso pedir autorização por escrito. A coletividade judaica cresceu e já há muito tempo enterra seus mortos num espaço bem maior, afastado do centro de São Paulo, no Butantã. A lápide do túmulo de Rodolfo não trazia seu nome, nem data alguma; nela constava o número 18, e nada mais.

O antigo cemitério é muito bonito. As sepulturas são mais padronizadas, do mesmo tamanho, se comparadas às do Butantã. A regra judaica sempre foi não diferenciar os mortos de acordo com o poder aquisitivo. Hoje isso se perdeu, e assim é tocante ver um cemitério com túmulos quase todos iguais e com dizeres ainda em hebraico.

Foi emocionante demais ir com minha mãe visitar o local onde se encontra meu irmão, e reconhecer sua curtíssima existência. Rodolfo viveu apenas três dias, se tanto.

O não reconhecimento do filho morto, assim como todo o silêncio que cercou as inúmeras tentativas de ter filhos, pesou bem mais do que se a verdade tivesse sido dita. Meus pais, que queriam nesse caso me proteger, escondiam

de si mesmos também o fracasso em ter “um time de futebol de filhos”. É dessa forma que minha mãe expressa o desejo do casal na época. “Um time de futebol” que parou no goleiro. Segundo Mirta, meu pai se casou com a única intenção de ter muitos filhos; sem amor. Não era o que André dizia.

No dia da primeira visita à Vila Mariana, minha mãe contou-me que o fracasso da gravidez anterior à do Rodolfo teve contornos trágicos, e contribuiu em muito para a separação dos meus pais. Conforme a sua lembrança, quando o aborto espontâneo começou a ocorrer, André recusou-se a aceitar o fato de que o sonho do segundo filho estivesse perdido, e houve uma briga feia entre ele e minha avó, para que minha mãe pudesse receber o devido socorro.

A relação do meu pai com meus avós se deteriorou bastante a partir de então. Quando ouvi o relato detalhado, me compadeci muito da minha mãe, mas não consegui ficar com ódio do meu pai. Certamente ele teria uma forma pouco elaborada para me contar a sua versão dos fatos. Porém, quando eu soube o que aconteceu naquela tarde, sessenta anos haviam se passado. Com essa longa maturação, o tempo e o silêncio transformam a memória, erguem narrativas sobre a narrativa original, regam os traumas, que quanto mais guardados mais fortes se tornam. A história daquele dia trágico não deve ter apenas uma versão. Mas os outros que a viveram já não podem falar, e a verdade que resta é uma só, a que marcou minha mãe por todos os anos de sua vida.

Decidimos dar a Rodolfo uma lápide com nome e data, e alguns meses depois fomos inaugurá-la. Nesse dia, quem rezou o kadish para o Rodolfo foi seu irmão mais velho, Láios, Luiz, que durante a infância e juventude foi chamado de Luizinho e mais tarde de Luizão.

## 6. Os apelidos

Como é comum acontecer com os caçulas e no meu caso com o agravante de ser um filho e neto único, desde muito pequeno o meu nome passou a ser usado no diminutivo, pelos meus pais, avós e todos os seus amigos. Talvez a enorme ânsia em me proteger os levasse a me infantilizarem de várias formas, incluindo o apelido. Por outro lado, eu era tratado como amigo e confidente, o que me conferia uma posição mais paritária. Havia uma cultura quase esquizofrênica, ou ao menos contraditória, à minha volta.

O apelido colou e me incomodou por anos a fio. Eu não me reconhecia como alguém indefeso, e assumia precocemente muita responsabilidade. Meu pai queria ver em mim um grande amigo, minha mãe um confidente, meu avô um futuro par ou sócio, e minha avó um filho postiço para mimar. Todos, no entanto, se uniam no diminutivo, que soava para mim como um xingamento.

No Clube Húngaro, onde íamos almoçar aos domingos, antes de meu pai jogar seu carteadado, eu era também o Luizinho. Em viagens de férias com o grupo dos húngaros para uma praia de lago, chamada de Praia Azul, a mesma coisa. Na gráfica do meu avô, onde eu passava algumas tardes, idem. Por isso eu gostava mais de ir à gráfica aos

domingos. Meu avô era maluco por trabalho. Nesse sentido, no começo da minha vida profissional, éramos idênticos. Até hoje reconheço o Giuseppe falando com minha voz, sobretudo nos momentos de humor. Sem pensar, faço exatamente o tipo de brincadeiras que ele fazia. É comum a Lili e a Júlia, nossa filha, dirigirem o olhar para mim nessas horas, lembrando do meu avô.

No fim de semana, o Giuseppe me levava à Cromocart e abria a pesada porta pantográfica de ferro, para lá ficar, a sós com o neto, por cerca de duas horas. Nesses dias ninguém estava trabalhando, e eu não tinha que ouvir os funcionários me chamarem pelo apelido, para agradar o meu avô. Era curioso o tratamento na gráfica, onde estava implícito que eu seria o futuro chefe. No entanto, de calças curtas, era tratado de um modo que eternizava a condição infantil.

Agora talvez seja fácil entender minha recusa desse papel parado no tempo, a criança petrificada pelo apelido. Na ocasião era apenas um peso a mais, o reforço da minha posição de filho e neto, como algo essencial em mim. Por vezes eu pedia abertamente que não me chamassem dessa forma, em outras apenas aceitava.

O Luizinho foi quem viveu os períodos de bullying nas férias, na escola, ou a solidão nas tardes até que chegasse a hora do jantar com meus pais. O bullying no colégio e a escassez de amigos perdurarão, até que duas revoluções ocorram, com pouco tempo de diferença uma da outra.

A primeira se deu, como eu já disse, através do futebol. Me destaquei pelo time da classe e fui convocado para a seleção do Rio Branco, com direito a foto de uma grande defesa no jornal da escola. Esse foi dos momentos mais felizes da minha adolescência. Ter a foto de uma ponte, salvando a bola que ia para a forquilha entre as traves. Não sei quantas vezes olhei e toquei aquela foto para me certificar de que era eu mesmo o herói fotografado. Pouco antes disso, de fato apareceram alguns dos sinais mais

fortes de melancolia vespertina, e meus pais me encaminharam a um psicólogo. Depois do silêncio e do medo da infância, a melancolia e a vontade de me alienar por meio do sono foram os sinais mais claros de que eu sofria ou viria a sofrer de depressão.

O começo da psicoterapia foi muito bom, mas depois fui transferido para a terapia de grupo, na qual eu me sentia completamente intimidado pela tristeza alheia e nada falava. Foi quando a convocação para a seleção de futebol e handebol do Rio Branco ocorreu. Não tive dúvidas, larguei o psicodrama e fui cuidar de evitar que as bolas chegassem às redes, na minha parte do campo. Ia treinar no colégio toda noite, com exceção da noite de sexta e do fim de semana. Ainda assim, nesses dias, eu dava um jeito de praticar no mesmo campo, por uma liberalidade do bedel, ou treinava na Hebraica. Por vezes era dispensado das aulas para atuar como goleiro em torneios em outras escolas ou clubes. Tive enormes alegrias nesses campeonatos. Praticava futebol de salão, de campo e handebol pelo Rio Branco. O que eu jogava melhor era o primeiro, embora tenha me destacado em handebol, esporte que eu não gostava de praticar. Entrei no time recém-formado da categoria para ajudar o professor de educação física, que me convocara para as demais modalidades também.

No futebol de salão, a princípio o titular era o goleiro do Palmeiras e da seleção paulista. Eu era honrosamente o reserva. Um ano depois da minha convocação, ele foi para a faculdade, e eu ocupei seu lugar. Eu jogava handebol como um goleiro de futebol, saltando de um lado para o outro. Todavia, a velocidade da bola lançada com as mãos é muito superior. Não há tempo para pular, e os goleiros jogam mais em pé, movimentando braços e pernas para fechar o ângulo do arremesso. Por ser bastante difícil defender o arco, o número de gols por partida é bem maior, inversamente oposto à mobilidade dos goleiros. No meu caso, que saltava de um lado para outro, tinha que ter um reflexo rápido, em

especial quando a bola quicava no chão e subia. Terminava o jogo exausto e com câibras. Provavelmente não era a forma mais eficiente de praticar esse esporte, mas era como eu estava acostumado. Num torneio em que nosso time, estreante em campeonatos, chegou ao terceiro lugar, acabei sendo observado por um olheiro de um time de futebol profissional da segunda divisão, que me convidou a fazer um teste. Fiquei lisonjeado, mas nem pestanejei. Não me julgava tão bom no futebol de campo. Aceitar aquele teste seria impossível com o senso crítico que eu já desenvolvera.

A segunda revolução se deu quando comecei a frequentar o movimento juvenil judaico da Congregação Israelita Paulista, a CIP. Aos doze anos eu já havia ido a uma colônia de férias dessa instituição, onde pela primeira vez não sofri bullying. Ali, eu me soltei, com as cantorias — tocava violão na época — e com os jogos esportivos e gincanas, nos quais me dava bem. Por ser bom aluno e leitor de livros, era bem-sucedido num jogo chamado futebol intelectual. Nessa brincadeira, vencia a equipe que respondia mais rápido e corretamente às perguntas dos monitores. A colônia da CIP também ficava em Campos do Jordão, mas, ao contrário do que ocorria na Ma-Ru-Mi, dessa vez minha alma saiu lavada.

Havia cantorias religiosas, toda manhã e depois das refeições — estas últimas bastante descontraídas. Eu me sentia tão à vontade que soltava a voz. As canções e graças pelo que comíamos valiam pela melodia e pelo ritual, ninguém se preocupava com o significado das rezas.

Por curto tempo, na colônia ganhei um apelido que não me incomodou. Eu era o Micheló, por conta de uma palavra que devia ser cantada com forte inflexão aguda e através da qual eu me esforçava para mostrar minha afinação. Foi lá em Campos, nessa colônia sem bullying, na véspera de

completar treze anos, que conheci a Lili. Dali a quatro anos, ela viria a se tornar minha namorada, para o resto da vida.

Dois anos após aquela colônia, comecei a participar de um movimento juvenil que se pretendia sionista light. Chamava-se Chazit Hanoar, era sediado numa casa ao lado da sinagoga da CIP e promovia encontros entre jovens todo sábado à tarde, além de viagens de acampamento, acantonamento, e torneios esportivos com outros grupos sionistas, na maioria sediados no Bom Retiro. As agremiações do bairro judaico de São Paulo eram mais francamente sionistas, enquanto a Chazit Hanoar era liberal e forçava menos na doutrinação das crianças, isto é, propagava o sionismo sem grande convicção. As famílias de classe média dos Jardins e de Higienópolis queriam seus filhos perto de Israel, *pero no mucho*. Mesmo assim, vários dos meus amigos da época acabaram se mudando para lá, depois de viagens para catar laranjas ou estagiar nos kibutzim. Eu não catei uma laranja sequer em minha vida, mas mergulhei na tarefa da Chazit como monitor de crianças mais novas, levando-as para acampamentos e discutindo questões humanitárias ou filosóficas toda semana. Devo muito da minha formação humanista e do desenvolvimento de alguma capacidade de atuar em grupo a esses tempos.

A doutrinação ou fanatismo pró-Israel nunca grudaram em mim, mas os valores judaicos sim. Lembro de grandes brigas com meu pai a respeito de Israel e sua política expansionista, que ocorriam, em geral, nos jantares após os feriados religiosos — ocasião em que as famílias judaicas fazem de tudo para brigar.

Ainda que sem grande religiosidade, me identifico com o judaísmo e gosto dos poucos momentos que passo na sinagoga, pois lá me encontro simbolicamente com meu pai. Hoje sinto falta do pesar que experimentava ao ver seus olhos marejados. Gostaria de ter feito mais por eles. Quando o André faleceu, eu ainda frequentava o mesmo templo da



minha juventude. Com seu assento vago, eu olhava o tempo todo para o lugar onde meu pai melhor expressava a sua tristeza e culpa. Nas poucas horas que meu filho vinha ficar a meu lado, eu vislumbrava um jogo de espelhos geracional. O Pedro é muito parecido comigo, que me pareço com o André. Vendo a cadeira dele vazia, ou meu filho sentado nela, conversava com André, nas “grandes festas”. Hoje ainda converso com ele, na outra sinagoga que escolhi frequentar. Muitas vezes lhe conto minhas dificuldades e angústias. Peço sua proteção e ajuda. Sei que ele não tem nenhum poder para mudar o que sucede aqui entre nós, mas lhe pedir que esteja a meu lado me parece essencial. Canto as músicas tentando imitar seu timbre ou sua expressão. Solto a voz sentidamente, como se fosse religioso, igual a ele. Imitar sua voz é das coisas que me fazem sentir mais próximo do meu pai. De certa maneira, o meu também é um canto cheio de culpa, por ter querido sair da sinagoga tantas vezes, embora houvesse continuado ali após seus pedidos, mas não espontaneamente. É como se eu me recriminasse por cada olhar meu para o andar de cima, por ter desejado ir conversar com outros jovens e não entender o quanto ele precisava de mim a seu lado, nos momentos em que lembrava do seu pai. Canto também para aliviar a culpa por ter me exasperado mentalmente ao não conseguir aliviar a sua constante tristeza.

Curiosamente, até os dezesseis ou dezessete anos eu era bastante afinado, como ele, que cantou no coro da ópera de Budapeste quando jovem. Nunca pude lhe perguntar se isso ao menos trouxe alegria ao meu avô. Depois dessa idade, comecei a desafinar, mas não tanto quanto a minha mãe, que definitivamente não nasceu para a música. Na sinagoga faço força para controlar minha voz quando ela teima em sair do tom. Tento também imitar a linguagem corporal do André, segurando o livro de rezas e olhando um pouco para

o alto. Nas poucas vezes que meus filhos, e agora minhas netas, vão à sinagoga, capricho na cantoria, e aponto com o indicador no livro de rezas o trecho da liturgia do momento. Exatamente como ele fazia quando notava a minha dispersão.

Por outro lado, me irrita profundamente com todas as outras festas judaicas fora da sinagoga, o jantar de Pessach — com a longa e repetida conversa sobre a libertação dos judeus do cativeiro no Egito — me soa como a noite mais chata do ano.

Meu pai praticava as *mitzvot*, atos de bondade, que são tão importantes no judaísmo. Visitava velhos húngaros e húngaras que estavam internados no hospital israelita. Na portaria do Albert Einstein, pedia a lista de internados e subia aos quartos dos que dividiam com ele a mesma nacionalidade. Naquela época isso ainda era possível; atualmente é feito apenas pelos rabinos. Ele pagou por tratamentos de amigos que só no momento da alta eram informados de que a conta do hospital estava quitada. Durante certo tempo, participou, assim como meu avô, da direção do Lar dos Velhos. Empréstava dinheiro a colegas húngaros que repetidas vezes o deixaram na mão. Lembro até hoje de uma manhã em que ele ficou sabendo que um dos seus melhores amigos e ex-sócio na plissaria tinha lhe aplicado um golpe graúdo e fugido para Israel. Minha mãe o fuzilava de raiva, mas ele permaneceu em silêncio até dizer, apenas, que o ocorrido fazia parte “da vida”.

Hoje em dia, eu visito dois de seus amigos mais íntimos, que estão no mesmo asilo. Passei a emprestar dinheiro a um deles, como meu pai, sem me preocupar em recebê-lo de volta. Sempre fico imensamente feliz quando entro no quarto desse amigo e ele me diz que, por um momento, achou que quem o visitava era o André, o homem mais bondoso que conheceu.

Meu pai era um judeu assim, judeu de sinagoga e dos bons atos. Levou-me ao serviço religioso toda sexta ao

anoitecer, durante muitos anos, o que eu sentia como uma tortura ainda maior. Era um ritual mais frio, sem a tristeza e a importância que as “grandes festas” tinham para meu pai. A reza da véspera do dia de descanso é bastante diferente da que precede ou acontece no Dia do Perdão.

Com a participação na Chazit, minha personalidade se transformará completamente. De garoto quieto e melancólico, eu passei a ter um perfil hiperativo, com certa facilidade em exercitar algum poder nas atividades coletivas.

Não me aproximei da religião, continuava sem jeito ao lado do meu pai na sinagoga, mas comecei a representar o grupo de jovens também nos feriados judaicos, com prédicas de caráter metafórico e uma alta dose de filosofia imatura. O rabino Sobel reparou no garoto dos sermões do grupo juvenil e sugeriu a meus pais que eu daria um bom rabino. Cheguei a viajar para encontrá-lo, numa ocasião em que eu estava na Europa, e o acompanhei a um congresso na Bélgica do qual participariam Golda Meir e Menachem Begin. A viagem, porém, não foi suficiente para incutir em mim o desejo de aprofundar-me na religião. Na época eu devia ter dezessete anos, e foi incrível estar no congresso e cumprimentar Golda Meir. Era um pirralho, acompanhando um rabino meio maluco, que gostava dos meus pais e via algum futuro em mim. No congresso eu nada fiz além de ouvir quieto aqueles grandes líderes discutirem sempre belicosamente — como é comum entre nós, judeus — assuntos variados, com foco principal na questão da relação de Israel com o mundo árabe. Sendo muito mais simpático a Golda Meir do que a Menachem Begin, então líder da direita israelense, fiz uma cara indiferente ao cumprimentar o presidente do Likud. Além disso, mais uma vez eu desempenhava algo com precocidade, o que devia agradar o meu ego, acostumado com isso de outros carnavais.

Também reconheço que, sem nunca ter pensado em ser rabino, a presença no púlpito da sinagoga, lendo meus textos, povoados de imagens poéticas pueris, repletas de esperança na humanidade, me deixava com o moral bastante elevado, cheio de mim.

Até hoje não sei dizer como brotou, do menino quieto, obediente e melancólico, a combinação de hiperatividade com a habilidade para entreter crianças na Chazit.

Passei a ser conhecido por Luizão, apelido que veio tão espontaneamente quanto o primeiro. Acredito que isso não se deu apenas pela minha estatura, mas por uma mescla desta com meu jeito expansivo e eloquente naquele grupo. Na época eu trajava quase diariamente um macacão jeans, com a língua dos Rolling Stones costurada na parte de cima, tênis All Star vermelhos, e usava cabelos que chamávamos de *black power*. Hoje esse termo dificilmente seria usado para qualificar o penteado de um garoto judeu, branco e de classe média alta. Eram outros tempos. Esse foi o visual que marcou minha figura naquele período, a imagem da libertação de uma infância cheia de diminutivos.

No movimento juvenil, também tive momentos de alegria futebolística, jogando pela seleção da Chazit contra os rivais mais sionistas do Bom Retiro. Me lembro em detalhe de uma defesa, num torneio no ginásio da Hebraica entre grupos sionistas, semelhante à que apareceu no jornal do Rio Branco: eu voando para os céus e caindo com a bola nas mãos. A mirada para o alto que antecedeu essas duas defesas é de outra natureza daquela transposta na foto da minha infância no sofá dos meus avós. Há nas fotos do goleiro a segurança de quem voltará com a bola abrigada.

O reencontro com a Lili se dará nessa época. Ela frequentava o Colégio Objetivo como eu, nos víamos a cada intervalo, mas na Chazit eu tinha contato com seu irmão, meu colega de turma, e com sua irmã, de quem eu era monitor. Embora eu tenha tido dois pequenos namoros antes, foi com a Lili que de fato aprendi o que é amar. Nosso

reencontro aconteceu quando eu estava às vésperas de completar dezessete anos. Até então, mesmo com algum sucesso social no movimento judaico, eu era muito acanhado amorosamente.

O surgimento do Luizão não fora suficiente para me fazer vencer a timidez nessa área. Minha iniciação sexual, muito precoce, depois do bar-mitzvá com uma prostituta arranjada pelo meu pai, me levava a caminhar para um bloqueio. Eu não gostei muito da experiência, mas a repeti por cerca de dois anos, uma vez por mês, sempre financiado pelo André. Em seguida parei, convencido de que sexo pago não era algo que me dava prazer de verdade. O curioso é que, nas visitas a putas “particulares” — era assim que meu pai as chamava —, eu marcava hora dizendo que havia sido o Simon, um amigo solteiro do meu pai, que indicara. E cumpria as orientações detalhadas do André, de como chegar ao local, me apresentar etc. Ao me despedir, terminado o meu tempo, sempre a moça mandava recomendações a meu tio, e sorria. Em determinada altura, comecei a achar que o tio em questão era meu pai. Quando eu voltava das primeiras aventuras na boca do lixo, ele me aguardava na sala de casa, para se certificar de que tudo tinha corrido bem.

Creio que a última vez que estive com uma prostituta foi traumática para mim. Se deu num bordel da rua da Consolação e com uma puta que não fora arranjada pelo meu pai. Em primeiro lugar, o resultado da trepada foi uma gonorreia, que me fez tomar injeções doloridas de Benzetacil. Depois da aplicação, era difícil voltar a pé para casa, mesmo que a distância até a farmácia fosse de apenas duas quadras.

A gonorreia pode ter dado algum orgulho a meu pai, mas não a mim. Mais que isso, lembro que aquela moça começou a me chamar com termos que me infantilizavam, tipo “vem cá, meu neném”, o que me soou completamente

intolerável. Na saída, coloquei o dinheiro com força numa cômoda e saí do quarto bufando e batendo a porta.

Minha vida sexual passou a se limitar ao tempo que passava trancado no banheiro, duas ou mais vezes por dia, para desgosto do meu pai. Eu escolhia, não sei por quê, justamente o final do almoço para me refugiar, com revistas que escondia no meio do jornal. Meu pai chegava a bater na porta, talvez com algum preconceito contra a masturbação, ou achando que eu me acostumaria só com o sexo solitário. Ele deve ter se incomodado também quando, numa viagem à Europa, fomos a um espetáculo de dança do ventre — eu tinha treze ou catorze anos. No show não demonstrei animação nenhuma com a dançarina que, num determinado momento, veio para perto da nossa mesa, chacoalhando os seios em minha direção. Lembro de não ter me empolgado e de reclamar posteriormente do excesso de pó de arroz no rosto dela. André não compreendia o meu jeito retraído nessas ocasiões.

Entre esse período e o reencontro com a Lili, alguns anos depois, somente pratiquei sexo sem companhia. Comprava revistas masculinas, além dos fantásticos “catecismos” de Carlos Zéfiro, muito mais excitantes do que qualquer foto.

Certa vez, meus pais fizeram uma viagem à Holanda e voltaram falando muito aos amigos sobre o Bairro da Luz Vermelha, onde as prostitutas ficavam expostas em vitrines. Também começou um zum-zum-zum, no clube de campo que frequentávamos, em Atibaia, de que ali estava circulando uma revista com fotos de sexo explícito. Naquela época eram desconhecidas revistas que estampassem casais trepando em detalhe, como se fossem fotonovelas sem legendas, em cores e com imagens de página inteira. Os closes do órgão sexual feminino eram de um realismo tal que mostravam algo que eu achava nunca ter visto, mesmo já não sendo virgem. Era como um filme pornográfico dos dias de hoje, numa revista. Foi o maior rebuliço no clube,

cujos sócios eram principalmente judeus de classe média, como meus pais.

Qual não foi minha surpresa ao descobrir que quem levara a tal revista ao clube de campo tinha sido meu pai — ou meus pais. Era um tesouro da liberação sexual, que circulou entre os garotos mais velhos mas que eu não podia ver. Só depois de meses de discussão é que permitiram que eu a folheasse.

Meu pai ganhou fama de malandro, com aquela atitude meio farrista, meio voyeurística, bem típica do ambiente do Clube Húngaro e dos amigos com os quais ele ia à sauna da Hebraica toda quarta à noite. André não era um homem de ter muitos casos extraconjugais. Segundo a minha mãe, ele era bastante abordado pelas mulheres e chegou a ter vários. No entanto, por princípio era contra aventuras sexuais ou amorosas sérias. Mas gostava de carteado, festas, cantoria e achava que as constantes escapadas a bordéis faziam parte da vida de casado. Numa ocasião em que julgou, por uma falsa intuição, que meu casamento com a Lili passava por uma crise, chamou-me para uma conversa. Ele gostava de conversar caminhando pelas ruas, ao anoitecer. Disse-me que pressentia que algo estava acontecendo com o casal e que gostaria de me dar um conselho muito importante. Depois de gaguejar um pouco, falou que, se um dia eu sentisse qualquer tipo de necessidade física, não propiciada pelo casamento, nunca deveria me envolver seriamente com outra mulher, mas procurar uma “profissional”.

Levei um susto danado, até porque não havia razão para que ele se preocupasse naquela época com meu casamento. Além disso, para mim estava mais do que claro que eu nunca mais iria usar os serviços de uma prostituta. Jamais contei a meu pai que não gostei das experiências, ele não entenderia. Voltei para casa com a mão nos ombros do André, e agradei com ternura o conselho, que ele me dava com seu jeito atrapalhado com as palavras, além das

incorrekções gramaticais, e o forte sotaque que nunca perdeu.

Lembrei na hora de outro passeio que fizera com meu pai, exatamente no começo da noite, ainda morando na rua Itambé, eu com nove anos. Ele me chamou depois do jantar e disse que queria dar uma volta comigo. Descemos a nossa rua em direção à Major Sertório, na boca do luxo, local das boates mais caras, como a famosa La Licorne. Eu fazia aquele caminho muitas vezes, pois pouco adiante ficava a loja onde mandava consertar meus carrinhos de autorama. Acho que até então não notara a existência da lendária boate ou não entendia do que se tratava. Quando chegamos em frente à porta, André me perguntou se eu sabia o que havia ali, e me deu as primeiras aulas de educação sexual. Estava orgulhoso de me apresentar à vida masculina, e dizer que depois do bar-mitzvá eu poderia frequentar os bordéis ou ir a alguma “prostituta particular”. É muito curioso que, ao me explicar a vida sexual, o exemplo foi a La Licorne e não o de um homem e uma mulher que se amavam. Nesses passeios, além dos domingos em que saíamos para assistir a jogos de futebol de várzea, ou acompanhar os malabarismos dos pilotos de aeromodelismo com seus aviõezinhos no parque do Ibirapuera, ele ressaltava o seu bordão: que éramos o melhor amigo um do outro. Seguíamos de carro pela avenida Rubem Berta e parávamos nos campos de futebol de várzea que se viam nas laterais, abaixo de pequenos barrancos no caminho para o aeroporto de Congonhas. Ficávamos agachados, equilibrados pelas mãos que abraçavam os joelhos. Aqueles times com uniformes multicoloridos me fascinavam e eu me imaginava jogando no gol de alguns deles. Os campos eram de terra batida, quase vermelhos. Naquela posição ele repetia: “Nunca esqueça, eu sou seu melhor amigo, e você o meu”. Era como reafirmar um pacto de sangue. Ele e eu acreditávamos nisso. Mas sua insistência pesava um pouco.



Anos mais tarde, também deixei de acompanhar meus colegas do clube de campo de Atibaia nas noitadas na cidade, “à cata de mulheres”. Não me reconhecia capaz de “passar cantadas”, partir de uma atitude voyeurística, escolher uma menina e tentar seduzi-la para uma transa rápida no banco de trás do carro dos pais. Éramos menores de idade, mas os pais em geral, com certo orgulho, fechavam os olhos e davam a chave do carro para garotos de dezesseis anos irem “pegar mulheres” na cidade. Eu era uma total negação na área. Nem sequer tentei. Até fui a um baile de Carnaval, mas fracassei redondamente, e logo mais fui salvo pelo reencontro com a Lili, agora como minha namorada, livrando-me de vez das “obrigações” de jovem judeu, conquistador ou farrista.

Foi muito bom conhecer o amor e o sexo quase ao mesmo tempo, já que desconsidero minhas idas ao bordel e às putas “particulares” frente ao que vivi no meu longo namoro.

A época das grandes defesas, do fim do psicodrama, do sucesso social no grupo judaico e do encontro com a Lili trouxe à tona outro Luiz. Ativo, capaz de exercer alguma liderança e cada vez mais seguro de si. Os momentos de melancolia passaram a rarear, mas não deixavam de acontecer. O êxito no vestibular e posteriormente no começo da vida profissional fez a balança pender para um lado, o do Luizão. Uma certa radicalização da minha personalidade perfeccionista crescerá a cada dia, convivendo com resquícios dos traços melancólicos. O excesso de segurança que marca minha vida desde então, na Chazit, na faculdade, no primeiro emprego, será responsável pelo profissional de edição que com o tempo me tornarei; mas também germinará uma personalidade bipolar que na infância não surgira ou não fora identificada. Hoje tenho certeza de que esses dois apelidos assinalam uma cisão na minha personalidade, que se desenvolverá de

forma extremada. O custo foi enorme para mim, e para toda a minha família.

## 7. Beethoven

É difícil afirmar quando começa a obsessão quase doentia que marca a minha inserção no mundo adulto e profissional. Há um momento em que deixo de ser apenas um filho que buscava agradar os pais, com boas notas, obediência e submissão, e passo a colocar ideais de perfeição nas tarefas, muitas vezes com determinação acima do comum. A esse novo traço de personalidade irá se misturar um gosto crescente pelas artes, principalmente a literatura e a música, além de um temperamento de colecionador.

Minha mãe foi quem sempre apreciou as artes na família. Sem trabalho fora dos afazeres domésticos — desde que largara a confecção caseira de saias —, ela lia intensamente, mandando depois encadernar seus livros em couro, com papel marmorizado. Quando eles chegavam do encadernador, eu os admirava junto com ela. Eram lindos. Tocá-los e guardá-los na estante era um prazer que compartilhávamos.

Com a Mirta, eu ia também às livrarias que traziam livros do exterior sob encomenda. Ficavam em galerias no centro da cidade e importavam todo tipo de novidade, de best-sellers a textos mais literários. Lá ela adquiria os romances que lia alternadamente com clássicos da literatura universal. Alguns desses livros ela comprava depois em

português e me passava para ler, com recomendação. *Exodus*, de Leon Uris, *O Chefão*, de Mário Puzo, *Aeroporto*, de Arthur Hailey, e *Nem só de caviar vive o homem*, de J. M. Simmel, entre tantos outros, eu li quando era bastante jovem. Minha mãe tinha ainda uma modesta biblioteca com autores brasileiros. Além de Jorge Amado, seus favoritos eram Erico Verissimo e Graciliano Ramos. Também era fã de autores mais populares, como Sra. Leandro Dupré, uma coqueluche daquela geração de mulheres. Graças à Mirta, devorei *Tenda dos milagres* ainda muito garoto. Por isso esse passou a ser meu livro preferido do grande escritor baiano.

Como escrevi acima, li minha primeira enciclopédia juvenil ao pé da sua cama, por meses, além de ter recebido dela as indicações iniciais de leitura, com destaque para os livros de Charles Dickens e suas tragédias juvenis, que me marcaram demais. Devo ter lido *Oliver Twist* bem jovem e me compadeci daquele pobre órfão. Aquilo era muito pior do que não ter irmãos. Apesar de toda a ligação que tive com meu pai na juventude, minha vocação profissional nasceu na beira da cama materna, ao longo da demorada convalescença da Mirta, das nossas visitas às livrarias, e do ato de tatear e cheirar os pacotes com livros encadernados que ela recebia com tanto prazer.

Durante o mês de doenças desencadeadas pós-Ma-Ru-Mi, eu li sem parar. Devia ter oito ou nove anos, e lia alguns romances juvenis, ou mesmo adultos mais acessíveis, e devorava os quadrinhos de Tintim. Foi nessa época que meu pai me indicou um livro, pela única vez. Certa tarde, após o almoço, ele entrou no meu quarto com uma edição de bolso. O romance, escrito por Ferenc Molnár, se intitulava *Os meninos da rua Paulo*. André jogou a brochura bem vagabunda no meu colo e falou que aquele era o seu livro favorito. Ao reparar no volume, achei que se tratava de um gibi, mas o que mais chamou minha atenção foi o fato de que meu pai havia ido a uma livraria especialmente para

mim. Nem soube como reagir, não esperava que me desse indicações de leitura. Por ter sido sugerido por ele e por ser uma história tão comovente de heroísmo infantil, talvez esse tenha sido o livro que mais marcou a minha vida. A trama gira em torno da defesa de um *grund*, um terreno baldio, disputado por dois grupos de meninos. A bravura de Nemecsek, o soldado raso do grupo que protegia o *grund* contra o ataque alheio, tinha muito a ver comigo. Eu estava de cama fazia tempo, e teria adorado ser considerado um herói e não apenas o mais novo da turma, como no primeiro ano em que fui à Ma-Ru-Mi, e que resultou numa tragédia pessoal duradoura. Queria ser um Nemecsek, que de caçula vira um gigante. Com o falecimento por pneumonia e através de seus atos de heroísmo na defesa do *grund*, Nemecsek é reconhecido para sempre, é louvado no leito de morte pelos colegas e pelos adversários, e vira personagem de um livro! Que mais eu poderia desejar depois de outra colônia infeliz? Com *Os meninos da rua Paulo* era como se eu finalmente descesse ao terreno baldio ao lado do meu prédio, para onde de fato eu só olhava das alturas.

No mundo das artes, meu pai ficava com a ópera, era a expressão artística que ele entendia, muito mais que a literatura e as artes plásticas que faziam a cabeça da minha mãe. Ele me levava ao Teatro Municipal de São Paulo aos domingos para assistir às matinês. As encenações eram um pouco patéticas, principalmente aos olhos de um garoto com menos de dez anos. Numa tarde em que íamos assistir ao *Guarani*, não aguentei e aproximei o termômetro da lâmpada do quarto para simular febre. Acho que meu apego infantil ao realismo me alertava de que aqueles cantores e cantoras superbrancos, com barriga protuberante e peruca não ficariam bem na pele de Ceci e Peri. As matinês no Municipal apresentadas a mim compulsiva e precocemente deveriam ter sido suficientes para me afastar de forma

radical da música lírica. Não tenho a menor ideia de como isso não aconteceu. Pelo contrário, hoje a ópera faz parte do meu repertório de grandes prazeres estéticos.

Talvez o milagre da música em minha vida tenha ocorrido com um presente inesperado do meu pai. Foi num sábado, durante uma visita a uma papelaria no Bom Retiro, onde se vendiam cartões da Cromocart. Enquanto André conversava com o dono, eu achei, nos fundos da loja, uma pequena seção de long-plays, e cismei com um deles: *A Hard Day's Night*, dos Beatles. Creio que o que me atraiu foi o corte de cabelo dos garotos de Liverpool. É possível que eu tivesse ouvido falar algo, ou visto um grupo cover tocando músicas da banda na TV Record — eram os Beetles, com o nome grafado com dois ee. Estávamos em 1964 ou 1965, eu tinha oito ou nove anos, e aquele foi meu primeiro long-play.

A minha reação àquele disco foi fortíssima, e cobreí do meu pai outras visitas à tal papelaria e mais regalos como aquele. Lembro que ganhei *Beatles for Sale* e *Help* logo que os discos chegaram ao Brasil. Mas estes já podem ter sido presentes da minha avó, que se apossou do meu interesse musical. Com o firme intuito de me mimar, sem que meus pais soubessem, Mici passou a ir a outras papelarias comigo, e mais tarde a me dar uma mesada exclusivamente para comprar discos.

Algum tempo depois, assinei revistas de rock, a *Rolling Stone* e a *Cash Box*, esta última só para saber das paradas de sucesso. Não bastava mais acompanhar as paradas ou ouvir as músicas nos jukeboxes das lanchonetes. Eu tinha que ter os discos que chegavam ao topo da lista, precisava conhecer todos os tipos de rock, comprando discos importados que eram vendidos em algumas lojas especiais.

Com onze anos, eu era conhecido na loja Cash Box da rua Augusta e no Museu do Disco da rua Dom José de Barros, onde encomendava quase todos os long-plays e compactos sobre os quais lia nas revistas ou dos quais ouvia falar. Tudo com o apoio da Fundação Mici Weiss. Era um verdadeiro

caixa dois familiar que ela me transferia em prol do meu gosto musical. Mais para a frente, ela será responsável por comprar meus aparelhos de som. A cada aniversário, íamos à Raul Duarte na rua Sete de Abril, e eu me encabulava ao ver aquela baixinha cheia de energia pechinchar arduamente com o dono da loja, sempre muito gentil e paciente. Para ela, comprar sem negociar não tinha graça, ou talvez a barganha diminuísse a sua culpa. Meus avós estavam em boa situação financeira, mas não aceitavam luxos, com exceção dos que a Mici proporcionava ao neto. Eu primeiro morria de vergonha, e depois de felicidade, ao receber as novas caixas de som, amplificadores, gravadores de rolo e os toca-discos, que melhoravam ano a ano.

Meus pais, conscientes de que um filho único, para desandar, não precisa de muito, não compravam coisas demais para mim, mas fechavam um olho para os mimos da minha avó. Talvez gostassem de me ver entretido ouvindo música sem cessar.

No começo, antes dos aparelhos mais sofisticados, eu tinha no quarto uma pequena vitrola de plástico, para ouvir os compactos de quarenta e cinco rotações, com um furo largo no centro. Um dos que mais me marcaram foi o da gravação de “My Way”, que havia voltado à parada de sucessos na voz de Brook Benton, um cantor de soul music. Eu não conhecia a versão com Frank Sinatra nem me interessaria por ela naquela época. Mas cantei “My Way”, em ritmo de soul, sem parar. Mais tarde, quando ouvi a gravação de Frank Sinatra, desprezei-a completamente. Para mim, “My Way” era música negra. Com o tempo, meu pai incorporou a canção na versão de Sinatra a suas cantorias, que em geral eram de música cigana húngara ou de árias famosas de ópera. Mas era como se cantássemos canções diferentes. Cada um tinha a sua “My Way”.

Na época em que ainda não ganhara uma vitrola para long-plays, eu ouvia música na sala, à tarde. Em alguns almoços, tinha a liberdade de escutar um dos meus discos

com meus pais, desde que não fossem de heavy metal e eu deixasse o volume baixo. Foi quando coloquei no toca-discos o compacto de “Je T’Aime... moi non plus”, que fazia enorme sucesso nos bailes e nas paradas musicais. Eu tinha treze anos e possivelmente já havia estado com a Nina, a primeira “prostituta particular” que meu pai me arrumou. Mas, por distração ou porque a simulação dos gemidos de Nina era muito ruim, não percebi que Jane Birkin e Serge Gainsbourg afetavam um ato sexual ao cantar. A canção me soava sensual, porém não explícita. Meus pais ruborizaram; sorriram, mas pediram que eu pusesse outro disco.

Me lembro de ouvir música horas a fio, esperar as revistas chegarem e já começar a sonhar com as próximas aquisições. Do rock, fui para o jazz e para a MPB. Tempos depois, passei a comprar discos de música clássica. Talvez o primeiro tenha sido o da trilha sonora de *Zardoz*. Curiosamente, a *Sétima sinfonia* de Beethoven — parte da trilha desse filme de ficção científica com Sean Connery —, que chamou minha atenção aos dezessete anos, é ainda minha sinfonia favorita.

De todos os tipos de som, eu tinha que ter tudo, conhecer tudo, ouvir com muita concentração. Um temperamento maníaco-obsessivo estava em construção, através de um bom instrumento, a música.

Quando passei a me aprofundar em música erudita, li todos os manuais, especialmente o *Guia do ouvinte de música clássica*, da editora Zahar. Eu já era mais velho e o componente obsessivo na minha personalidade, muito mais acentuado. Grifei todas as obras recomendadas no livro e fui comprando-as. Eram centenas.

Depois disso, passei a pesquisar quais eram as melhores gravações; queria encontrar o sublime, a expressão mais perfeita dentre os concertos, sonatas e sinfonias. Com os anos, me pus a comprar repetidamente discos de peças que já tenho aos montões, para descobrir uma versão mais próxima da perfeição. Muitos melômanos se comportam



dessa maneira. Estão sempre em busca de uma nova interpretação para suas peças favoritas. O que muda é o grau de obsessão, e como tal procura incessante preenche a vida das pessoas. Com certeza me coloco entre os mais fanáticos. Esse traço de personalidade, que começa a se formar no final da juventude, será importante para compreender a obstinação com que virei a me dedicar aos livros e ao trabalho de edição.

Ouçó música quase o tempo todo. Um péssimo sinal é quando não encontro nada para ouvir. Significa que estou imerso num tipo de silêncio absoluto e que naquele momento nem a música pode me acompanhar. Assim, desde a minha ida ao Bom Retiro e graças principalmente aos mimos da minha avó, acabei me transformando num colecionador de discos, e usando a compra de CDs, e mais tarde a procura de novas interpretações, como um antídoto para os períodos de melancolia ou tédio.

O ato de colecionar tem um lado maníaco, perfeccionista, e é praticado por pessoas que precisam estar sempre em busca de um ideal, de uma emoção rápida, ou mesmo de alguma aquisição. No meu caso, vem cobrir um vazio recorrente.

Bipolares graves gastam de maneira irracional. Compram geladeiras ou carros sem ter onde colocá-los. Embora tenha sido diagnosticado, tardiamente, como portador de transtorno bipolar, nunca cheguei a esse ponto. No entanto, reconheço tanto lados positivos como aspectos que revelam fragilidades pessoais profundas em certos hábitos ligados à música ou às artes. O consumo repetido e volumoso de discos, a compulsão por assistir a concertos memoráveis que obceca minha mente antes de viagens, ou a vontade de possuir determinados quadros e ficar olhando para eles em busca de algo acima do comum, são formas benignas de lidar com uma tristeza que habita o fundo da minha alma, independentemente do que estou vivendo no momento.

Tenho consciência de que fui criado num ambiente familiar e pessoal que permitiu tais luxos, pouco essenciais para uma vida feliz mas que ganharam essa importância maníaca para mim.

A consciência social que adquiri com os anos, sobretudo no período das lutas estudantis contra a ditadura, não foi suficiente para eliminar totalmente minhas manias de colecionador. É verdade que, quando me envolvi nas passeatas e no movimento dos estudantes, eu colecionava mais jornais de oposição e alternativos do que discos. Assinei as principais publicações de esquerda, o que levou meus pais à loucura. Eles temiam que o zelador ou o porteiro do prédio me denunciasse à polícia. Passei então a comprar jornais chamados de nanicos nas bancas. Eu os lia de cabo a rabo e assim me formava politicamente. Por vezes ficava tão excitado com uma novidade nessa área que agia como com os discos: ia às bancas todo dia checar se o novo jornal já havia sido lançado.

Também comprei uma quantidade absurda de livros marxistas e anarquistas. Mesmo sendo um leitor voraz, não daria conta daquela montanha de páginas. Eu frequentava a Livraria Ler, da Zahar, em frente ao Colégio Caetano de Campos, e a Livraria Ciências Humanas, na Sete de Abril, nas quais quase só havia livros progressistas. Meus pais, assustados, me diziam que do Caetano de Campos a polícia fotografava os clientes da Ler. Isso só me excitou mais, e comecei a ir mais vezes à livraria. Pouco antes de entrar na faculdade, superpolitizado, deixei os romances de lado. Ia acampar com a Lili e levava autores dificílimos. Quase não entrava no mar, para ficar lendo Gramsci, Lukács ou Bourdieu protegido pela sombra da barraca. É claro que eu não conseguia enxergar plenamente que meu ímpeto revolucionário estava cercado de hábitos mais que burgueses. Agia como se o sol e o mar fossem contrarrevolucionários.

Assim, desde os primeiros presentes do meu pai, ou da minha avó, eu preenchia minha cabeça com sonhos de consumo, com um desejo, sempre projetado no futuro, que poderia se materializar em objetos dos mais diversos. Discos, livros, jornais, concertos, pinturas...

Durante certo tempo, até o futebol se associou à minha compulsão de colecionador. No início com as figurinhas de banca e times de botão, e depois com as luvas de goleiro que eu pedia à minha avó que trouxesse das suas viagens à Europa. Ela frequentava com meu avô as feiras gráficas em Frankfurt, e de lá me traziam os apetrechos profissionais de arqueiros. Quando comecei a jogar, nenhum goleiro usava luvas. A moda surgiu na Copa de 1970, em que Gordon Banks, o goleiro da Inglaterra, e Félix, do Brasil, as usaram. As do brasileiro pareciam luvas comuns de couro. E eu sonhava com aqueles objetos, lia sobre os melhores modelos, e sobre as diferentes marcas que os profissionais mais famosos utilizavam. Minha avó mais uma vez marcou presença e eu passei a ostentar, além de bons tênis, luvas importadas para jogar futebol de salão. A luva feita para o futebol de campo nem sempre é ideal para o de salão. Mas, como indumentária de colecionador, me pareceu fundamental desde o princípio. Além disso, toda a minha vaidade se materializava nos uniformes de goleiro, principalmente nas luvas. Eu dava menos importância às roupas do dia a dia do que às esportivas. Em casa eu lavava as luvas após os jogos, verificava se ocorrera alguma ranhura na parte interna emborrachada, e as guardava numa gaveta especial, como se fossem joias ou relógios antigos.

Pessoas como eu, que desenvolvem um alto grau de responsabilidade perante os outros, não deveriam jogar no gol. Uma falha pode causar um estrago irreparável ao time. Um gol do adversário me abalava fortemente. Eu ficava

repassando o lance na mente, como se fosse um filme através do qual perscrutava os detalhes do meu erro. Com isso desejava fazer o tempo voltar, para recontar a história com uma bela defesa. Assim, minha prática constante do futebol até os quarenta e poucos anos — quando passei a jogar pior e abandonei de vez os gramados — era muito importante para mim. A Lili dizia perceber se eu ganhara ou perdera, nas peladas noturnas ou das tardes de sábado, pelo modo como, ao retornar, eu fechava a porta depois de entrar em casa.

Colecionar boas defesas era menos caro que colecionar discos ou livros, havia mais riscos envolvidos, mas, enquanto eu joguei bem, foi ótimo. Salvando o time no gol, eu voltava à parte mais feliz da minha infância e juventude. Nos campos reencontrava minha fonte pregressa de redenção.

Hoje sem futebol, muitas vezes deixo que a música fale em meu lugar. Faço isso quase todos os dias. Escolher o que ouvir é como eleger alguém para falar por mim, ou conversar comigo. Por isso os momentos sem música são preocupantes. Desde bem cedo, aprendi a viver sem dizer o que sentia. Com o tempo, passei a atribuir à palavra um conteúdo quase negativo. Se é preciso explicar o que penso é porque não sou compreendido. Ou melhor, as palavras jamais representarão corretamente meus sentimentos. A canção de Paulinho da Viola que fala de “um samba [...] sem melodia ou palavra/ pra não perder o valor” virou um hino para mim, embora eu sempre tivesse acreditado que a melodia era fundamental. Um samba sem palavras, isso sim seria o sinônimo da mais perfeita expressão. Os meus escritores favoritos nunca narram em demasia, trabalham muito o que não é dito. Admiro em especial os que escrevem através de muitos silêncios, como Thomas Bernhard, Albert Camus, W. G. Sebald, Machado de Assis e Jorge Luis Borges. Gosto sobretudo de contos por esse

mesmo motivo. Neles o que não entra é tão importante quanto o que compõe o texto, ou mais.

Aos meus pais, eu não falava sobre meus sentimentos. Ou, se falava, escondia todo traço de tristeza ou insatisfação. No começo do namoro com a Lili, ela sofreu com meus silêncios. Eu queria que ela entendesse tudo sem que eu explicasse. Qualquer desentendimento resultava em mudez e nunca em discussão. Ela precisava adivinhar o que se passava comigo, afinal era essa a maneira de provar a existência de um grande amor.

Um dos livros que mais marcarão minha vida adulta será *Vendo vozes*, de Oliver Sacks, em que o notável neurologista e escritor trata da riqueza da linguagem de sinais e de muitas formas não verbais de expressão utilizadas pelos surdos ou por pessoas que não foram treinadas no uso da linguagem convencional. No livro, tomei contato com casos de meninos selvagens exibidos na Europa como objetos exóticos da realeza e com a verdadeira história do marinheiro que ficou sozinho por quatro anos numa ilha e que originou o romance *Robinson Crusoé*, de Daniel Defoe. Na ilha, cercado apenas pela natureza, o autêntico naufrago sucumbe ao mundo selvagem e perde o uso da linguagem verbal. A história real é o oposto da fábula de Defoe, na qual um homem obtém total controle sobre a floresta e domestica os animais. Ao ser encontrado, o marinheiro escocês Alexander Selkirk teve que reaprender a falar.

Marcado pelo meu apreço ao silêncio, e querendo escrever um romance depois de ter feito os contos de *Discurso sobre o capim*, tentei compor uma narrativa contando todas as histórias que pesquisei a respeito do assunto após a leitura do livro de Sacks. Eu ia de Victor de Aveyron a Kaspar Hauser, passando por personagens da literatura como Mogli e Robinson Crusoé. Divagava sobre aspectos das *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, e sobre contos pouco conhecidos de Daniel Defoe. Tratava também

longamente de um escultor austríaco maluco, seguidor do mesmerismo, chamado Franz Xaver Messerschmidt. Eu vira suas esculturas num museu de Viena e nunca mais esqueci delas. Messerschmidt fez sessenta bustos de alabastro representando expressões faciais eloquentes que intencionalmente nenhum ser humano conseguiria reproduzir. Elas correspondem às mais humanas das expressões, sem palavras.

O tal romance foi escrito, mas ficou muito ruim. Tinha ideias em demasia e nenhuma consistência como ficção. As três editoras da Companhia das Letras de então, Maria Emília Bender, Marta Garcia e Heloisa Jahn, foram honestas e me ajudaram a enterrar aquela aventura fajuta. Depois de um bom tempo, consegui transformar o romance em apenas quatro contos que, complementados por outros, formaram um livro. Basicamente, neles a história contada é a de um narrador sem nome que se casa com Antônio, uma professora que leciona para surdos usando a linguagem de sinais, e nas aulas conta histórias como as de Beethoven e Goya, entre outras. Antônio havia se rebatizado com esse nome para homenagear a mulher a quem Beethoven endereçou uma carta famosa, na qual chamava a destinatária de “amada eterna” sem nunca ter tido um caso concreto com ela, o que também nunca aconteceu com outra mulher. Os contos são menos fracos que o romance, e só entram aqui para mostrar como a expressão espontânea e não verbalizada teve sempre importância e continuou a ser idealizada por mim. O marido de Antônio jamais fala o que pensa. E ela discursa o tempo todo, em linguagem de sinais. A forma de expressão de Antônio deu nome à coletânea. Quando criança, eu não me abria muito e queria ser compreendido, ou ter companhia, sem precisar falar com ninguém. No futebol eu não necessitava das palavras, a não ser nos momentos em que avisava meus colegas sobre algum perigo iminente, o que fazia em alto e bom som. No gol reproduzia, dentro do time, um tipo de solidão a

que estava acostumado. Amorosamente cheguei aonde queria, muito cedo, dando algum trabalho à Lili mas sem ter que me explicar demais. Tive instantes de eloquência verbal, em geral em picos de mania ou em ego trips, porém quase sempre o silêncio e a música foram essenciais para mim. Em fases nas quais eu não estava medicado de forma correta, cheguei a me comportar de maneira bastante diferente da de hoje, falando além da conta, buscando chamar atenção socialmente. Cansei de ser alertado pela Lili nessas ocasiões. Nos dias atuais isso já não ocorre, e eu odeio lembrar que cheguei a usar dessa eloquência deselegante.

Hoje, bem mais velho, acordo toda madrugada, uma ou duas vezes, e uma música toca dentro de mim. De quando em quando, até dificulta que eu volte a pegar no sono. Não há lógica no que ouço, entre o sono e a vigília. Pode ser um hit de mais de quarenta anos atrás, do tempo da minha vitrola de plástico, ou alguma canção que ouvi recentemente no rádio ou mesmo durante o banho da manhã. Ao escrever este livro, no entanto, quando acordo e ainda não há sinal de luz fora das janelas, praticamente só as sinfonias ou as sonatas para piano de Beethoven tocam em meu cérebro.

Assim, vivo há muitos anos num mundo de poucas palavras, com um silêncio de sinais ambíguos. Pode tanto ser tranquilizador como opressor e viciante. Nesse vazio, as manias vão criando realidades paralelas, sempre mais fantasiosas que concretas. Desde cedo passei a viver no futuro, com a cabeça no novo disco que compraria, na defesa do jogo seguinte, ou, quando bem menino, imaginando o carro que cruzaria a esquina da rua onde morava, cuja marca eu desejava acertar. Ainda hoje, raras vezes minha cabeça consegue viver no presente, pois nele não existe perfeição. É claro que a tal perfeição ou mesmo sentimentos sublimes e perenes não serão encontrados

nem no tempo que está por chegar. Mas no futuro há sempre mais espaço para ilusões.



## 8. O silêncio e a fúria

A obediência e o silêncio marcam boa parte da minha vida. Na infância e adolescência, a preocupação em não desagradar meus pais era o que mais contava. Com o decorrer dos anos, esses dois componentes deixarão de ter papéis proporcionais — a obediência excessiva que eu devotava a meus pais desaparecerá para sempre, mas o silêncio, ao contrário, tenderá a crescer. Durante um período em que estive cheio de amigos no grupo judaico, compartilhei segredos, projetos utópicos para o mundo, e tive intensa vida social. Amorosamente foi importante encontrar a Lili com tanta precocidade. Para uma personalidade como a minha, as oscilações da vida afetiva seriam mais difíceis ou sofridas do que costumam ser.

Com o tempo, cada vez mais eu voltarei ao silêncio que pautou minha infância. Nesse sentido, os meus horizontes se restringirão mais e mais ao núcleo familiar. No mundo editorial internacional, tenho muitos amigos, mas algo me empurrou para fugir das noitadas, jantares e badalações das feiras de livros. Não sei explicar as razões desse comportamento. A arrogância que desenvolvi no início do meu sucesso profissional foi relevante na crise depressiva mais séria que tive. O medo de que um novo tombo, como o

que levei aos quarenta e três anos, viesse a ocorrer me encaminhou, progressivamente, para a reclusão.

Comecei a vigiar qualquer sinal de vaidade, que nem sempre é apenas negativa em nossa vida. Sair para festas nas feiras aguça um certo narcisismo, você se enxerga nas pessoas que o elogiam e a quem você corteja, é divertido, inebriante talvez, mas, para quem passou pelo que passei, o risco parece alto.

Tive uma grande ego trip com o sucesso como editor na Brasiliense e outra, um pouco menor, nos anos iniciais da Companhia das Letras. Na primeira eu tinha vinte e dois anos. Na segunda, trinta. Espero ter parado a tempo. Com os surtos depressivos que vieram após meu êxito profissional, o silêncio e a reclusão foram se apresentando como alternativas menos perigosas.

Tomado esse caminho, voltei a sentir uma timidez social significativa. Morro de medo de festas com assentos determinados previamente, mas também tenho paúra de ter que me sentar ao lado de alguém que não faz parte do meu círculo mais próximo. Quando a escolha é livre, eu fico paralisado e não consigo escolher com quem vou sentar. Pedir a alguém que fique ao meu lado, ou me oferecer para um lugar livre numa das mesas, é objeto de grande angústia. Nas recepções a autores em minha casa, cada vez menos frequentes, ando pela sala como um zumbi, e no final da noite pergunto à Lili quem estava presente e sobre o que se conversou.

Consigo desempenhar a liderança necessária no trabalho, mas socialmente, na maior parte do tempo, virei um bicho do mato.

Antes de o silêncio tomar conta da minha personalidade, passei por um período extenso de hiperatividade, na Brasiliense e na Companhia das Letras. Os livros e o sucesso me deixavam superagitado. No dia do lançamento do *Chatô*, de Fernando Morais, fui parar no médico, com a pressão arterial nas alturas.

Alguns sinais de descontrole começam a aparecer nos tempos do Luizão, na casa dos meus pais, principalmente em brigas com a Mirta. Eu me enfurecia também por motivos menores, como uma vitrola que cismava em parar de tocar antes da última faixa do disco ou uma cadeira giratória que se desenroscava sozinha. Quebrei o aparelho de som com um golpe de caratê, e chutei o vidro da janela do meu quarto com uma meia voadora, após uma discussão com minha mãe, nas vésperas do meu casamento. Com o barulho, ela se preocupou e chegou a achar que eu havia me jogado lá de cima. A cadeira, eu destruí com seguidos chutes e pisões. Numa outra ocasião, já casado, arbentei o forro do teto de casa com uma bengala, depois de saber que minha secretária da época não pagara a mensalidade do convênio médico, quando eu acabara de voltar de uma cirurgia na perna. Soquei a parede inúmeras vezes depois de desavenças familiares, ou destruí um pôster com um murro bem na cara de uma musa de Picasso. Nesses momentos a sensação de não dominar meus sentimentos é forte.

Na escola, quando criança, me atraquei com um colega do primário, mas em muitas outras vezes reagi com silêncio ou criando uma técnica para me afastar de possíveis agressões, especialmente se não tinha como enfrentar um grupo maior de garotos.

Lembro que, em torno dos quatro anos, fui agredido por um menino mais velho na praça Buenos Aires e voltei para casa chorando. Meu pai me levou para o seu quarto e perguntou o que ocorrera. Quando relatei que tinha levado um tapa na cara e não havia reagido, André perguntou onde deram o tapa, e esbofeteou com força a outra face. Falou que era para eu aprender a nunca trazer ofensa para casa.

Numa das inúmeras ocasiões em que meu pai negou meu pedido para treinar futebol no time da Hebraica, ele me matriculou numa academia de judô. Eu já havia praticado natação, vôlei e basquete, me aborrecendo com o resultado

mediocre do meu esforço nesses esportes. A academia de judô ficava no fim da avenida Angélica, eu podia ir a pé de casa, e na volta ganhava como bônus comer um hambúrguer nas recém-criadas lanchonetes do bairro.

Tudo era novidade: os famosos jukeboxes onde podíamos pôr para tocar um compacto das paradas de sucesso, ou os altos hambúrgueres egg/bacon, ou egg/maionese/salada. Frapês, sundaes, vacas-amarelas (sorvete com guaraná) ou vacas-pretas (sorvete com Coca-Cola) — aquelas delícias quase compensavam a tarefa de treinar judô em vez de agarrar os chutes alheios.

Na luta eu me esforçava, precisava cumprir satisfatoriamente as ordens paternas. Não tinha talento ou atração por aquele esporte, no entanto, logo no começo do treinamento, fui chamado para uma competição. Tratava-se de um enorme encontro de todas as academias Yamazaki no ginásio do Pacaembu. Era curioso o espetáculo que iniciava o evento, com centenas de crianças perfiladas, de quimono branco, prontas para competir. Eu era faixa branca, a menos avançada, mas fui para lá imbuído da missão de lutar bem. Pelo tempo de treino, eu tinha pouca ou nenhuma técnica, porém não podia falhar. Meu pai estava na arquibancada. Venci as quatro lutas do certame. Sem saber ainda aplicar um leque variado de golpes, segurei muito forte no quimono do adversário e não permiti que nenhum golpe me atingisse.

Além disso, eu empurrava com vigor os adversários para o limite do tatame, simulando golpes que mal sabia aplicar. Ganhei algumas lutas por wazari (o golpe imperfeito que vale meio ponto) e outras apenas pela combatividade, que conta pontos no desempate. Nenhuma vitória foi por ippon, o golpe fatal. Sem perder, saí campeão do meu grupo, e saltei da faixa branca direto para a roxa, cor que me fazia lembrar o trauma da micose contraída na Ma-Ru-Mi, mas mesmo assim trazia orgulho. Não preciso dizer que meu pai

saiu radiante do Pacaembu. Do tapa na praça à faixa roxa no judô havia uma evolução importante para ele.

O trauma da guerra em que os judeus não tinham como, ou não souberam, reagir, ficou marcado na pele de várias gerações. A disposição para lutar que meu pai reconheceu no tatame deve ter tido um significado maior do que a medalha que recebi. Pode ter lhe trazido à memória o momento em que ele e meu avô enfrentaram as milícias nazistas húngaras. Naquela ocasião, que teria consequências trágicas, András e Láios estavam unidos.

No basquete, um evento mostra o quanto eu era focado, nos momentos que exigiam responsabilidade. Nunca cheguei a ser titular do time da Hebraica. Não gostava do esporte, estava ali porque meu pai me obrigava. Para espichar jogando a bola no cesto. Eu era o sexto jogador do time, o primeiro reserva. Numa tarde em que um time visitante veio competir em nosso ginásio, fiquei no banco o jogo inteiro. Entrei nos últimos minutos, para cobrar dois arremessos livres. Não entendi muito bem por que fui posto em quadra justo numa hora tão decisiva, havendo cinco jogadores melhores do que eu no time. O técnico, que pelo gesto não saiu da minha memória, sacou que eu não fugia à responsabilidade e me escalou naquele instante crucial. O time da Hebraica venceu o jogo por dois pontos, pois acertei os dois lances e em seguida a partida acabou.

Curiosamente, passados anos do campeonato de judô, o descontrole no manejo da minha própria força atingiu o meu pai. Estávamos em Atibaia, e por alguma brincadeira boba nos atracamos na beira da piscina. Era para ser apenas uma brincadeira, sem uso de força, mas eu me descontrolei e apliquei no André um koshi guruma, um golpe dos tempos do judô. Ele, um ex-boxeur, bem mais forte que eu, voou por sobre as minhas costas e caiu no chão. Como não esperava por aquilo e não sabia como cair, técnica que aprendemos na academia, meu pai se enfureceu. Seu rosto ficou todo vermelho e, humilhado, ele foi embora da piscina. Olhei

para aquela cena e notei que grande parte das pessoas presentes a acompanhava sem entender. Tentei pedir desculpas, mas estas só foram aceitas dias depois. Não havia nenhuma razão consciente para minha violência, não creio ter tido um momento edipiano, nem ter protagonizado algum tipo de vingança contra os gritos que às vezes ele desferia contra a minha mãe e que desde criança feriam meus ouvidos. Devo ter medido mal minha força ou quis me exhibir para o André, com muitos anos de atraso. Ou me descontrolei e apliquei um golpe na pessoa e local errados. Era o Luizão involuntariamente em plena atividade.

Algumas atitudes violentas que tomei podem ter ecoado aquele tapa da praça. Em outros casos, me pergunto se foram sinais do transtorno bipolar que desenvolvi com o tempo. Há quem diga que devem ter sido simples reações de raiva, comuns a qualquer ser humano. No entanto, quem é bipolar sente exatamente quando a situação foge do controle, e sabe do arrependimento e culpa que tomam conta da nossa cabeça, querendo apagar por completo o que acabou de acontecer. Os dois momentos, de raiva e culpa, são igualmente fortes e incontrolláveis.

Como escrevi acima, fui diagnosticado como bipolar tardiamente. O contraste entre os longos períodos de sono vespertino e meu apetite exacerbado quando jovem revela a possibilidade de a doença já estar em formação. Ou talvez ela só tenha se desenvolvido psicossocialmente com as mudanças que foram ocorrendo em minha vida. Na adolescência, a depressão era bem mais visível do que os picos de mania. O início do colecionismo — que na juventude se expressou com os discos — era um sinal precoce da síndrome bipolar, mas, isoladamente, não chegou a permitir tal diagnóstico. Assim, as oscilações que caracterizam o transtorno bipolar — com passagens inesperadas da melancolia e prostração absolutas para momentos de agitação excessiva, por vezes violentos — não ficaram claras para os profissionais que consultei, até que

foi tarde demais. Na primeira terapia, sem remédios, ou mais tarde, em 1989 e em 1999, eu fui considerado um depressivo comum, sem picos de euforia ou mania. Os tratamentos para essas duas patologias são muito diferentes, e a confusão pode trazer consequências trágicas.

Não tenho reações descontroladas com a mesma frequência que os doentes bipolares graves costumam ter. Algumas pessoas que conheço, com casos de bipolaridade séria na família, riem quando eu digo que sou portador dessa síndrome, ainda que em leves proporções. Os que sofrem com o drama da bipolaridade aguda em familiares sabem que a doença é capaz de desaparecer uma pessoa para a vida social e prática. Em mim, as manifestações do transtorno aparecem mais como agitação mental, aguçamento das obsessões e insônia profunda. Até pouco tempo, eu ainda aumentava constantemente o tom de voz em discussões familiares. Hoje, não. Raras passaram a ser as minhas reações furiosas, contra paredes, vidros e, num caso recente, numa briga com uma pessoa. Embora acontecendo pouquíssimas vezes, a qualquer sinal de intempestividade sempre me culpo, como se meu traço bipolar houvesse saído do controle. Um bipolar típico, porém, pode ter esse tipo de reação seguidamente, impingindo enorme sofrimento a quem está por perto. Os estabilizadores de humor são fundamentais nesse ponto. De toda forma, nenhuma medicação, por mais eficaz que seja, é capaz de livrar um bipolar de alguma oscilação de humor. Com um tratamento eficaz, o grau de tais oscilações é que se torna aceitável ou quase inócuo.

Uma única vez gritei com uma colega da Companhia das Letras e minutos depois escrevi uma carta de desculpas a todos os funcionários, revelando que sou bipolar. Liguei para os meus sócios ingleses — a Penguin havia acabado de investir na editora — e avisei: “Perdi a calma, e destrutei uma funcionária. É minha obrigação relatar; aliás, saibam,

se é que já não sabem, que sou bipolar”. Eles acharam graça do meu telefonema, riram para valer e me contaram que a presidente da Penguin americana daquela época tinha um ataque desse tipo por dia.

Tive a mesma atitude ao me desculpar publicamente por agredir uma pessoa que me insultou na Flip. A notícia saiu em todos os jornais. Ainda não superei o episódio. Chego a pensar que serei conhecido por aquele soco desferido em público e não pelos livros que publiquei. Atribuo esses descontroles à bipolaridade em ação, e me envergonho. Talvez não seja isso, nunca saberei. A sensação do sangue subir à cabeça é assustadora. A noite em que perdi o controle numa discussão com minha mãe — com quem me relaciono muito bem mas que por vezes me deixava nervoso —, acelerei fundo e joguei o carro na calçada foi sem dúvida um dos piores momentos da minha vida. Durou segundos, que continuam a me incomodar até hoje.

Poucos minutos depois de um evento como esse, me transformo no mais arrependido dos homens. Ou choro ou caio em total silêncio. Pergunto à Lili o que fiz. Os acessos de descontrole são absoluta exceção na minha vida de bipolar, mas me abalam e não saem da minha memória. Assim, as fases maníacas, no meu caso mais frequentes que as depressivas, se manifestaram como hiperatividade e ansiedade. Se eu não fizesse uso de antidepressivos e estabilizadores de humor, seria impossível alguém trabalhar comigo.

\* \* \*

Numa viagem em grupo pela Chazit, pude ver como o tapa do meu pai havia de fato me marcado, mesmo décadas depois. Nos acampamentos que fazíamos, a maior parte num sítio em Cotia, tínhamos treinos de krav maga, a luta do Exército israelense, agora em moda como



instrumento de defesa pessoal. Essas aulas começavam com o ensino de alguma técnica, e prosseguiam com um ritual bárbaro, no qual devíamos lutar entre nós, no meio de um círculo formado pelos colegas. A luta se iniciava com cada um dos combatentes dando um tapa na cara do outro. Certa vez fui selecionado para lutar com um rapaz um pouco mais baixo que eu mas muito mais forte. Ele era literalmente um tanque. Ao receber o primeiro tapa, tive uma reação tão violenta que parti para cima do sujeito e o derrubei com um golpe de judô. Nem cheguei a desferir o tapa protocolar. No chão, passei a enforcá-lo até que os instrutores nos separassem, antes que eu o machucasse para valer. Em outra ocasião, empurrei arquibancada abaixo um sujeito que se recusava a sentar quando o jogo do Santos começara no estádio do Pacaembu. De quando em quando, desafio guardas ou seguranças autoritários, como num recente passeio com a família em Roma. A Lili muitas vezes precisa me advertir, ou até me segurar. Brigar com a polícia só pode ser desastroso, mas nem sempre lembro disso ou consigo me controlar. A arrogância de policiais na alfândega dos aeroportos é um perigo para mim. Me irrita com enorme facilidade e quero partir para o confronto, agredindo-os verbalmente, como se tivesse algum poder para desafiar autoridades abusivas.

Chegando sozinho a Nova York não faz muito tempo, faltou pouco para que me prendessem. Como sempre, quem assume o controle, e evita que eu ou toda a família tenhamos problemas, é a Lili. Dessa vez, quando fui humilhado por um policial, ela não estava presente.

Essas atitudes cada vez mais infrequentes podem indicar apenas o comportamento próprio de um sujeito que tem cabeça quente, mas para mim soam como descontrole bipolar. Com os anos, minha voz foi ficando mais baixa, as palavras mais raras, e talvez com isso eu passe a impressão de ser um homem em paz, sem conflitos interiores importantes. O tom de voz engana.

Pode ser que algumas pessoas percebam parte do que se passa dentro de mim. Os que convivem comigo há mais tempo devem ter notado, sobretudo quem trabalhou nos anos iniciais da Companhia das Letras. Naquela época, eu era terrivelmente cheio de energia e certezas. Por outro lado, agia com profunda irritabilidade, hoje controlada com o uso da medicação correta. Além disso, minha energia diminuiu, e as certezas também. Eu sabia o que queria fazer como editor, e deixava a minha índole obstinada operar, pensando sempre que era para o bem da editora. Hoje não me livreii completamente da determinação excessiva, mas não há como comparar com os velhos tempos.

Minha devoção quase religiosa passou para os livros. Trato os autores com um sentimento que mescla o dever de proteção e a idolatria.

Desde o início da vida profissional, na Brasiliense, encarei com fanatismo todos os detalhes que envolvem o trabalho da edição. Com esse temperamento, eu ao mesmo tempo facilitava e dificultava a vida dos que me acompanhavam profissionalmente.

Nos primeiros anos da Companhia das Letras, eu me impunha a obrigação de tomar todas as decisões da empresa. Depois que a editora cresceu, eu nem sempre queria tomá-las, mas, se havia qualquer relutância ou dúvida por parte de um colega, me apressava em apresentar soluções. Meu comportamento exageradamente assertivo passava uma mensagem diferente da que eu desejava. De alguma forma, eu queria estimular a independência dos meus colegas e ao mesmo tempo os inibia com o meu modo de ser. Minha porta estava sempre aberta e as pessoas se acostumaram a me consultar, pois eu nunca devolvia pergunta sem ter uma resposta imediata, com a chave do problema. Tomei muitas decisões, tão erradas quanto rápidas. Hoje espero ter aprendido a delegar mais e deixar os jovens colegas acertarem e errarem por conta própria.

Em períodos de forte excitação e menor controle medicamentoso, eu era capaz de ler um original, escrever uma carta e atender um telefonema ao mesmo tempo. Essa agitação talvez seja ainda menos normal do que arrebentar intempestivamente o forro de gesso de casa ou empurrar um sujeito que encobria a minha visão de um jogo de futebol.

## 9. Stroszek

Quando criança, eu frequentava bastante a casa dos meus avós, que ficava em frente à praça Buenos Aires. Com eles me sentia muito bem, graças aos mimos da minha avó, que se divertiu comigo até os últimos momentos da sua longa vida, e aos papos com meu avô, que me tratava desde cedo como um adulto de calças curtas. Meus pais eram ambíguos, me atribuíam responsabilidades descabidas para a idade, mas o faziam quase sem querer. Giuseppe, não. Por alguma razão, decidiu que seu herdeiro seria, ainda muito jovem, também um interlocutor.

Ele gostaria de ter tido mais filhos, porém Mici não quis. Trabalharam duro na guerra e depois dela, e chegaram ao Brasil em boas condições. Ele era o típico judeu empreendedor. Mas tinha outros sentimentos pouco comuns à sua geração. Não queria fazer fortuna a qualquer custo, se sentia acolhido no país, assumiu a nacionalidade local e falava que era um brasileiro patriota. Valorizava o fato de que pudera entrar aqui usando seu verdadeiro nome — sem ter que renegar a religião judaica. Dizia que o mal do Brasil era a sonegação, e se orgulhava de afirmar que cada cartão vendido por sua gráfica saía acompanhado por nota fiscal. Recusava-se a enriquecer sonegando impostos, prática usual de muitos empresários da época. Cuidava dos mais de

cem funcionários da empresa como se fossem seus filhos e filhas, dando conselhos, emprestando dinheiro e orientando-os na vida pessoal. Era honesto até a raiz. Numa ocasião em que seu casamento atravessava um momento delicado, Giuseppe avisou minha avó de que começara a prestar atenção em outra pessoa. Nada havia acontecido entre ele e a secretária a que se referia. Mas minha avó reagiu muito mal, tomou alguns remédios a mais e foi hospitalizada. Não creio que tenha sido de fato uma tentativa séria de suicídio, e sim um ato de desespero, para chamar atenção.

Na minha crise mais aguda, aos quarenta e três anos, eu busquei a mesma coisa, de forma extremada, no entanto os motivos eram mais complexos, eu me achava num estado pior que o da Mici, com uma depressão bem mais séria. Tenho certeza hoje de que não queria me matar, que me sentia completamente perdido, sobretudo pelo uso de remédios inadequados à minha condição de bipolar. Quanto ao ato de “loucura” da minha avó, naturalmente ele me foi escondido, mas eu senti algo no ar. Cinco décadas depois, quando minha mãe me contou o ocorrido, era como se eu já soubesse.

Passei muitos fins de semana com meus avós. Por vezes pedia para dormir lá durante a semana, pois havia uma pequena televisão no quarto em que eu ficava. Quando começaram os festivais da Record, dei um jeito de, nas finais, estar por lá, e deixar a tv ligada com volume muito baixo até altas horas. A final do festival de 1967, cujos quatro primeiros lugares foram divididos entre “Ponteio”, “Domingo no parque”, “Roda viva” e “Alegria, alegria”, ficou para sempre em minha memória. Devo tê-la visto num volume mínimo, com medo de ser pego na infração. No dia seguinte, a excitação com a disputa garantiu que eu não adormecesse nas aulas.

Meus avós talvez soubessem que eu assistia aos festivais escondido, mas fingiam não notar. Eu também dava um jeito de ir dormir na casa deles às quintas-feiras, quando

passava o programa *Esta Noite se Improvisa*, no qual os convidados tinham que cantar uma música que contivesse a palavra selecionada pelo apresentador. Chico Buarque e Caetano Veloso formavam a dupla que disputava constantemente a liderança do show. Eu não poderia assistir a esses programas na casa dos meus pais, nem escondido, já que o único aparelho ficava na sala de estar. Tinha permissão para acompanhar diariamente algumas séries vespertinas, como *Agente 86*, *Guerra*, *Sombra e Água Fresca*, *National Kid* e *Bat Masterson*. Nos fins de semana, comecei a assistir a jogos de futebol à tarde, ou então à noite, quando meus pais iam com os amigos a uma boate chamada Baiuca. Com a cozinheira que morava em casa, eu via programas de auditório cujo nível não era dos melhores. Assistíamos ao *Telecatch*, com Rony Cócegas e Fantomas enfrentando Ted Boy Marino, ou às atrações sensacionalistas de crimes e variedades, como *O Homem do Sapato Branco*, *Programa Goulart de Andrade* e *Programa Flavio Cavalcanti*. Nesses espetáculos, crimes tão hediondos como fajutos eram encenados, médiuns faziam operações espirituais ao vivo, e candidatos a artistas, chamados de calouros, eram humilhados diante de uma plateia ávida e sádica. Eu e a Nilda, ou tempos depois a Maria, passávamos horas vendo aquelas baixarias, mas acho que o que contava muito para mim era não estar sozinho, e ter a liberdade de assistir televisão até bem tarde.

A estadia com meus avós que mais marcou minha vida foi a de um mês completo em que meus pais fizeram uma breve volta ao mundo, visitando vários países da Europa, Estados Unidos e México. A viagem se deu em junho, o mês do meu aniversário. Meus pais mandavam cartões-postais e cartas de cada cidade por onde passavam, mas para a data especial conseguiram enviar, por um portador, um sombrero mexicano todo bordado, bem folgado para a

minha cabeça, que usei na hora de cantar “Parabéns”. De lá, mandaram também um postal de Acapulco, e fotos dos dois naquele local. No cartão, um homem pulava do desfiladeiro, e na foto eles estavam muito bonitos e pareciam felizes. Alguns anos depois, eu veria dois filmes, um de Tarzan em Acapulco, em que o herói salta das alturas, e um de Cantinflas, no qual as aventuras de Tarzan no México eram ridicularizadas. Este último, vi com meu avô, em São Vicente. De toda forma, a figura de Johnny Weissmuller, o herói das selvas, que havia sido campeão de natação, deve ter colado na imagem que eu tinha do meu pai. O porte de André era semelhante ao do herói do cinema e da tv, e ele gostava muito de nadar. Na vida real, diziam que se parecia demais com Danny Kaye e Kirk Douglas.

Com o envelhecimento do meu pai, as imagens daquelas férias vieram à minha mente, e eu comecei a enxergá-lo como um Tarzan fora de seu habitat. Fui pesquisar e foi exatamente o que aconteceu com Johnny Weissmuller, que nunca conseguiu se reinventar fora do papel. Acabou enterrado perto de Acapulco, num lugar hoje meio abandonado, que serve de pasto para vacas. O filme de Tarzan naquela cidade foi o que mais marcou a sua carreira. Dizem que Weissmuller queria ele mesmo saltar do alto penhasco, de onde apenas os mergulhadores locais conseguiam pular. Foi impedido por estes e pela produção do filme.

Muitos anos depois, a figura de Weissmuller me vinha sempre à cabeça enquanto eu acompanhava a decadência física do meu pai. Eu via a morte de André chegando lentamente e não sabia como ajudar. Ele não estava apenas triste, mas cansado e velho. A dificuldade que seu silêncio sempre me trouxe, agora parecia insuportável. Eram silêncios eloquentes combinados com reclamações

impossíveis de atender. Sua tristeza doía em mim, cada vez mais.

Durante os anos em que trabalhou com meu avô, isto é, até a morte deste, meu pai foi relegado a segundo plano. As desavenças de trabalho invadiram sua vida pessoal e prejudicaram o seu casamento. Já velho, ele vinha à minha casa uma noite por semana. Chegava sempre antes da hora marcada e ficava bravo por não me encontrar. Também saíamos para almoçar semanalmente. Às vezes ele reclamava de maneira explícita do casamento e me pedia ajuda, mas no geral quase não tínhamos assunto e toda vez eu me sentia desafiado. Hoje me recrimino por ter desejado o fim daqueles encontros, por ter me distraído ou bufado para mim mesmo enquanto meu pai falava, ou até quando ele caía num silêncio inconsolável. A visão do André primeiro como herói e depois como Tarzan envelhecido e fora do seu papel originou meu conto “Acapulco”. Talvez o que mais gosto dos que escrevi.

As brigas na Cromocart me afastaram completamente da gráfica que estava destinada para mim. É possível que já soubesse que nunca viria a seguir o script do herdeiro, embora tenha cursado a faculdade de administração de empresas, sem coragem, mesmo com dezoito anos, de dizer a meus pais e avós que eu queria optar por um caminho próprio nas ciências sociais. Mais tarde ficou claro que, se fosse para imitar alguém, eu queria imitar o meu avô e empreender. No começo achei que iria apenas me transformar num professor universitário de sociologia, aplicada à administração de empresas. Na Fundação Getúlio Vargas (FGV), estudava com afincamento obras da disciplina. Tempos depois, me dediquei aos livros de Michel Foucault em especial. Escrevi uma apostila sobre o funcionamento das instituições disciplinares a partir de *Vigiar e punir*, obra do filósofo francês acerca das prisões, e sobre o conceito de



instituições totais de Ervin Goffman, que englobava também os manicômios. Hoje em dia, com a carreira de sociólogo abandonada, teria vergonha da apostila.

Descobri que todos os departamentos da FGV deveriam ter uma vaga para estagiário. E fui pleitear junto ao professor chefe da área de ciências sociais a referida posição. Ele não tinha como negar, mas também não possuía planos para um estagiário. Me contratou, e determinou que eu fosse à biblioteca e escolhesse livros de sociologia para ler e fichar. Ele não indicava o que eu devia ler. Assim, fiz por conta própria um curso de ciências sociais, começando pelos clássicos, Émile Durkheim, Weber, Marx, e passando mais tarde pelos grandes sociólogos brasileiros, como Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso, entre outros. Terminadas as leituras, entregava o fichamento ao professor Esdras. Certa feita, ao sair de sua sala, olhei para trás e o vi jogando minhas anotações no lixo. Num curso de ciência política com a professora Vanya Sant'anna, me dediquei tanto a ponto de nas provas ter dificuldade de escrever com minhas próprias palavras. Lembro de uma em que o tema eram as teorias de Antonio Gramsci. Fui tão preparado, tendo decorado o livro do pensador italiano, que fiquei com receio de que ela considerasse que coleí. Não foi o caso, mas fui agraciado apenas com a nota 8,5. Ao protestar, a professora me disse que 10 ela daria apenas para Marx, 9 para Lênin ou Gramsci, logo eu não tinha do que reclamar.

Eu era bem de esquerda, anarquista, e avesso a partidos políticos. Pela influência de professores dessa linha, meu interesse era entender os mecanismos disciplinares nas fábricas e nos manuais de psicologia industrial. Cheguei a entrar num mestrado em ciências sociais com esse propósito, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, e pensava também em ter uma pequena livraria. Mas isso não me bastaria, e a vida deu um jeito de me colocar num caminho empresarial parecido com o do Giuseppe.

Sobre a possibilidade de trabalhar em família, meu avô, muito esperto, se antecipou. Numa viagem a Buenos Aires, saiu para uma caminhada comigo e disse intuir que eu não seguiria na Cromocart, para não ter que dividir funções com meu pai. Este, pouco depois, fez a mesma coisa. Me puxou para uma conversa afirmando que não recomendava que eu trabalhasse com meu avô.

A Baba e o Deda — assim eu chamava meus avós — aparecem com destaque em “Acapulco”. A estadia na casa deles durante a viagem dos meus pais e a chegada do inesperado sombreiro no meu aniversário ocupam o centro da narrativa, em paralelo com a história de Weissmuller. Enquanto eu escrevia meu primeiro livro de contos, minha avó adoeceu seriamente. Ela já tinha noventa e quatro anos. Corri para terminar o livro, a fim de que ela pudesse ler. Valeu a pena. A Mici manteve o *Discurso sobre o capim* na sua cabeceira até falecer. Dizia que os melhores contos eram aqueles em que estava presente. Cheguei a marcar o lançamento numa livraria próxima da sua casa, e ela confirmou que iria. Vi que ajeitou a penteadeira, como eu narro no conto, para pentear seus longos cabelos, desde sempre alinhados num coque. Mas não conseguiu realizar aquele nosso sonho. Sua morte ocorreu pouco tempo depois.

Meus avós são responsáveis por vários capítulos alegres de minha existência. Nos últimos anos de vida, minha avó me disse que ia deixar menos dinheiro de herança para mim, pois pretendia gastar boa parte do que tinha viajando todo ano, no verão europeu, com a Lili, meus filhos e comigo. Fizemos viagens incríveis com ela. Uma das primeiras foi um cruzeiro num navio de médio porte pelos fiordes noruegueses. A embarcação era bastante sofisticada para os nossos padrões, o que rendia sonoras risadas da Baba. Ela de fato queria torrar seu dinheiro em viagens.

Para o tradicional jantar em que o comandante sentaria à nossa mesa, vestiu uma roupa brilhante, como se estivesse indo a seu baile de debutantes. Já com mais de oitenta anos, chamava os demais passageiros do navio de “aqueles velhos”. Depois de outras viagens de barco pelo Reno e pelo mar Mediterrâneo, fizemos um tour pela Toscana, para o qual alugamos um Fiat Ulysse, uma avantajada van branca. A diversão era tanta que, à simples menção do nome Ulisses — que atribuímos como nome próprio ao veículo —, os cinco se contorciam de rir. Eu pilotava o Ulisses, e a Lili cuidava das rotas. Nos bancos de trás, bisnetos e bisavó mal se lembravam de nós.

Mais uma viagem que entra na lista dos grandes momentos propiciados pela Mici a toda a família foi a que fizemos de ônibus pelos lagos da British Columbia, no Canadá. Ao chegar ao lago de Jasper, alugamos patins e, sem nos darmos conta da hora, rodamos por boa parte da extensão do resort. No final arrastei meus filhos para o lago, onde a temperatura se aproximava de zero grau. Pulei primeiro e, depois de voltar rapidamente à tona, segurei a Júlia e o Pedro pelos braços para que submergissem por alguns segundos. Minha avó, sempre elegante, com roupas europeias e sapatos com fivelas laterais, assistia ao espetáculo, como se vivenciasse o seu testamento.

Antes disso, ainda solteiro, passei uma semana deliciosa com ela em San Francisco. Estava terminando a FGV e pretendia virar sociólogo. Meus pais davam a última cartada tentando me convencer a fazer um mestrado em administração em Stanford. Mici escolheu o melhor hotel para receber o neto. Situava-se no topo do morro, na parte mais elegante da cidade. Acabei nem indo a Palo Alto visitar a universidade com que meus pais sonhavam, e fiquei todos os dias com ela. Vimos um recital de Segovia e fomos ao ensaio da orquestra local. Eu assisti sozinho a um concerto,

com Herbie Hancock e Chick Corea tocando pianos de cauda, um de frente para o outro, mas o mais incrível aconteceu num fim de tarde, quando cruzamos a Golden Gate em direção a um pequeno cinema, instalado numa garagem, onde ocorria um minifestival de filmes de Werner Herzog.

O sol se pôs enquanto atravessávamos a ponte, e a cena da avó e do neto naquele táxi, com o sol baixo entrando pelas janelas, em nossa direção, resume minha relação iluminada com a Baba. Estávamos a caminho do cinema mais fuleiro que conheci. O curioso é que não me preocupei se o programa era adequado ao gosto da minha avó. E de fato não era. O filme do dia era *Stroszek*, uma película tão linda quanto lenta e triste. A angústia toma conta do espectador desde os primeiros instantes, quando o ator e personagem principal, Bruno S., transita na vida real e no filme, nos limites da chamada “normalidade” psicológica. O drama cresce e, nos minutos finais da projeção, Stroszek se mata num teleférico. A cena é cortada para em seguida a câmera se fixar numa galinha que dança freneticamente, presa num visor, sobre um disco a girar. Um pato, também confinado atrás de um vidro, bate com o bico sem cessar, acionando um tambor, e um coelho faz andar um carrinho de bombeiro. Quando os letreiros apareceram na tela e a luz se acendeu, ficou claro que no cinema só estávamos minha avó e eu.

Voltamos em silêncio pela mesma ponte. No trajeto ouvi vários muxoxos e queixas sobre o filme esquisito que eu tinha escolhido e que nos fez atravessar toda a cidade. Além de tudo, foi difícilimo conseguir um táxi daquela garagem para o hotel Fairmont, dois locais que não poderiam ser mais opostos. Ficamos uma hora na porta do cinema, que bem parecia um motel; a avó baixinha e elegante e o neto alto, magro e cabeludo. Eu já pensava em pedir carona, quando um táxi apareceu.

Nunca havia me ocorrido que as tentativas extremadas por parte da Mici de chamar a atenção, tomando remédios em excesso, e a minha, cortando os braços — o que farei no pior momento da depressão —, vão ligar ainda mais a minha história à da minha avó. Durante o filme, não sei se ela pensou em seu ato, porém o meu estava muito longe de se realizar. Quando aconteceu, Mici foi protegida e não ficou sabendo. Sei que teria toda a sua compreensão, mas seria penoso demais decepcioná-la a tal ponto.

Do meu avô, guardo bem viva a imagem em que ele me ensina a jogar xadrez muito precocemente, e me senta na sua frente, numa mesa de madeira lustrosa, com as peças do jogo em marfim. Na cadeira do tablado, meus pés ainda não alcançavam o chão. Nunca apreciei muito xadrez, eu era dispersivo demais para um desafio tão longo. Meu avô tinha o mesmo problema, era hiperativo, mas o que contava naqueles momentos era o fato de ficarmos sentados frente a frente, de igual para igual. As idas à gráfica aos domingos eram precedidas de um passeio pela praça da República. Lá, ele comprava selos para uma suposta coleção, que dizia fazer para mim. Depois olhava os quadros de pintores populares que expunham suas obras no chão da praça. Comprava quase toda semana uma pintura com paisagens primitivas e cores fortes, guardando para si o direito de reproduzi-las em estampas da Cromocart. Fazia os artistas assinarem recibos dando-lhe permissão para isso. Eles assinavam de bom grado, de fato já conheciam o Giuseppe e disputavam sua atenção na praça. Meu gosto artístico certamente não se formou naquelas manhãs, mas sim nas aulas de história da arte a que minha mãe e um grupo de madames assistiam, uma vez por semana, em nosso apartamento. A professora era Liseta Levy, uma crítica de arte com sotaque italianado e uma perna só. Por vezes eu passava a aula toda ao lado da minha mãe, em outras

sentava no chão e olhava as pernas das amigas da Mirta, com a atenção fixa na perna solitária da professora. Enquanto isso, ela falava de El Greco, Canova e Cézanne, mas minha cabeça se dividia entre as histórias que ouvia e o número ímpar de pernas que via. Depois das aulas, eu folheava a coleção Mestres da Pintura, que minha mãe costumava comprar nas bancas e depois mandava encadernar.

O contraste com as telas que meu avô levava comigo para a Cromocart não podia ser maior, mas o mais importante é que, antes de comprar os quadros, ele pedia minha opinião. Este ou aquele?, perguntava. E eu tinha que escolher.

Na gráfica, que ele abria só para nós, se ocupava de coisas que não podia fazer durante a semana. Buscava me entreter, algumas vezes pondo a máquina de dourar santinhos para operar sob meu comando. Nessas horas eu me sentia responsável por colocar a auréola dourada em volta da cabeça dos santos, um milagre em que nós, judeus, não podíamos acreditar.

## 10. Luto

André morreu, quase catorze anos atrás, depois de uma fracassada cirurgia para substituir uma válvula do coração tomada por uma infecção que fora descoberta demasiado tarde. A doença provavelmente durara muito, e devia ser responsável pela fraqueza que eu via quando nos encontrávamos. A dificuldade de andar naquele homem forte e esportista, somada à depressão e à tristeza, aguçadas no fim da vida, eram o sinal de uma morte anunciada e lenta.

Depois da aposentadoria, o lado pão-duro do meu pai se exacerbou, e ele se recusou a fazer um tratamento dentário por julgá-lo muito caro. Teria que colocar uma ponte e também trocar uma prótese fixa por outra móvel, o que era demais para a sua vaidade. Um homem bonito como ele não queria ter que dormir deixando um dente no copo do banheiro. A infecção do dente foi se instalar no coração, o que o plantonista do hospital anotou no seu checklist. André deu entrada no Albert Einstein com septicemia, ardendo em febre. Eu estava em férias, fora do país. O diagnóstico foi endocardite causada por infecção dentária, um caso que consta de qualquer manual de cardiologia.

Meu pai ficou internado por um mês, tentando evitar com o uso de antibióticos a cirurgia da qual não saiu com vida.

Ao saber do acontecido, voltei imediatamente ao Brasil e o visitava duas ou três vezes por dia. Muitas noites dormi com ele. Cuidei de tudo da melhor forma que pude, sem obter de André nenhuma palavra a respeito. Ele tratava a Lili, a Júlia e o Pedro com alguma alegria, mas não me poupava da eterna dívida que contraí ao deixar de trazer soluções para seus problemas pessoais. Também não precisava disfarçar, diante de mim, que intuía o rumo que as coisas estavam tomando, e demonstrava para o filho só tristeza e apreensão. Durante sua longa estadia no hospital, ocorreram as grandes festas judaicas. André não tinha condições de ir à sinagoga da CIP, mas no Albert Einstein há um pequeno templo para esse fim. Foi a primeira vez que senti meu pai quase indiferente às rezas. Na cadeira de rodas, ele pensava em si mesmo, na morte que se aproximava. Foi o primeiro ano em que não pensou em seu pai. Foi à reza, levado por nós, trajando um terno que, pelo seu estado ou pela falta de gravata, parecia desalinhado. Se recusou a ir à sinagoga com um simples pijama de hospital, mas seu aspecto estava longe da costumeira elegância dessas ocasiões. No entanto, a maior diferença era outra. Seus olhos estavam secos. Vivendo o drama da sua lenta morte, André não lacrimejava pelo pai.

Após a cirurgia, ele acordou apenas uma vez, por alguns segundos, mas com uma expressão de pavor que jamais vou esquecer. Se viesse a despertar novamente, teria sequelas irreparáveis. Assim, pedimos que nenhum esforço de ressuscitação fosse feito se mais uma septicemia se desencadeasse. Depois de poucos dias, a hora chegou.

Nunca imaginei que o luto por sua morte fosse ocupar tanto tempo na minha vida. Passaram-se catorze anos, e não sei dizer se o meu luto acabou ou quando isso aconteceu.

Comecei a visitar o túmulo dele todo ano, no dia do seu aniversário. Não fazia ideia de como isso se tornaria importante para mim.



O cemitério judaico funciona de acordo com o calendário lunar. Quando alguma data cai num feriado, o local fica fechado para visitas. Num ano em que isso ocorreu exatamente no dia 20 de maio, fui impedido de entrar. Furioso, gritei que tinha que encontrar meu pai, e quase me descontrolei com o pobre guarda do lugar. As portas permaneceram fechadas.

Os judeus costumam colocar pedras nos túmulos ao visitar seus entes queridos. Peguei então pedrinhas na estrada e as atirei por cima do muro do cemitério, para simbolizar que cumpria ao menos aquele ritual.

Quando vou ao cemitério do Butantã, rezo emocionado o kadish e converso com o André. Falo dos meus problemas, peço ajuda, coisa que desde muito jovem deixara de fazer. Meu pai reclamava, sempre me lembrava do nosso pacto, dizia que eu nunca mais me abria com ele.

Por vezes a Lili ou meus filhos me acompanham até o cemitério. Numa ocasião em que fui com a Júlia, vimos que alguém já havia passado e deixado uma pedra sobre a lápide. Era cedo e nossa surpresa foi grande. Meu pai tinha amigos fiéis ainda vivos, mas todos muito velhos. Isso aconteceu alguns anos depois de eu ter escrito meus primeiros contos, que, com exceção de “Acapulco”, tendo a renegar. Muitos deles partiam de situações um tanto insólitas, retratando personagens bastante gauches, solitários ou desajeitados. Em parte dos textos, tentei lidar com a história do meu pai. Ao ver a pedra inesperada no túmulo, Júlia sorriu e me disse: “Pai, isto está parecendo um conto seu”.

Aquela sugestão ficou na minha cabeça, porém eu estava descontente demais com a escrita para voltar a me arriscar. Muitos anos mais tarde, resolvi tentar. Comecei a escrever um romance cujo personagem central era André. Eu abria o livro justamente com um filho que via uma pedra na lápide do pai e se indagava se ele tivera outro amor desconhecido. A história partia de coisas que de fato aconteceram, mas

havia vários trechos e enredos totalmente ficcionais. Estes últimos eram muito fracos, de novo sem a densidade necessária. O protagonista era um homem solitário, a quem o filho visitava com frequência. Sua mulher o largara repentinamente. Dei o nome de Rodolfo ao filho. Este, para os encontros, preparava playbacks de duetos de amor das óperas de Puccini, dos quais retirava a voz dos tenores, para que o pai pudesse cantar em conjunto com as principais divas da ópera mundial.

O romance sem qualidades serviu ao menos para que eu mergulhasse na história do André. Li sem parar sobre a Budapeste tomada pelos nazistas em 1944, sobre os campos de trabalho forçado que meu pai teve de frequentar antes de ser levado junto com meu avô para Bergen-Belsen. Pesquisei sobre a Itália do pós-guerra e a respeito da chegada de alguns judeus húngaros ao Brasil. André contava ter tido aulas de português com Paulo Rónai no Rio, e eu procurei saber um pouco da vida desse grande intelectual, que também passou por campos de trabalho forçado na Hungria. Além disso estudei a vida de Puccini, cuja história inseri no meio da trama.

Ler sobre o compositor da Toscana que transformou suas heroínas em fonte inevitável de tragédia foi um enorme prazer. Ao decidir falar de Puccini no romance, eu não tinha a menor ideia de que ele apresentava crises tipicamente bipolares, oscilando da mais absoluta mania nos períodos de criação à melancolia profunda depois que as óperas eram lançadas em diversas cidades do mundo. Os amores de Puccini em suas turnês, motivação central para a criação das óperas, contrastavam com o personagem parcialmente baseado no meu pai, que não conseguia mais se apaixonar e vivia sozinho, guardando num quarto fechado um diário e objetos de uma filha que nunca tivera.

No período em que escrevi, eu já estava reconciliado com a ópera. Me tornei então um aficionado de Puccini, tanto pela sofisticação que encontrei em sua música, como pela

associação com meu pai. Visitei sua casa em Torre del Lago, na Toscana, onde ele compôs muitas de suas óperas, e onde também se passaram várias das cenas descritas em meu texto. No mínimo, por alguns meses em que sonhei com aquele livro, Puccini e meu pai tiveram bastante em comum. Não importa que o bipolar na família seja eu, o romance frustrado os unia. Não cheguei a concluir a parte relativa ao compositor, na qual a morte por um mal do coração criaria outros laços ficcionais entre ele e o velho solitário (meu pai).

André havia me contado, na noite em que assistimos ao documentário sobre o Gueto de Varsóvia, que estivera na Cinecittà em 1946, onde atuara como figurante em *Roma, cidade aberta*. Dessa forma, entendi que ele trabalhara nos estúdios, mas me enganei. Para escrever um conto chamado “Pai”, eu já tinha pesquisado e visto que a Cinecittà estava fechada na época. De fato, meu pai foi figurante, e não apenas no filme de Rossellini, em troca de um pagamento mínimo, que garantia a ele e a outros refugiados algumas castanhas que eram divididas no valhacouto. Eles viviam numa mansão abandonada e sem telhado em Óstia de Roma. Mas os filmes do neorrealismo italiano eram rodados fora dos estúdios, em plena rua, sem pretender simular os ambientes com cenários grandiosos.

Em busca de outros traços da vida do meu pai, e ainda com a ideia errada de que ele trabalhara na Cinecittà, fui pesquisar os demais filmes feitos nos estúdios que eram a coqueluche de Benito Mussolini. Li então que, depois de tomados e abandonados pelos alemães, estes foram transformados em campos de refugiados, e entendi meu engano. Meu pai lá viveu, não atuou. Os judeus e outros refugiados ficavam em cubículos construídos ao lado de cenários que tinham sido usados nos filmes de exaltação ao regime fascista. André Conti, na época editor da Companhia das Letras, descobriu um artigo a respeito da vida dos refugiados que foram abrigados na Cinecittà. Além da descrição do tamanho dos cubículos erguidos com tapume,

havia fotos exibindo a proximidade entre eles e os cenários e figurinos abandonados. Era nesses minúsculos quartos improvisados que famílias judias e de outros sobreviventes da guerra moravam enquanto esperavam que algum país os aceitasse como imigrantes.

Uma passagem extensa do romance interrompido se passava na Cinecittà. O texto novamente pecava por excesso de histórias, e por uma falsa erudição, típica de editor. Não tinha o encadeamento adequado, e os personagens se ressentiam da falta de complexidade. Com a ânsia de encaixar todas as minhas leituras no enredo, eu me esquecia de que são os detalhes que tornam plausível uma narrativa. Uma história lateral à trama retratava um cinegrafista alemão que trabalhara com Leni Riefenstahl, estivera presente durante a ocupação e saque dos estúdios romanos pelos nazistas, e lá se refugiara quando os nazistas abandonaram o local, consciente de que as coisas já começavam desandar para o seu país.

Enquanto lia tudo sobre Leni Riefenstahl e escrevia essa parte, tive notícia de que um autor boliviano publicara um romance cujo protagonista havia trabalhado com Leni. Já em dúvida sobre a qualidade do que escrevia, e mesmo sem ler o livro em questão, a coincidência foi suficiente para que eu caísse em mim, notando mais uma vez a falta de originalidade que me pautava como escritor de livros de maior fôlego.

Também durante a escrita, procurei uma amiga do meu pai, que hoje vive no Lar dos Velhos e a quem costumo visitar. Na ocasião ela ainda não havia se mudado para o asilo e me recebeu em seu belo apartamento em Higienópolis. Serviu um chá em porcelana caprichada, mostrou fotos das netas e me contou detalhes das experiências que compartilhara com André. Ela chegou à Itália depois de ter sobrevivido ao campo de extermínio de Auschwitz. Foi enviada com o marido a Óstia de Roma, onde os colocaram na casa em que meu pai estava. Todos ali

aguardavam um visto de emigração para Israel. Entre tantos outros detalhes da vida em Óstia de Roma e na Cinecittà, Magda contou que presenciou a atuação de meu pai como extra num filme, nas ruas de Roma. Falou que André teve que vestir, para a filmagem, um uniforme nazista. Emocionada, mostrou-me os números tatuados em seu braço e disse: “Luizinho” — ela até hoje me chama pelo apelido —, “eu sobrevivi a Auschwitz, mas tenho que confessar, seu pai estava lindo naquele uniforme”.

Foi Magda quem me contou das castanhas compradas depois das filmagens e divididas com todos os refugiados da casa. E mencionou atitudes do meu pai que, para minha surpresa, o revelavam como verdadeiro líder do pessoal acampado naquela mansão sem teto. Magda e André mudaram-se de Óstia de Roma para a Cinecittà quando desistiram de ir para Israel e aceitaram emigrar para qualquer outro lugar. Ao decidirem que topariam vir para a América, do Norte ou do Sul, foram transferidos para os estúdios. De lá saíam diariamente às ruas de Roma, onde tentavam vender parte da comida e da roupa que lhes doavam, para guardar algum dinheiro e pagar a futura viagem. No fim, embarcaram no mesmo navio para o Brasil.

Na noite em que meu pai contou sua história, ele disse que fora convencido de que não devia ir para Israel num dia em que tomava um trago com um amigo húngaro. Por outro lado, o amigo foi convencido por André a trocar seu destino. Um ia para Israel e veio para o Brasil, e o outro ia para a América e acabou em Israel. Meu pai persuadiu o amigo de que Israel era o único lugar para onde um judeu poderia ir. O amigo fez meu pai ver que, depois da guerra, era melhor procurar uma terra em que houvesse paz. A oportunidade quase aleatória de obter os vistos também levava as pessoas a mudarem sua trajetória. Era como uma loteria, na qual o que estava em jogo era o destino dos judeus.

Possivelmente nessa época, pelo relato de Magda, meu pai tinha uma personalidade diferente. Com certeza já

estava marcado pela dúvida e pela culpa em relação à morte de Láios, mas com tantas questões ligadas à sobrevivência imediata não havia tempo para que a tristeza tomasse conta da vida dele. Magda me disse que, nas noites de chuva, naquela residência que deve ter sido alvo de bombardeios e depois foi abandonada por um alto membro do exército fascista, era impossível repousar. Todos tentavam se refugiar em algum canto e torciam para que parasse de chover. Nos outros dias, não sei se meu pai dormia bem, mas aposto que não.

## 11. No fundo da noite

Era bem cedo quando o telefone tocou. Minha mãe, com a voz muito séria, me pedia que fosse imediatamente à sua casa. Na época, a vida dos meus pais andava péssima, mas eles não se separavam por duas razões. Meu pai não queria, tinha medo de envelhecer sozinho, e por vezes até dizia que ainda gostava da minha mãe. Além disso, eles não chegavam a um acordo sobre o valor do apartamento em que moravam, que deveria ser vendido e partilhado, ou comprado por um dos dois.

Os jantares de família, às sextas-feiras, que começavam com a bênção do vinho feita pelo meu pai e a do pão feita por mim, eram um suplício para toda a família. Minha mãe tentava controlar a situação, fingindo que não o fazia. E meu pai implicava à toa, com tudo. Era comum os dois discutirem durante o jantar, ou o clima ficar muito pesado.

Ao chegar ao apartamento naquela manhã, soube o motivo da urgência. Pela primeira vez, André se descontrolara e partira para a agressão física, dando um tapa em Mirta. Era comum ele se exaltar nas brigas, mas só verbalmente. Tudo tinha sido muito rápido e não havia mais o que fazer. Meu pai estava calmo, arrependido, e não existia risco de a violência se repetir. O chamado de minha mãe foi um pedido de socorro imediato, que depois se

transformou mais uma vez no anseio de que o filho resolvesse os problemas insolúveis do casal.

André e Mirta só repetiam as esperanças que depositaram sobre meus ombros desde cedo. Sentei-me com a cabeça entre as mãos e nada falei. Passado um tempo, fui até a porta e disse que não era justo, que nenhum filho merecia ser colocado numa situação assim. Acho que pela primeira vez expressei algo do tipo: “Isso não se faz, com nenhum filho”, e saí dali para não chorar na frente deles. Das brigas dos meus pais essa foi a mais violenta. Também era uma novidade o fato de eu não esconder como me sentia por estar naquela posição, no centro da vida dos dois, e com tamanha responsabilidade.

Voltei para casa chorando, sem condições de ir à editora. Meus filhos já eram grandes, a Júlia tinha perto de dezoito anos e o Pedro, catorze. Vinham convivendo com as crises de relacionamento dos meus pais com alguma frequência, mas se davam muito bem com os dois, que sempre foram ótimos avós. Nesse dia, tomei uma decisão: precisava lembrar dos meus pais como eu os via na infância, ou, ao menos, como tentava vê-los, como heróis.

Comecei a escrever imediatamente, na pequena sala onde ficava o volumoso computador que usávamos na época. Dizia a mim mesmo que precisava fazer aquilo pelos meus filhos, mostrar-lhes como eram meus pais, como eu os via quando menino, mas hoje sei que essa era apenas uma desculpa. Na infância eu era exposto às desavenças, tinha meu papel desde cedo no equilíbrio do casal. Naquele livro eu queria lembrar de outra história, que não passava por separação, pelas fragilidades dos meus pais, e principalmente que restabelecia uma forma de vê-los que nunca resultaria no que acontecera naquela manhã. Queria recordar do casal como se nada daquilo tivesse ocorrido. Buscava pais e um casamento que na verdade jamais existiram.



Eles ainda eram lindos, como nas fotos de antigamente, mas eu queria lembrar deles como se fossem pessoas sempre fortes, e que viveram momentos de verdadeiro heroísmo na guerra. De fato houve heroísmo, sobretudo por parte dos meus dois avôs, do meu pai e de certa forma também da Mirta, que, durante a fuga da Iugoslávia, com três anos de idade, teve que decorar um novo nome para passar pela fronteira. E ela enfrentou maus bocados com sua saúde depois de tantas viagens, da Iugoslávia para a Itália e, nesse país, do norte para o sul. Com escarlatina, foi mantida em quarentena em Trieste, sem poder ver os pais por quarenta dias, entre outros percalços. Na ocasião, tinha apenas quatro anos.

Giuseppe foi muito esperto quando os nazistas se aproximaram de Zagreb, onde a família Weiss morava. Fugiu para Sarajevo e de lá para a Itália. Minha mãe me contou inúmeras vezes como seu pai, ao perceber que os nazistas entravam por uma porta de sua fábrica de chapéus para tomá-la do proprietário judeu, escapou pelos fundos. O roteiro de saída do país já devia estar encaminhado. Foi assim que partiram da Croácia e da Bósnia sem serem levados a nenhum campo de extermínio. Meu avô agiu com rapidez, e isso o orgulhou pelo resto da vida. As duas fugas na antiga Iugoslávia não foram desprovidas de grandes emoções e perigos.

Na Itália, que recebeu tão bem a família Weiss, eles foram transportados, após um tempo vivendo com uma família cristã, de um campo de internamento ou concentração a outro, quase sempre da noite para o dia. Tratava-se de um acordo que Mussolini fizera com Hitler. De uma hora para outra todos os judeus foram recolhidos e transportados das casas em que se encontravam, para campos, de onde não podiam sair. Diz-se que não havia extermínio em massa nesses locais, porém esse mito vem sendo contestado. Mas, no caso da minha mãe e avós, houve apenas reclusão em vários campos, sem risco de morte.

Depois de sete dias em vagões de gado na viagem para o campo de Ferramonti, Mirta apresentou sérios problemas de saúde. Foi salva por um médico judeu que a família conheceu logo ao chegar, mas teve sequelas na visão por toda a vida. Rodolfo, o nome do meu irmão que viveu apenas três dias, foi uma homenagem ao médico, também iugoslavo, do campo de internamento.

Mais para a frente, Mirta será separada dos pais, que a deixarão com os avós por dois anos e irão a Milão para ganhar a vida. Na metrópole meu avô trabalhou vendendo peças para relojoeiros e posteriormente com câmbio. Giuseppe fazia as negociações e Mici era encarregada de levar a moeda aos compradores. No final da estadia na Itália, ele começará a trabalhar com estampas de pintores, um embrião do que viria a ser a Cromocart no Brasil. Enquanto isso, com os avós, Mirta viu parentes apelarem a qualquer tipo de atividade para sobreviver. Ela lembra de mulheres próximas que se prostituíam, atraídas por um contingente de soldados espalhados pelas fronteiras. Os maridos consentiam, em vista do pagamento, ou por vezes até agenciavam o trabalho das esposas. O fato de estar com os avós não impedia que minha mãe tivesse contato com as complexas relações que a guerra propiciava. Quando o conflito acabasse, e sem que ela soubesse, seus pais queriam emigrar para Israel, assim como André. Não obtiveram o visto porque o país, em plena Guerra da Libertação, não aceitava facilmente casais com filhos. Segundo Mirta, os homens que lá chegavam recebiam armas e iam direto para a guerra. O Brasil, também para meus avós maternos, foi um acaso.

Assim, naquela manhã eu comecei a escrever um livro que deixava de lado todo o aspecto não heroico da história dos meus pais. *Minha vida de goleiro* partia da minha rotina de filho único e se utilizava de ganchos para voltar no

tempo e contar o que ouvi da minha mãe nas horas que passávamos juntos, na sala de jantar da rua Itambé, enquanto ela costurava saias, ou nas nossas idas ao centro para entregar suas mercadorias, ou durante sua demorada convalescença.

Parte essencial do texto, porém, se baseava no que ouvimos do meu pai na noite do documentário sobre o Gueto de Varsóvia. A Lili já era minha namorada, estava conosco naquele Shabat e presenciou a emoção do André ao contar sua história pela primeira vez.

Na sala de televisão do apartamento da alameda Ministro Rocha Azevedo, André contou que, ao saltar do trem que o levava para Bergen-Belsen, correu para valer e se abrigou num monte de feno, dentro de uma fazenda, nem tão distante dos trilhos. Os nazistas saíram à sua caça. Usaram enormes foices para espetar o local onde ele estava escondido. Meu pai sentiu a ponta dos ferros roçar sua cabeça e prendeu a respiração. Depois que os guardas se foram, ele segurou pelas costas o dono da fazenda, enforcando-o com os braços. Falou que portava uma moeda numa das mãos e, apontando para ela, exigiu roupas novas, que pagaria com o único bem que possuía.

Foi para Budapeste a pé, vestindo os trajes insuspeitos do fazendeiro. Perto da estação de trem, passou por uma blitz da qual foi salvo por uma linda mulher, que ele, do nada, abraçou e beijou. O clima de guerra favorecia atos assim. Além disso, André apostou no fato de ser um homem bonito, afastando o risco de ser pego pela patrulha dos comandados de Eichmann, sem documentos que provassem que ele não era judeu. Os soldados se divertiram por um tempo com o beijo do casal e foram embora.

Vivendo novamente na sua cidade, André passou a distribuir passaportes falsificados, feitos por uma de suas irmãs. Chegou a ser preso e torturado. Suas unhas foram arrancadas. Na prisão ficava nu e era continuamente espancado. Após cada surra, tinha que se manter ereto,

virado para a parede. Se fraquejasse e deixasse o nariz ou a testa roçarem na alvenaria, apanhava de novo. Um colega partisan que trabalhava com ele foi morto na sua frente, com um tiro na cabeça.

Pouco antes de os Aliados libertarem Budapeste, meu pai foi solto pelo carcereiro. Deve ter cativado o inimigo com sua conversa simples ou com seus olhos cheios de bondade. Até o fim da vida, ele chamava as pessoas de “gente boa”. Na sauna da Hebraica, no Clube Húngaro, ou no restaurante self-service que gostava de frequentar. Quem sabe não se dirigiu ao seu carcereiro com uma expressão equivalente em húngaro? Sempre imaginei que o bom policial o libertou dizendo uma frase semelhante à dita por Láios: “Foge, meu filho, foge”.

Muitos anos após a morte do meu pai, quando eu tentava escrever o tal romance sobre ele, foi publicada uma matéria na *Folha de S.Paulo* a respeito de sobreviventes da Segunda Guerra residentes no Brasil, que foram salvos na Hungria, em 1944, pelo diplomata Raoul Wallenberg — um tipo de Schindler sueco, que duelou com Eichmann em Budapeste. Naquele ano, com a guerra quase perdida pelos alemães, o nazista tinha o objetivo final de matar um milhão de judeus húngaros. Enquanto isso, Wallenberg, um milionário que caíra meio de paraquedas na embaixada do seu país em Budapeste, distribuía salvo-condutos ou passaportes a judeus suecos para que saíssem da Hungria.

Depois de certo tempo, o duelo entre os dois se intensificou, e o sueco passou a entregar indiscriminadamente passes aos judeus húngaros, para que estes escapassem da deportação tardia para os campos de extermínio. Segundo depoimentos, após o agravamento da situação, Wallenberg foi visto acompanhando as filas de judeus que começavam as longas “marchas da morte” para os campos. Ele tentava livrar o maior número possível de pessoas do destino fatal. Muitos judeus morreram de fome, cansaço e frio, caminhando, antes mesmo de chegar ao

transporte que os levaria a Auschwitz, Birkenau, Bergen-Belsen...

Por ocasião da matéria da *Folha*, minha mãe me perguntou se eu sabia que meu pai conhecera Wallenberg. André mencionara o sueco para ela, sem entrar em detalhes. Surpreso, perguntei se Mirta achava que ele trabalhara com o diplomata. Ela não soube dar certeza, mas achava que sim. Passei a imaginar que de fato André pode ter colaborado com Wallenberg, ou, ao contrário, que meu pai talvez tivesse conspirado contra ele.

No início da estadia do diplomata em Budapeste, ele foi confrontado pelo grupo clandestino de resistência dos judeus, composto majoritariamente de jovens que ousavam se rebelar contra os nazistas. Os partisans falsificavam os vistos que, a princípio, por um acordo com Eichmann, o sueco distribuía apenas entre seus conterrâneos. Imprimiam salvo-condutos falsos e os espalhavam pela cidade. Não admitiam que a luta pela libertação dos judeus de Budapeste se restringisse aos compatriotas de Wallenberg. O diplomata e os partisans estiveram assim, por um tempo, em trincheiras diversas.

Foi apenas com a escalada das ações sanguinárias do nazista que Wallenberg mudou de posição, passando a salvar judeus independentemente da sua nacionalidade e a atuar em conjunto com a resistência judaica. Aquela frase isolada da minha mãe me levou a ler livros sobre a história do diplomata e a fantasiar meu pai como parte dela. No romance continuei o que começara com *Minha vida de goleiro*. Imaginei meu pai falsificando os vistos de Wallenberg, e um amigo dele, trabalhando com o diplomata, erguendo bandeiras da Suécia nos abrigos em Budapeste. Aquelas bandeiras, pelo acordo inicial de Wallenberg com Eichmann, deveriam proteger os judeus suecos das investidas nazistas.

Numa ocasião, quando buscava relatos de sobreviventes que moraram em Budapeste em 1944, topei com as

memórias de uma professora húngara radicada nos Estados Unidos. No livro, publicado de forma independente, ela relatava como, ainda muito pequena, naquele fatídico ano, foi separada dos pais. Levada de abrigo em abrigo, não sabia onde os familiares estavam e temia a cada momento pelo seu futuro. Não tinha ideia se voltaria a encontrar os genitores, que de fato nunca mais viu.

Certo dia um oficial nazista entrou no apartamento onde ela se refugiava, ocupado clandestinamente por judeus, num quarto coletivo com famílias que mal conhecia. A professora pensou então que a sua hora tinha chegado. Com alívio, conta que o homem vestido de nazista era um partisan judeu, e que entregava vistos ou passaportes falsos a todos que encontrava. Foi salva por aquele anjo que, imaginei, poderia ter sido meu pai. Naquele Shabat, ele havia relatado ter usado o uniforme da Ordem da Cruz Flechada para distribuir documentos falsos. Esse tipo de dúvida acerca do passado do André acompanhou toda a minha vida, a ponto de eu me emocionar com o livro americano e me arrepiar como se estivesse lendo sobre meu pai. As explicações que ele deu naquela sexta-feira foram insuficientes.

Em *Minha vida de goleiro* conto que, quando pequeno, sem saber quase nada sobre o meu pai, eu o colocava no papel de Bat Masterson, o herói elegante dos filmes de faroeste que passavam na televisão, ou na pele de personagens das óperas às quais ele gostava de assistir. Também imaginei meu pai como o National Kid, o herói voador. Embora André não fosse oriental como o justiceiro da tv, sobre os dois restavam dúvidas: ninguém conhecia a identidade do National Kid, ou o passado do meu pai.

Imagino meus pais como heróis, da televisão, dos palcos e da vida real. Esse foi um lado da vida deles. Eu já era grandinho para contar apenas a parte heroica da história, mas assim aconteceu.

Escrevi o texto em seis meses, dizendo que era para ser lido apenas pela família, mas na verdade queria muito publicá-lo. Não contei nada a meus pais até que o livro ficou pronto. Enviei a cada um deles um exemplar com dedicatórias cheias de emoção. Minha mãe me ligou após uma hora, agradecida e bastante comovida. Meu pai silenciou por dois dias. Foram horas de tortura para mim. Pensei ter rompido um trato com o André. Lembrei que ele só falara sobre sua história naquele Shabat, e que depois se recusara a contá-la à Fundação Shoah, que mantém um enorme arquivo com relatos de vida de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial. Me senti culpado demais, mal conseguindo sair de casa.

Quando meu pai me ligou, sua voz estava mais falha do que nunca. Gaguejando e mal percebendo a apreensão que me causara, disse que o livro tinha sido a melhor coisa que lhe acontecera na vida, que não conseguira ligar para mim devido à forte emoção que sentira. Me pediu que encomendasse uma tradução para o inglês, para que ele pudesse enviar *Minha vida de goleiro* às suas duas irmãs, que residiam uma na Austrália e a outra em Israel.

No nosso primeiro encontro após o telefonema, André me contou uma história que nunca havia relatado a ninguém. Disse que, ao voltar para casa, e sem saber a que campo seu pai fora enviado, recorreu a um vizinho cujo filho era membro da Ordem da Cruz Flechada. Foi com sua família à casa onde vivia o nazista pedir ajuda para localizar Láios. O jovem de fato tentou ajudar minha família, e creio ter sido ele a informar o paradeiro do meu avô em Bergen-Belsen, não conseguindo, porém, libertar Láios do campo. Com a guerra terminada, o simpatizante do nazismo foi encarcerado pelos russos, que tomaram Budapeste. Sua família então recorreu a meu pai, pedindo-lhe que testemunhasse a favor do filho, que de fato tentara ajudar uma família judia. Ao narrar essa passagem, André se emocionou, e justificou-se comigo como se eu tivesse

estado presente em Budapeste quando tudo ocorreu. Falou que não podia ser desonesto e omitir a verdade. “Tive que defender um nazista, pois ele sinceramente tentou nos ajudar.” Ao depor, meu pai foi detido, por colaboração com os nazistas, no mesmo local em que os alemães o haviam prendido. Sua irmã mais velha conseguiu libertá-lo, literalmente aos berros, contando tudo o que meu pai passara naquela prisão.

Me senti muito aliviado com a reação positiva do meu pai, mas só com o passar dos dias fui entendendo que meu propósito ao escrever o livro era bem maior. Além de contar a história idealizada da minha infância e da vida dos meus pais, o que eu queria era realizar meu objetivo inalcançado e inalcançável: trazer alegria ao casamento deles. Eu dizia que desejava que a Júlia e o Pedro os vissem como eu o fazia quando pequeno, mas na verdade nunca os enxergara exatamente daquela maneira. O certo é que o livro era destinado à Mirta e ao André. Quem eu almejava convencer do heroísmo daquelas histórias, ou daqueles personagens quase ficcionais, eram eles mesmos. Isso eu só entendi algum tempo depois. Também compreendi que a tarefa de alegrar o matrimônio dos dois era impossível. Essa conclusão chegou com quarenta anos de atraso. Quando minha vida havia sido preenchida por esse objetivo.

Uma semana após o telefonema, fui almoçar com André e sua aparência estava muito ruim. Sem nada dizer, ele pôs uma carta na minha frente. Era de um advogado que declarava representar a minha mãe. Falava novamente em separação. Meu pai, que talvez depositasse a mesma esperança que eu no livro, opôs meu texto à carta e à sua situação conjugal. Disse explicitamente que de nada adiantara meu livro, e outra vez me pedia uma ajuda impossível. Me compadeci dele, embora compreendesse a minha mãe. A vida dos dois era insustentável. Ainda assim,



fiquei sem ar, e pela primeira vez intuí o que buscava com *Minha vida de goleiro*. A missão de ajudar ou salvar meus pais sempre foi disparatada, mas eu não me libertara dela por completo.

Só fui de fato entender plenamente o tamanho da minha pretensão ao escrever o livro anos depois, com a ajuda das sessões de psicanálise com Maria Elena Salles. A carta que André recebeu foi o sinal mais concreto de que aquela ilusão infantil, cultivada por tanto tempo, não fazia sentido algum. E, inacreditavelmente, até então eu não me dera conta. Não posso culpar ninguém a não ser a mim mesmo por isso. Não assumimos esses papéis de propósito. Por certo, na minha personalidade havia um lado pretensioso, desde criança, que me levou a achar que seria capaz de assumir funções tão descabidas. Por mais que meu pai requisitasse mais e mais esse tipo de ajuda, e que minha mãe expressasse sempre uma grande dependência de mim, foi na minha cabeça que tudo se engendrou e cresceu.

Na época da publicação do livro, bem-sucedido profissionalmente, eu tinha certezas bastante sólidas, com as quais inundava o trabalho e a vida familiar. Por outras razões, essas mesmas certezas que sempre tive demonstravam inconsistências. Ninguém conseguiria se manter psicologicamente saudável com tamanha segurança. Além disso, eu possuía alguma autocrítica, e em casa convivía com pessoas de muita personalidade.

Sempre me julguei o tempo todo e, pouco antes de escrever o livro, ou enquanto o escrevia, comecei a questionar a minha arrogância. A Lili tentava havia tempos me mostrar como eu agia e a Júlia, crescida, se pôs a me enfrentar. Nossos temperamentos eram bastante parecidos e, na sua adolescência, os raros choques entre nós ganharam força. A filha não tinha medo de confrontar o pai. Na hora eu me irritava e tentava reverter e encerrar a discussão. Depois via que em muitos casos ela estava certa.

Através do choque de gerações, eu passei a me entender melhor.

Por outro lado, o Pedro demonstrava vencer suas dificuldades iniciais com o aprendizado; ele tinha um distúrbio de atenção que não fora detectado pela escola. Poderia ter contado com ajuda profissional adequada e sofrido muito menos, se houvesse recebido o diagnóstico pedagógico correto. Antes de isso acontecer, as inseguranças vencidas por ele relativizavam as minhas certezas. Pedro lutava para se encaixar no processo de aprendizado escolar convencional e revelava ser mais forte que eu, com todas as dúvidas que injustamente pairavam sobre ele.

De todo modo, deixar minha arrogância de lado não era tarefa fácil. Esse processo, aliado à ilusão que depus no meu primeiro livro, trouxe nuvens sombrias à minha vida e uma depressão severa começou a se formar.

No casamento vivíamos um certo afastamento. São períodos difíceis mas normais, que acontecem em uniões duráveis e bem-sucedidas. Nossa relação não esteve em questão, porém meu estado psíquico não me ajudava a entender as coisas dessa maneira. Eu não acompanhava plenamente o sucesso acadêmico da Lili. Frágil por outros motivos, tinha dificuldade em aceitar que havia uma área da vida dela da qual eu não fazia parte. Aos poucos, fui me debilitando mais e requisitando atenção total e exclusiva. O timing não podia ser mais infeliz. Lili fora convidada para um congresso em Portugal. Me perguntou seguidas vezes se eu preferia que não viajasse, e eu, com meu orgulho e meu silêncio, insisti para que ela fosse. Devia ter simplesmente lhe pedido, com humildade, que ficasse. Causaria alguma decepção a ela, mas teria sido o certo.

Logo eu piorei muito e a Lili teve que voltar. Mesmo num estado bastante desequilibrado, acho que não disse o que queria, mas ela percebeu e veio. Fui buscá-la no aeroporto com flores nas mãos e uma expressão péssima no rosto.

Estava grato e envergonhado. Uns dias depois, fomos a nosso sítio, onde havíamos erguido apenas uma casa provisória. A principal estava em construção. Eu insistira para começar a obra. A Lili estava trabalhando muito numa nova pesquisa e gostaria que esperássemos um momento mais calmo da sua vida profissional. Mas eu precisava construir aquela casa e preencher o vazio que aos poucos invadia a minha cabeça.

Lembro que sentamos na estrutura superior do que viria a ser a residência de pau a pique e que na época eram apenas estacas e vigas fincadas no terreno íngreme, uma casa sem paredes, para ser ocupada com a imaginação. Não importava o quanto eu havia participado da elaboração da planta e de toda a pesquisa e concepção. Estava abalado e não enxergava ali nada próximo do local que se transformaria no mais importante da minha vida. Será lá, na divisa de São Paulo com Minas Gerais, que eu passarei a me entregar com frequência aos rios gelados, cujas nascentes ficam pouco acima do sítio. No estado em que me encontrava, eu olhava para os alicerces da futura casa e enxergava ruínas. A depressão tomara conta de mim.

Pouco antes disso, eu havia procurado uma psiquiatra pela primeira vez. Vivia com pensamentos obsessivos e na mais completa insegurança pessoal. Ela me receitou um antidepressivo forte e recomendou que nos falássemos diariamente. Naquele diagnóstico cometeu-se um erro grave. Fui medicado como se tivesse uma depressão simples e não de espectro bipolar. No curso do tratamento, eu não melhorava, pelo contrário, os sintomas se agravavam. Lembro que mais à frente me prescreveram também um antipsicótico, e ele me fez um mal imenso. Tomar aquele remédio foi das piores coisas que me aconteceram. E eu não estava delirando. Tinha pensamentos repetidos e incessantes, majorava a realidade e via tudo negativamente. O uso do potente antipsicótico não se justificava. Comecei a perder o controle. Tudo era

instável e mudava em minutos. Eu já não tinha mais nenhuma certeza nem autoconfiança.

Num sábado à noite, fomos ao cinema e a escolha do filme foi infeliz. Bem antes de terminar a sessão de *Clube da luta*, me senti muito mal e saí. Lili viu mais um tanto do filme enquanto eu aguardava do lado de fora. Minha cabeça parecia uma máquina trituradora. Aquela violência da tela me invadira e era como se os socos das lutas fossem desferidos contra mim. Sentado no lobby do cinema, me controlei para não gritar. Deveria ter voltado à sala de exibição e explicado a situação à Lili, mas fiquei quieto, achando que ela precisava adivinhar o que se desenrolava em minha mente. Estava numa crise forte de mania e não distinguia o que se passava comigo do mundo exterior, como se eu estivesse no centro de todas as ações.

No dia seguinte, haveria um evento da Companhia das Letrinhas com a presença de vários autores. Uma conversa com as crianças sobre *Minha vida de goleiro* constava da programação. Amanheci me sentindo mal, mas mantive o planejado. Achei que o evento me faria bem, porém, ao começar a falar sobre a minha infância, desandei a chorar e quase não encerrei a participação. À tarde, em casa, meu estado se agravou. Eu torturava a Lili com conversas intermináveis, minha mente girava na direção do precipício. Ela fazia tudo o que podia, me escreveu uma carta muito amorosa, mas não lhe dei ouvidos. Naquela hora já estava longe dali. Perdi totalmente o controle. Entrei no banheiro, tranquei a porta, destruí o boxe e me cortei. Os cortes foram superficiais. Buscavam chamar atenção e não acabar com a minha vida. Meu estado de confusão e tristeza era absoluto.

A Lili entrou em contato com a minha psiquiatra, que pediu a ela que me levasse a uma clínica de recuperação. Com uma amiga sua e a Júlia, fomos os quatro a um local afastado, para onde a médica mais tarde também se dirigiu. Acho que, além de me ferir, eu tomei uns cinco ou seis

comprimidos de calmante e estava completamente tonto, não só por isso, mas pelo estado de choque que vinha crescendo desde a sessão do *Clube da luta* e explodira naquele momento.

O antidepressivo tinha agravado em muito a minha condição. Serviria para elevar meu moral, como se eu estivesse só para baixo, em depressão. E, assim, tornou mais insuportáveis as obsessões, acabando por causar um severo pico de mania.

A clínica para onde fui levado era correta, mas dela pouco me recordo. Sei apenas que fiquei algumas horas num quarto minúsculo e sob supervisão. A Lili precisou buscar o Pedro na casa de um amigo e chamou meus pais. Foi difícil recebê-los e vivenciar aquela inversão de papéis. Com o tempo, os calmantes perdiam o efeito e eu me dava conta do que acontecera. Fui sendo tomado pela mais absoluta vergonha. Num primeiro momento, não lembro de ter pedido desculpas, pelo descontrole que me dominava. Com o prolongamento da depressão, eu oscilava e, sempre que caía em mim, pedia desculpas sem parar e chorava.

Foi especialmente difícil ver o meu pai entrando no pequeno quarto. Minha mãe sempre fora mais forte, por mais que me colocasse no centro de sua vida. Ela havia passado pelas seguidas perdas dos filhos e principalmente sempre contou com o apoio de um pai muito presente, com quem teve uma excelente relação. Na época o Deda já não estava vivo, mas sua influência é importante para a minha mãe até hoje.

André e Mirta naturalmente estavam muito preocupados e assustados, mas tentavam se controlar. Lembro mais da expressão perdida do meu pai, falando com o olhar, por não saber se expressar bem com as palavras. Mirta estava mais inteira ou demonstrava estar. Poucas horas depois, a Lili retornou e fui liberado para voltar para casa, porém com o acompanhamento de um enfermeiro por tempo integral. Naquela noite ele dormiu numa poltrona do meu quarto. Na

minha lembrança, tive a companhia compulsória desse enfermeiro por um mês ou mais. Mas parece que foi de fato questão de dias ou de uma semana. Para mim aquele tempo pareceu muito mais longo.

O certo é que fiquei por um bom período sem sair do quarto ou trabalhar. Com dificuldade para dormir, ou mesmo em momentos de desespero, eu passei a bater violentamente as pernas na cama, como meu pai.

## 12. Efeitos colaterais

Em casa, o tratamento prosseguiu, mas sem resultados muito positivos. Ao menos eu estava sob controle, distante de atitudes intempestivas, sobretudo pelas altas doses de ansiolítico que tomava. Creio que a psiquiatra, após o ocorrido, passou a me tratar como bipolar. Não tenho certeza se foi ela que promoveu a mudança ou se foi um novo médico, a quem recorri cerca de dois meses depois da explosão. O fato é que me lembro de ficar totalmente refém dos remédios. Esse psiquiatra, que havia tratado de uma amiga nossa, mudou toda a minha medicação. Ele tinha muita fama e nenhum carisma, ou sensibilidade. Criava metáforas desastrosas, comparava a depressão a um cabide, onde qualquer mau pensamento podia se acomodar. Não sei se era excesso de rigor literário da minha parte, mas aquele recurso simbólico simplório não ajudava na terapia. Para mim a depressão era muito mais que um cabide onde se dependuravam maus pensamentos.

As expectativas do deprimido se renovam a cada consulta, ou a cada troca de médico, mas fora desses momentos o tratamento de uma crise depressiva significativa é muito lento e sofrido. O paciente fica perdido, não só quando toma atitudes radicais ou nos períodos mais agudos de falta de controle. A turbulência é tão intensa que

a vida parece estar sempre por um fio. Os remédios mexem com o organismo, e a instabilidade acentuada torna completamente vã a esperança de cura rápida. E assim, no começo do tratamento, o fosso só faz aumentar.

O sofrimento é tal que não só o paciente precisa se agarrar ao que dizem os médicos: a família se sente vivendo a batida metáfora do túnel, tentando achar alguma luz, que na verdade não há. A vida de todos muda. De repente o enfermo requer atenção exclusiva, rouba os espaços individuais e transforma a família num bloco sob o comando da doença. É uma espécie de totalitarismo da depressão. A dedicação da Lili, Júlia e Pedro era comovente. Eles me davam tudo o que podiam. Chorávamos juntos em alguns dias, mas na maioria das vezes elas e ele se mantinham fortes, mesmo me vendo naquele estado inconsolável. Se, no passado, para mim era penoso conviver com pais que precisavam da minha ajuda, não foi fácil para eles encarar a mudança brusca, de um pai quase autossuficiente para alguém destroçado. E na fase aguda os meus acessos de culpa se misturavam com os pensamentos depressivos, ocasionando prolongadas crises de choro, num círculo vicioso que exigia uma paciência infinita por parte da minha mulher e filhos.

Depois da explosão, ficando o deprimido o tempo todo em casa, sua cabeça começa a oscilar entre uma força incontrolável que quer exigir atenção total, que julga qualquer ato dos familiares como prova de amor ou de descaso, e momentos de autocrítica e de absoluta vergonha, que o levam a se explicar incessantemente. Com a alta labilidade emocional provocada pela bipolaridade, o choro surgia do nada, e se prolongava em círculos. No final eu nem lembrava do motivo inicial do pranto.

Eu via o efeito da minha doença na Lili e nos meus filhos, percebia que eles precisavam fugir ou esquecer daquele drama, ao menos de vez em quando. Mas a sensação de que necessitavam de ar era por vezes mal compreendida



por mim. A Lili nesse aspecto era a mais atingida. Eu não aguentava que ela fosse a um café conversar com uma amiga, nem que acompanhasse um aluno e conversasse por mais tempo com ele à porta da nossa casa.

Os primeiros meses são cruéis, a ansiedade só cresce. Não se trata de um cabide mas de uma invasão. O tratamento da depressão requer longo tempo, no entanto o doente tem urgência. A cada ilusão ou recaída, o tempo parece se encurtar dentro de nós, a sensação é a de que não vamos conseguir aguardar. Depois de curado, entendi que tanto meus filhos como a Lili precisavam viver a própria vida. Não bastava me ajudar, eles precisavam também poder esquecer do pai e marido doente.

Pouco antes da crise, eu procurei minha antiga psicanalista, com quem fizera análise freudiana por três anos, na década de 1980. Nas sessões com Maria Elena Salles — que iniciei quando trabalhava na Brasiliense —, a Companhia das Letras começou a ser gestada. Eu percebi no divã, com a ajuda da psicanálise, que precisava empreender e criar minha editora. Depois de fundada a empresa e do sucesso prematuro, passei a faltar às sessões. Não conseguia ir aos três encontros semanais que um trabalho psicanalítico profundo requer. Faltava invariavelmente a um deles. De fato, eu tinha muito mais compromissos do que previra, mas também me sentia embriagado pelo impacto inicial que a Companhia das Letras causara. Imprudente, abandonei a análise. Tempos depois, encontrei Maria Elena num voo da ponte aérea e ela me perguntou se eu pensava em voltar. Disse que não, delicadamente mas com firmeza.

Quando a crise depressiva se iniciou, eu a procurei e ela achou melhor que eu tentasse recomeçar com outro profissional. Havíamos criado alguma amizade depois daquele voo. Me sugeriu três nomes, fui às entrevistas, mas não gostei de ninguém. A comparação com o trabalho que tinha desenvolvido com Maria Elena desfavorecia qualquer

novo possível analista. Ocorrida a tragédia, voltei a ela e a análise recomeçou. A Lili me levava e precisava me esperar em cada uma das quatro sessões semanais. Após um certo tempo, comecei a ir sozinho.

A análise foi uma das experiências mais importantes da minha vida, e nessa segunda rodada durou pouco mais de dez anos. Mesmo com o acerto da medicação — que de fato só se deu mais de um ano após o meu descontrole total —, sem a análise eu não teria saído completamente da crise. A parte que resta até hoje, e que vira e mexe aparece, ou que não me permite parar de tomar remédios, é basicamente química. Não sei como estaria se não houvesse passado por esse processo de autoconhecimento, durante o qual muitas vezes mirava o fundo do abismo e em outras vislumbrava, com mecanismos que encontrava dentro de mim, a redenção. É como nos sentimos levando a sério um tratamento analítico, depois de conhecer processo tão destrutivo. Sem a psicanálise, eu não teria instrumentos pessoais para lidar com os resquícios químicos da depressão.

No tratamento médico, o pior eram as trocas constantes de remédio, as tentativas frustradas, a falta de controle da mente e do corpo, sob os efeitos colaterais resultantes de tamanha invasão química. Nos raríssimos momentos de bom humor, eu dizia que iria aproveitar a experiência e escrever um romance chamado “Efeitos colaterais”. De fato, eu tinha todo tipo de reação. Dor de cabeça, sonolência ou ausência absoluta de sono, sudorese, tremores nas pernas e nas mãos, e consequências em minha vida sexual. Por milagre não perdi completamente a libido, pelo contrário, me apoiava um pouco nesse campo, para tentar algum prazer ou afirmação de ego. Mas os remédios dificultavam extremamente o funcionamento normal do corpo. É um mecanismo perverso, produzido pelos medicamentos que devem salvar da depressão. No meu caso, a libido até estava lá, mas com boa parte dos antidepressivos que usei

o prazer nunca era alcançado. Pior que isso, com um estabilizador de humor tive outro tipo de anorgasmia, passei a ejacular sem sentir prazer, ou sem sentir nada. Na verdade, não notava a ejaculação sair de mim, ejacular era menos perceptível que urinar. Foi das experiências mais traumáticas daquele período. Me sentir incapaz até de perceber o prazer físico, como se meu corpo não pudesse me proporcionar nada além da tristeza absoluta.

O esporte e o sol são instrumentos terapêuticos fundamentais, mas nos primeiros momentos não há disposição para sair de casa, e menos ainda para se exercitar. Eu ficava entre quatro paredes, muitas vezes na cama, batendo os pés. O alívio vinha apenas do carinho familiar e da companhia dos cachorros.

Antes de a profunda crise pessoal começar, eu tive um problema médico, oriundo de uma cirurgia de hérnia inguinal, que sem dúvida contribuiu para o meu estado psicológico. A depressão magnifica qualquer dor, e a dor constante aumenta a depressão. Na operação o cirurgião apertou demais a cinta que é colocada no abdômen, e eu passei a sentir dor incessante nos testículos, por um ou dois meses.

Fui a vários urologistas que por corporativismo diziam que eu estava com uma inflamação numa região próxima aos testículos, cravavam que tinha epididimite. Nunca culpavam o colega por um erro elementar na operação.

O consultório do dr. Drauzio Varella era próximo da editora, e ele, sabendo das minhas dores, vinha me ver, trancava a porta da minha sala e me aplicava injeções de anti-inflamatório, que ajudavam um pouco porém tinham efeito temporário. A dor enigmática só veio a receber um diagnóstico correto quando o Drauzio me enviou ao dr. Dario Birolini — o mestre de todos os cirurgiões de São Paulo. Dr. Dario falou que o sangue não estava circulando propriamente na região da cirurgia, mas que com o tempo isso voltaria a acontecer. Disse que o cirurgião, seu aluno,

fizera a lição de casa “bem demais”, apertando muito a cinta. Por certo, aquelas dores incessantes, num local sensível, me abalaram. Convivi com elas por volta de dois meses, logo antes da pior fase da depressão. Elas contribuíram fortemente para que eu perdesse a estabilidade.

Mais à frente, curado da lição de casa do cirurgião, feita com excesso de esmero, mas bem deprimido, eu desejava voltar a levar uma vida normal, e usufruir dos momentos em que me restava alguma energia. Contudo, os antidepressivos e estabilizadores de humor não deixavam.

Aos poucos comecei a sair do quarto e andar pela casa. Minha psiquiatra disse que eu poderia ficar sozinho, já que a Lili precisava trabalhar. Eu tinha que entender que a vida da Lili precisava continuar, nem sempre ao meu lado. Permanecia sentado no jardim ou na área de serviço horas a fio. Bartolomeu, um dos cachorros, ou um dos seres mais importantes da minha vida, lambia meu rosto, enquanto eu restava desconsolado em sua companhia.

Mais à frente, os estabilizadores de humor receitados pelo novo médico — que funcionam para os bipolares como contraponto aos antidepressivos — me causaram uma letargia muito grande e um processo de despersonalização. Eu não sentia nada, não me reconhecia, por conta da turbulência da depressão mas também pela impessoalidade absoluta que aqueles remédios provocavam. Os momentos de mania diminuíram; por outro lado, eu me sentia como um vegetal. O choro incontido amainava com essas drogas, o descontrole era menor. Em compensação, a tristeza não tinha por onde sair.

As reações aos remédios são individuais. O que serve para alguns é nocivo para outros. Não aguentei tomar Depakote ou Depakene por muito tempo. Eles ocasionavam aquela letargia. Outros estabilizadores passaram a ser testados. Embora com o tempo eu tenha superado aquele efeito inicial mais acentuado, durante muitos anos senti que os

antidepressivos passaram a bloquear alguns sentimentos — ou melhor, a extravasão desses sentimentos. Choro com facilidade em momentos de tristeza ou quando me sinto emotivo, mas com esses remédios, durante anos, foi quase impossível chorar. A vontade estava dentro de mim, mas o corpo, comandado pela química que eu ingeria diariamente, não permitia. Um dos momentos mais difíceis foi quando, há dois anos, faleceu um dos meus cachorros, a Margot. Eu e a Lili estávamos em Nova York. Tentei correr para voltar mas não houve tempo. A dor dentro de mim era imensa, mas ela não se convertia em lágrimas. É bem mais fácil superar a tristeza quando a vemos correr em nossa face, apertar a nossa garganta, impedir a nossa respiração.

Dois dias depois do domingo sombrio em que me cortei, comecei a escrever um livro, à mão, em acentuada mania. Era um romance sobre um pianista que decidia abandonar a carreira ao assistir ao concerto derradeiro de Dinu Lipatti, em Besançon. O grande pianista romeno, acometido de câncer em estado já avançado, tentou realizar esse último concerto. Mas não conseguiu finalizar o programa: faltou apenas executar a “Valsa Op. 34, número 1” de Chopin, peça prevista para o encerramento. Lipatti é um personagem real, e o concerto de Besançon creio que se deu mais ou menos assim. Na minha imaginação, com a mulher de Lipatti nas coxias para observar se ele iria aguentar ou não tocar até o fim. O meu personagem pianista idealizava a música como algo acima das limitações do corpo e da alma humanos. Ao ver que seu ídolo fraquejava, se rendeu à fragilidade de nossa existência e abandonou a carreira. Conta sua vida a um menino que ia pela primeira vez à escola sem que o pai o levasse, e que desce no ponto de ônibus errado e perde o horário do sinal. O menino fica no meio-fio esperando a aula terminar e pensando na desculpa que dará ao pai. Fracassara no seu

primeiro ato como ser independente, ou adulto. Encontra aquele homem de pernas longas, que pede licença e senta a seu lado no meio-fio.

O quase romance ficou péssimo, e nesse caso nem precisei mostrá-lo aos editores para saber. Bastou avançar na cura da depressão e ver a reação da Lili ao lê-lo. A cena do menino que desce no ponto de ônibus errado, acabei usando num conto, muitos anos depois. Um livro inteiro que foi reduzido a algumas linhas de outra história. Lembro que comecei a escrevê-lo ainda quando estava sendo vigiado pelo enfermeiro. Nem a presença dele no meu cangote foi capaz de inibir minha furiosa vontade de escrever. Naqueles dias a mania definitivamente não estava sendo controlada.

Susan Sontag, uma melômana obsessiva como eu, em sua segunda visita ao Brasil me perguntou, durante um almoço, se eu já ouvira o disco do pianista Dinu Lipatti, gravado ao vivo no seu último recital. Eu sorri e disse: “Sim, eu conheço, e você não imagina o quanto este disco me é familiar”. Tinham se passado apenas dois anos e meio do início da minha crise depressiva, mas é claro que nem sequer mencionei a ela o texto que eu já havia renegado.

É curioso como esses romances frustrados que fazem parte da minha vida entram agora nas minhas memórias. O fato de eu escrever sobre um pianista desiludido com a arte e sobre um menino que falha na primeira vez que precisa se guiar por conta própria funciona mais para entender o meu estado psicológico, ou a minha vida até então, do que como boa literatura. Parece que esses textos todos, já condenados ao lixo, foram escritos para entrar aqui, neste livro de memórias. Servem para que eu me defina pelo que não publiquei. E para que eu hoje ironize os pobres personagens que certo dia pensei ter criado.

## 13. O editor-personagem

Antes do pedaço de romance escrito à mão, eu já havia tentado escrever outro, no momento em que tive o primeiro episódio de depressão. Isso se deu por volta de nove anos antes da grave crise de 1999.

Na feira de Frankfurt de 1989, a Companhia das Letras obteve grande êxito, o que ajudou a tornar a editora conhecida internacionalmente. O responsável por isso foi o livro *Boca do Inferno*, de Ana Miranda. A partir do sucesso de público e crítica no Brasil, preparei o romance para ter seus direitos de publicação vendidos para o exterior, numa época em que quase nenhuma obra da literatura nacional seguia trajetória fora do país. A estratégia deu muito mais certo que o previsto. Formou-se um burburinho que levou os melhores editores do mundo a fazer, durante a feira, ofertas às escuras, isto é, sem ter lido o livro. Um leilão involuntário se iniciou, e boa parte do mercado editorial do planeta voltou seus olhos para um livro nosso. Um batalhão de editores, que ouvira falar do livro nos corredores da feira, me procurava no estande coletivo do Brasil, onde havia mais samambaias que livros. (Para profissionais como eu, deveria bastar um espaço para guardar o casaco, tomar café, e olhe lá.) E eu nunca estava no reduto das samambaias. Como não esperava receber ninguém,

agendara encontros em outros estandes, para comprar direitos de romances e ensaios de diversos países. Não me achando, esses *publishers* deixavam suas ofertas, baseadas no máximo na leitura dos pareceres das editoras alemãs, que receberam o livro antes da feira e tiveram tempo de lê-lo.

Frankfurt funciona assim, com livros cuja reputação cresce, como uma bola de neve, nos corredores dos muitos pavilhões de exposição. Um editor comenta com outro, que repassa a informação a um terceiro, e aí vai. A engrenagem da feira opera como uma verdadeira espiral de ilusões, na qual as melhores editoras embarcam, sem ler.

Resolvi recusar as propostas, dizendo que daria chance para que todos mandassem o livro para seus leitores de português, e então poderem saber o que estavam comprando.

Encerrada a feira, fui com a Lili passar quatro dias entre Veneza e Milão. Em Veneza, escolhemos um hotel simples, que havia comprado sua primeira máquina de fax na semana em que chegamos. Do aparelho escorriam mensagens que inundavam o pequeno lobby. Poucos editores tiveram tempo de receber um parecer de leitura, mas mesmo assim mandavam ofertas via fax para o escritório da Companhia das Letras. De lá estas eram retransmitidas para o hotel. Era divertido voltar dos passeios aos canais e palácios e ter que lidar com aquele monte de papel que por vezes consumia todas as bobinas do local. Eu continuei a não aceitar as *blind offers*, ressaltando que todos teriam um prazo de duas semanas para ler o livro.

Um imprevisto nos fez retornar antes do tempo ao Brasil. Meu avô piorou muito de um mal pulmonar e estava com os dias contados. Enquanto viajávamos, ele acompanhava nossa temporada italiana com um mapa no colo. Alguns dias depois de nossa chegada, Giuseppe morreu. Até então, eu havia perdido somente minha avó paterna, que morou



pouco tempo no Brasil, quando eu era pequeno demais para que me lembrasse dela; meu bisavô materno, de quem me recordo apenas pelas fotos; e a minha bisavó materna, que eu visitava com frequência mas que ficou anos em estado demencial. Ia vê-la aos domingos num asilo na Vila Mariana, o mesmo onde estão hoje os dois últimos amigos vivos do meu pai. No final, ela não reconhecia ninguém e passava o tempo cantando canções sefarditas em ladino. Sua voz tinha a desafinação aguda dos anciãos. Era bonito ouvir o canto falhado, com um refrão incessante e numa língua incompreensível mas assemelhada à nossa. Ela enxergava muito mal e não atinava com o que ouvia, assim aquelas canções que ninguém entendia eram a única forma de comunicação com o mundo, e consigo própria.

A morte do meu avô foi a primeira que deixou um grande vazio dentro de mim. Mesmo com seu pouco-caso com meu pai no trabalho, o Giuseppe era um homem muito cordial. Fugia diplomaticamente de confrontos, dando um jeito de fazer as coisas como queria, sem brigar. E nós dois nos adorávamos. Eu me utilizava do fato de que os vários conflitos da família nunca eram explícitos o suficiente e me dava bem com todo mundo. Buscava cumprir as expectativas de cada um. Para meu avô, sempre fui grande. Ele me respeitava dessa forma e eu tentava retribuir, com seriedade, aquele tratamento precoce. Quando faleceu, eu entendi o sentido da morte. Ao desistir de ir a Milão para voltar a tempo, entrei em pânico, temendo que não fosse mais possível encontrá-lo com vida. Tinha esse trato com minha mãe, ela me avisaria no caso de uma piora. Mirta, a pedido de Giuseppe, só me ligou quando estava claro que ele não venceria a inflamação no pulmão. O jeito foi me chamar sem contar a meu avô, que permanecia com o mapa da Itália sempre à mão. Ainda o vi consciente, no hospital, mas foram poucas horas ou dias. Quando a Companhia das Letras começou, Giuseppe e André foram meus sócios, e cederam duas salas nos fundos da gráfica

para que a editora pudesse funcionar ali. O Deda todo dia vinha me visitar e, se havia algum autor comigo, dizia: “Antes ele era meu neto. Agora eu sou o avô do Luiz”.

Na reza que os judeus fazem, durante uma semana, após a morte de um familiar, sempre ao anoitecer, cheguei a receber telefonemas de editores que descobriram meu paradeiro, querendo discutir suas ofertas para *Boca do Inferno*.

A cada recusa minha, as *blind offers* subiam, dobravam ou triplicavam de valor. Carol Brown Janeway, uma amiga minha da editora Knopf, que não entrou na disputa louca dos colegas, ria comentando que eu havia feito tudo de caso pensado — para ela, as recusas eram uma estratégia de marketing, visando adiantamentos maiores, mas eu nunca teria feito isso de caso pensado. De fato, o episódio internacional de *Boca do Inferno* foi excelente para que uma série de editores viesse a conhecer o catálogo da Companhia. Muitos atestaram a qualidade literária dos livros publicados nos primeiros anos e passaram a me convidar para jantares privados ou coquetéis bastante especiais.

*Boca do Inferno*, mesmo sendo um livro muito bom, não conseguiu dar lucro aos editores internacionais, tão altos haviam sido os adiantamentos pagos no fim daquele inesperado leilão. Por isso, eu comecei a me questionar sobre o funcionamento do mercado, sobre os métodos nem sempre profundos, ou literários, das melhores editoras do mundo, que vim a conhecer mais intimamente. Alguns meses após a feira, sofri uma fratura feia nos ligamentos do tornozelo. Tive de me submeter a uma cirurgia cuja recuperação exigiu dois meses de repouso e fisioterapia. Naquele tempo parado, fui ficando desanimado e vendo meu idealismo em relação à profissão de editor diminuir. Algumas das minhas certezas profissionais foram abaladas. Parei de ir às feiras não essenciais, como a dos Estados

Unidos, na época ainda muito frequentada. Era o primeiro esboço de depressão adulta da minha vida.

Como resposta à minha incipiente desilusão, imaginei um romance, mas escrevi apenas umas poucas páginas. A trama centrava-se num editor que idealizava a literatura, da mesma maneira como o pianista mitificava a música no texto que eu viria a escrever anos depois. O editor se desiludia com o mercantilismo da profissão, entrava num tipo de surto, e preparava um falso romance para negociar em Frankfurt. Produzia capa, orelha, resenhas e listas de mais vendidos falsas.

O romance inexistente girava em torno da descoberta de uma partitura que Berlioz teria composto a partir de uma obra desconhecida de Shakespeare. O livro era vendido na feira para editoras do mundo todo e o editor voltava ao Brasil incumbido de escrevê-lo. Refugiava-se em Atibaia, de onde mandava uma carta para sua namorada. Tratava-se de uma paródia ridícula da carta-testamento de Getúlio Vargas. A missiva era também um amontoado de citações dos seus autores favoritos — de Raymond Chandler a Jorge Luis Borges, passando por Machado de Assis e Albert Camus. Acho que terminava com “saio da história para entrar na literatura”. A namorada deduz então que o editor poderia ter ido para as cidades dos escritores citados, e sai em busca do seu companheiro, seguindo um roteiro policial a partir das obras mais importantes de cada autor — enquanto ele na verdade se encontra num lugar sem nenhum charme literário. No fim, em Atibaia ele só consegue escrever um conto, muito bom mas que não é o suficiente para entregar aos editores, que haviam comprado os direitos de um romance.

Contei a trama do livro para Rubem Fonseca. Estava tão enlouquecido que perguntei a ele se escreveria o conto, de ótima qualidade, para ser inserido no romance mediano que eu faria. Rubem respondeu com sabedoria: “O conto de

ótima qualidade é o mais fácil. Difícil é escrever todo o resto”.

Não sei qual dos esboços de romances que escrevi em períodos de depressão foi pior. Os dois revelam total falta de talento para a narrativa ficcional longa e uma crença excessiva em ideias preconcebidas, sem profundidade no trato com os personagens. O mesmo acontecerá depois com o romance sobre o meu pai, embora os primeiros, escritos com diversos graus de agitação maníaca, estivessem num nível ainda mais baixo. Aqueles dois quase romances não eram de fato metáforas muito melhores do que a usada pelo psiquiatra famoso. Eram mais caudalosas. Ao menos eu tinha como desculpa o estado em que os escrevera.

Anos de trabalho no mercado editorial deveriam ter evitado que eu embarcasse em aventuras tão furadas. Por sorte, sempre tive menos ilusão ao escrever do que senso crítico ao ler. Ou fui ajudado por terceiros. Os dois textos surgiram em momentos em que a autocrítica estava prejudicada pela frenética velocidade da minha vida interior.

De todo modo, o romance sobre o editor revela um período em que algumas incertezas sobre a profissão passaram a tomar conta de mim. Mesmo assim, há muita pretensão, disfarçada de paródia. A embriaguez com o segundo momento de sucesso profissional na minha vida, da Brasiliense à Companhia das Letras, possivelmente começava a desaguar. O personagem do editor idealista hoje soa como um personagem-rascunho do pianista frustrado. E a minidepressão de 1990 como um esboço da que ocorrerá, de forma aguda, nove anos depois. Nesse intervalo, outras certezas foram aos poucos sendo questionadas, num processo que talvez tenha me livrado de um delírio de ego mais significativo, mas que ao mesmo tempo me empurrou para a depressão.

O tratamento desse primeiro sintoma de depressão foi ministrado em 1990 pelo meu clínico geral da época. Tomei Prozac, e tive uma alergia que provocou o inchaço de todas

as juntas do meu corpo e manchas vermelhas em parte da minha pele. O médico vibrou com a “beleza” do meu caso, para ele um evento clínico-científico interessante. O uso daqueles termos e a alergia espalhada pelo corpo me levaram a dispensar o clínico e abandonar o Prozac.

De toda forma, no prelúdio ou cerne da depressão, o editor e o músico que mitificavam a arte e se desiludiam e o menino que gostaria de não ter que crescer prematuramente eram uma pessoa só.

## 14. Livro de memórias

Os primeiros três meses após a crise depressiva severa de 1999 foram de reclusão total. Depois disso, melhorei um pouco e voltei a trabalhar. A chegada à editora foi muito emocionante. Apenas duas pessoas sabiam com algum detalhe o que havia ocorrido comigo; as outras deveriam ter ouvido falar que eu estava deprimido. Recebi bastante carinho naquele dia, chorei à beça e me senti bem.

Mas a vida ainda não era a mesma. No fim do ano, inauguramos a casa principal no nosso sítio, a que estava em construção quando a Lili voltou de Portugal. Convidamos dois casais de amigos mais íntimos e seus filhos. Esses amigos eram os únicos que acompanhavam de perto a minha depressão. Era a estreia oficial da casa com que havíamos sonhado.

Tudo parecia que ia dar certo no começo da temporada, mas, na noite de Ano-Novo, um dos cachorros que moravam lá se assustou com os fogos de artifício e sumiu. Passamos dois dias desesperados à procura do Fred, que se refugiara num tipo de porão da pequena casa que tínhamos erguido perto do rio para podermos acompanhar a construção. Depois disso, o tempo fechou de vez e o sítio ficou cercado de nuvens dias a fio. Não conseguíamos ver nada a um palmo de distância. Era uma situação aflitiva para qualquer

um, porém insustentável para alguém com depressão. A natureza acaba funcionando metaforicamente na cabeça do deprimido, que precisa poder enxergar com clareza e receber o calor do sol. Nessa altura estávamos só a Lili e eu com nossos filhos e os filhos dos nossos amigos. Sabíamos que o mau tempo era desfavorável para deprimidos, mas na época eu achava que estava quase curado, e dava de ombros para as previsões meteorológicas. A longa tempestade de 1999-2000 na serra da Mantiqueira não teve igual, no passado e até hoje.

Na montanha vi que estava longe da cura, pois aquelas nuvens espessas me afetaram muito. Para complicar, a cada dia ouvíamos notícias de que mais barreiras caíam e fechavam a estrada em vários pontos. Após dias sem energia, a comida congelada começou a estragar. O cerco das nuvens e das estradas gerou pânico e resolvemos voltar. Saímos às pressas e por milagre não ficamos obstruídos no caminho. No meu estado, teria sido um desastre. A família do caseiro partiu e ficou presa na estrada para Campos do Jordão por um dia. Já ele só conseguiu sair da sua casa usando um cipó.

Depois do fim de ano frustrado, a Lili quis me levar para a praia. Não havia autorização da psiquiatra para que ela fosse a lugar nenhum sozinha comigo. A presença de mais alguém para ajudar numa emergência era obrigatória. Assim, a mãe dela nos acompanhou. Quando chegamos, uma chuva monumental caía no Litoral Norte de São Paulo. Ao mesmo tempo, um defeito no boiler do aquecedor causou uma inundação — justo na nossa primeira noite.

Assim como as tempestades, as inundações de todo tipo podem aguçar uma crise depressiva forte. Para piorar, ao tentar secar a casa, a Lili caiu e quebrou duas costelas. E eu mal conseguia tomar alguma atitude prática, como pegar um rodo, por exemplo, e tive dificuldade em socorrer a Lili e levá-la a um hospital. O acidente me deixou apavorado, quase inerte. O cuidado com os outros sempre foi o meu

forte, mas na depressão perdemos até nossas qualidades essenciais.

Com o aquecedor quebrado, mudamos para outra casa, a Lili disfarçando sua dor. Caminhávamos na praia, quando ela aguentava. Os passeios me faziam algum bem, mas os remédios ainda não eram os adequados, e a cura estava longe de acontecer. Depois dessa estada na praia praticamente não voltei ao local.

Outras viagens dessa época também acabaram não sendo boas. Eu melhorei um pouco e disse à Lili que queria levá-la para Nova York. Ali tive uma crise forte, mesmo indo ao teatro ou a concertos toda noite. Chorei bastante no meio do musical *O Rei Leão*, então o mais disputado da Broadway. E não porque o núcleo do enredo é a perda do pai, mas por puro descontrole ou autopiedade exacerbada. Foi ridículo o espetáculo paralelo daquele marmanjo engasgando de chorar no *Rei Leão*. Estávamos indo à Broadway para agradar a Lili, que desde criança era fanática pelas animações da Disney. Seria uma prova de que eu poderia não estar, o tempo todo, no centro das atenções e que poderia fazer algo exclusivamente para agradá-la. Não deu certo.

Numa outra ocasião, acreditando estar em boas condições, fui para Bonito com o Pedro. Lá tive a prova de que a depressão subverte até a paisagem. No Mato Grosso do Sul o que me angustiou foi a excessiva calma da planície, a falta de acidentes geográficos. A beleza decorrente do céu sempre límpido e da transparência dos rios travou minha garganta. Era como se o vazio dos céus fosse apenas um eco do meu vazio interior. Eu fazia de tudo para o Pedro não perceber o meu estado, lutando para aguentar até que a viagem terminasse.

Seria natural imaginar que depois de tanto tempo, e em condição saudável, eu conseguisse olhar para o ocorrido em Juquehy e Nova York com senso de humor judaico, vislumbrando o lado tragicômico de tantos infortúnios em



sequência. Esse tipo de humor faz parte da minha vida, vejo o mundo dessa forma, misturando choro e riso, mas não consigo aplicá-lo aos tempos da depressão. Com ela não há espaço para a graça, nem quando vivida nem como lembrança.

A crise depressiva se aproximou do fim, de fato, com uma nova mudança de médico. Foi o terceiro psiquiatra que finalmente acertou a combinação de remédios, além de estabelecer comigo um diálogo melhor. Seu nome é Márcio dos Santos Melo. Como os primeiros médicos, Márcio trocou tanto o antidepressivo como o estabilizador de humor. Eu já devia ter experimentado no mínimo cinco antidepressivos e três ou quatro estabilizadores em um ano. Dessa vez deu certo. O fato mais curioso sobre o Márcio é que ele me foi indicado pelo André. Era o seu psiquiatra. Se, como dizem, a doença é também transmitida geneticamente, decidi tentar a sorte com o médico que vinha tratando bem do meu pai. Outra curiosidade é que, logo quando começávamos a acertar o trabalho em conjunto, Márcio me comunicou que iria parar de clinicar. Pretendia fazer uma pesquisa, fora do país, sobre estratégias não medicamentosas na cura dos transtornos de humor. Não sei quão radical era sua tese, apenas que um dos seus focos era a fototerapia. Comigo, só o sol não resolveria, embora ajudasse. Quando ele me contou de seus planos, eu estava bem, mas fiquei chocado. O susto durou pouco, pois Márcio me indicou uma colega, Euthymia Brandão de Almeida Prado, que está desde então na minha vida. Ela fez os ajustes finais nas doses dos remédios que já estavam no caminho certo e acompanhou todas as oscilações que se seguiram. Com o tempo fez trocas necessárias, comuns no tratamento da depressão.

Como mostra o episódio recente na pista de esqui, a depressão não me abandonou completamente. Fica quieta por meses ou anos, mas por vezes aparece com alterações no sono, ou por conta destas. Além disso, os remédios precisam de ajuste, por uma questão química ou psicológica

qualquer. A proteção profissional e pessoal da Euthymia, assim como a da Maria Elena, são até hoje fundamentais para mim. Sem elas, eu não estaria escrevendo estas memórias ou a história teria enredo mais extenso e dramático.

Passei também a praticar esportes diariamente. A equitação, que pratiquei por dez anos, e a corrida ao ar livre, que ainda pratico, tiveram importância terapêutica indubitável. O esporte se soma à análise e aos medicamentos como atividade essencial. Dentro de casa, sem contato com o sol e sem colocarmos ar nos pulmões com a adrenalina do esporte, a depressão toma conta e a cura é mais lenta.

São muitos os momentos em que um doente de depressão imagina estar curado ou perto da estabilidade, sem de fato estar. Nessas ocasiões, o aprofundamento analítico ou a troca de remédios ajudam. Agora que estou bem, tenho verdadeiro pavor de mexer nos remédios, mas isso por vezes é necessário. Na última mudança, comecei a usar lítio. Eu tinha enorme preconceito contra essa medicação, ou mesmo medo, pois o uso do lítio costuma ser associado a pacientes graves. Passei a tomá-lo em doses baixas e descobri o melhor estabilizador de humor de todos os que experimentei.

Bem antes disso, num dos momentos em que julguei estar bem, já trabalhando em tempo integral, recebi um telefonema da Montblanc do Brasil. Estranhei o chamado, mas resolvi atender mesmo assim. Soube então que a fabricante de canetas e relógios havia decidido criar um prêmio, com o qual agraciaria anualmente uma personalidade da área cultural. Eu era o primeiro escolhido. O prêmio dava direito a uma caneta de tiragem limitada, que traria uma pedra preciosa como adorno e mudaria ano a ano. Os modelos eram sempre em homenagem a um

escritor. Eu fui brindado com uma que trazia uma esmeralda no clipe, e o nome do modelo era Agatha Christie.

Para receber o prêmio, eu deveria ir a uma cerimônia matinal no Museu da Casa Brasileira, onde acontecera a festa de inauguração da editora. Fiquei felicíssimo. Sou muito tímido em premiações, mas essa chegava na melhor hora possível, para levantar de vez meu moral. Criei a expectativa de que a cerimônia seria mais importante do que foi, de que lá estariam convidados e jornalistas da área cultural. Porém, compareceram ao evento basicamente representantes da Montblanc, vendedores de canetas, relógios e pastas de couro, de todo o país.

No caminho que fizemos a pé da minha casa ao museu — aquele que eu havia percorrido com a Lili e a Júlia treze anos antes —, já senti que não estava tão bem; estava muito emocionado. Dei a mão para a Lili e fomos quietos até o local. Antes do evento eu já estava muito emocionado. Desde a depressão ou mesmo antes dela, a Lili foi aprendendo a notar, pela expressão dos meus olhos, como estou. É o ideal que sempre busquei, ser compreendido sem falar. Nosso afeto e conhecimento mútuo levaram a isso, e também meus olhos começaram a expressar claramente meu estado, sobretudo em momentos de desânimo ou depressão. Assim, além da voz mais baixa, o meu olhar passou a ter conteúdo expressivo, como acontecia com meu pai. Lili diz sempre que nessas horas meus olhos diminuem de tamanho, não abrem com convicção, como se precisassem se proteger da luz, ou tivessem vergonha de reconhecer o entorno. Foi assim que fui para a premiação.

Ao chegar, vi que o evento ocorria na sala em que a Companhia fora lançada. Não reconheci ninguém na plateia. O prêmio foi anunciado e o microfone passado para mim. Comecei a falar e a voz quase não saía. Tinha pensado num agradecimento protocolar, mas na hora mudei completamente. Lembro de ter dito apenas que a editora havia sido inaugurada naquela mesma sala. Depois disso, a

voz não saiu mais. E eu estava começando a chorar na presença de pessoas totalmente desconhecidas, para constrangimento geral.

O responsável da Montblanc, percebendo que havia algo errado — que minhas poucas palavras não serviam para o marketing da empresa e não eram adequadas ao público que estava no local —, tirou o microfone das minhas mãos, sem nenhum pudor. Saí às pressas do museu, quase esquecendo de levar a caneta comigo.

Anos depois, quando escrevia os contos que resultaram em *Discurso sobre o capim*, o episódio do museu me veio à mente. Um deles, que intitulei “Livro de memórias”, versa sobre um executivo que “ganha” um prêmio do tipo Homem do Ano, que, diferentemente do meu, havia sido comprado pela sua equipe de marketing. Na cerimônia de premiação, quando a palavra *lhe* é concedida, sua voz fraqueja e, em vez de falar de seus feitos empresariais, ele começa a descrever sua coleção de quadros, em especial a primeira tela importante que adquiriu, uma marinha onde, em primeiro plano, aparecem tufo de grama em plena areia. A descrição da pintura se baseia no primeiro quadro significativo da minha coleção. Ele pergunta então, a si e ao público presente, como aquela grama foi parar ali, num terreno árido e inapropriado. Essa foi a imagem que encontrei para fechar o livro de contos, metáfora que serve também para a literatura em geral: algo resiliente, que se nutre do acaso, além de nascer e se desenvolver de formas inesperadas.

Assim, as memórias do empresário bem-sucedido eram feitas de lembranças de momentos da sua infância, que estão nos contos do livro, ou são espelhadas em personagens muito diferentes dele: encanadores, lavadeiras, vendedoras de donuts...

Depois de o personagem tentar divagar sobre a presença do capim na areia, retiram-lhe a palavra, como aconteceu comigo. No conto, porém, quem toma essa atitude é a

equipe de marketing do seu conglomerado de empresas, que passa então a enumerar seus feitos como empreendedor. Ao ouvir o que se dizia dele ao microfone, o empresário pergunta a si mesmo quem poderia escrever sua biografia e lembra dos episódios que gostaria de ver relatados. Em seguida, pensa que preferiria escrever ele próprio um livro de memórias a ser objeto de uma biografia. Neste constaria a história de quando foi à escola sozinho pela primeira vez e desceu no ponto de ônibus errado, perdendo a aula por chegar depois do sinal. Também descreveria a sua primeira ida a um prostíbulo, em que deixou o quarto, furioso, ao ser chamado de neném, na cama. No final, ele diz que, se um dia o livro vier a ser escrito, seu título será *Discurso sobre o capim*.

Assim, os contos que o leitor de *Discurso sobre o capim* tem em mãos, e que versam sobre a (minha) infância, sobre o meu pai e a minha família, ou sobre a vida de personagens pouco grandiosos, compunham na verdade as memórias do empresário em questão.

Não tive como não lembrar de mais um texto meu, dessa vez um que chegou a ser publicado mas que hoje não sei se mandaria para o prelo. Ao me aventurar aqui escrevendo memórias parciais, meu personagem, o empresário deprimido, parece fazer mais sentido.

Escolhi relatar neste livro apenas a minha infância e ligá-la à depressão. Não me sinto à vontade para escrever sobre o que realizei na Brasiliense e na Companhia das Letras. Parte das histórias que vivi contei no blog da Companhia, mas sempre destinando meus textos aos jovens editores e editoras, ou ao leitor interessado em episódios da vida livreira no Brasil. Fui fiel ao personagem de *Discurso sobre o capim*.

Por isso, ao imaginar estas memórias, pensei que elas deveriam encerrar com a inauguração da Companhia das

Letras, embora a editora apareça aqui e acolá, nas idas e vindas da narrativa. Queria deixar claro até o final que este é um livro sobre uma infância particular, sobre a doença que marca de várias formas minha vida familiar e de certo modo sobre uma procura incessante, relacionada a meu pai, que tentei transformar em literatura inúmeras vezes, busca que precisava tomar outro formato. Não escondi no livro minha condição social. Mas a depressão atinge pessoas de todas as classes. Os mais ricos têm melhores condições para identificá-la e tratar dela. Na saúde, como em tudo, nosso país é profundamente injusto.

A história da minha depressão é o que está por trás de uma narrativa de sucesso, que não aparece. Para assinalar bem o escopo do livro, quero encerrá-lo contando exatamente o que ocorreu no lançamento da editora, isto é, nas vésperas do nascimento daquilo que a maioria das pessoas que me conhecem liga à minha biografia.

Tinha voltado fazia pouco da minha primeira feira de Frankfurt pela Companhia das Letras. Nenhum livro havia sido publicado pela editora, mas esta já despertava alguma atenção. Eu era mais ou menos conhecido da imprensa pelo que fizera na Brasiliense e anunciava uma nova editora literária, com uma forma pessoal de entender a qualidade gráfica das publicações, como expressão do respeito ao trabalho dos autores. Na feira eu tive um problema de saúde sério. No segundo dia, ainda no táxi, antes de chegar aos pavilhões, comecei a sentir as fortes dores que caracterizam uma crise renal. O motorista ignorou meus pedidos de ajuda. No percurso até o estande brasileiro, cheguei a cair de tanta dor. Uma editora conhecida caminhava à minha frente, mas eu não consegui chamá-la.

Com esforço, alcancei o estande e de lá fui levado diretamente ao hospital. Fiquei internado por dois dias, os médicos só falavam alemão e diziam com as mãos que meu

rim esquerdo se movera para a região da pélvis. Eu não sabia até então que tinha um rim pélvico congênito. Eles não me liberavam nem mesmo com a dor já debelada. Meu pai teve que vir do Brasil para que eu pudesse sair. Lembro do orgulho estampado em seu rosto ao passear comigo pela feira, no sábado, antes de embarcarmos de volta para casa.

Quando voltei ao Brasil, procurei um médico, mas ele não soube explicar se tive apenas uma pedra no rim ou algo diferente, ligado ao fato de o meu rim ser pélvico. Alguns dias depois, como consequência do problema renal, uma infecção urinária chegou, sorrateira.

O lançamento da editora seria no Museu da Casa Brasileira. Na mesma noite, havia um jantar da campanha de Fernando Henrique Cardoso como candidato à prefeitura de São Paulo, no Clube Pinheiros, que fica em frente ao museu.

A inauguração da Companhia das Letras tinha despertado muito mais atenção do que imagináramos, e inúmeras pessoas que foram ao jantar de FHC resolveram atravessar a rua e prestigiar nosso evento. Assim, meia hora depois de chegarmos, o museu fervilhava de gente. Havia dez vezes mais convidados do que esperávamos.

Lembro do caminho até o museu. A Lili e a Júlia estavam muito bonitas e eu, muito nervoso. O Pedro tinha apenas um ano e não pôde ir. A imagem do beijo que dei nele ao sair e a de nós três andando naquelas duas quadras da avenida Brigadeiro Faria Lima até o museu estão vivas como se tivessem ocorrido há pouco. Por vezes lembro da Júlia e penso nas minhas netas em seu lugar. Zizi e Alice gostam muito de ler, e hoje representam tanto em minha vida, que imagino uma ou outra trajando o vestido florido vermelho e branco e os sapatos vermelhos que a mãe usou.

Ao chegarmos ao evento, minha infecção urinária piorou. Talvez, aliada ao nervosismo da hora, tenha querido chamar toda a minha atenção. Fiquei parte do tempo no banheiro, para onde me dirigia de cinco em cinco minutos, enquanto a

minha família e os primeiros funcionários da editora recebiam os convidados em meu lugar, com galhardia.

Quando meu corpo me dava uma trégua, eu saía do banheiro e voltava para a festa. Era como se eu chegasse à inauguração da Companhia das Letras a cada cinco minutos e, olhando para aquele monte de gente, me perguntasse: o que será que está acontecendo neste salão?



## Epílogo: “Luar ausente”

*A organização clandestina em que Tomás se alistou nem sempre simpatizava com os esforços do líder sueco, que era visto com desconfiança. Wallenberg inicialmente obteve do governo húngaro e de Eichmann a permissão de emitir quatro mil e quinhentos passes para que os judeus, com parentesco, ou relação próxima com seu país, saíssem da Hungria. Enquanto a emigração não se efetivava, a embaixada da Suécia acomodava os seus protegidos não mais em residências marcadas com a estrela de davi, mas em casas arrendadas, que ostentavam na fachada a bandeira amarela e azul. Otto foi responsável por erguer mastros e hastear bandeiras suecas em vários pontos de Budapeste. A força nazista húngara, conhecida como a Ordem da Cruz Flechada, desobedecia com frequência ao acordo do governo com Wallenberg e atacava os pontos supostamente resguardados. Além disso, desrespeitava os vários armistícios na luta contra os judeus, que impediam a continuidade das deportações. Com o tempo, Otto se transformou num dos homens de confiança de Wallenberg. Cuidava da emissão de passes, dirigia carros da embaixada e levava mantimentos aos judeus acudidos por seu líder. Já o grupo partisan em que Tomás militava começou a falsificar os passes de Wallenberg, distribuindo-os*

abertamente. As cópias eram bastante toscas e chegaram a atrapalhar os esforços iniciais da embaixada sueca, dando argumentos aos nazistas contra o trabalho do ex-playboy. É possível que Otto tenha colaborado com seu amigo Tomás, levando passes para serem copiados nas máquinas rudimentares da frágil resistência judaica de Budapeste. Mais tarde, Eichmann terá sucesso e o governo húngaro permitirá a deportação em massa de mais de quinhentos mil judeus. Nessa altura, o próprio Wallenberg não se importará mais com a falsificação de passes e começará a seguir os judeus nas marchas da morte, distribuindo, ele mesmo, salvo-condutos previamente inexistentes, fingindo conhecer os deportados um a um, tentando livrá-los do caminho que os levaria para as câmaras de gás de Auschwitz, Birkenau e Bergen-Belsen. Otto teve seus momentos de heroísmo, quando se postou, junto com seu chefe, à frente de batalhões de militantes da Cruz Flechada, que ameaçavam os judeus com baionetas, em plena caminhada. Nas reviravoltas políticas, quando Wallenberg vencia um round de sua luta com Eichmann e o envio de judeus para os campos de extermínio amainava, os nazistas húngaros fanáticos entravam em ação e se punham a realizar mais execuções públicas. Estas eram feitas por fuzilamento, escolhendo vítimas a esmo, ou jogando os habitantes do gueto no gélido rio Danúbio, amarrando um sobrevivente a um judeu recém-executado. Um judeu assassinado a tiros levava um judeu vivo à morte por afogamento. Dizem que as águas do Danúbio passaram a amanhecer avermelhadas, na época das execuções da Ordem da Cruz Flechada. Como os fuzilamentos ocorriam na calada da noite, contam também que nunca o luar se fez tão ausente em Budapeste. Quando vinha à tona mais uma morte por fuzilamento, num beco qualquer da cidade, Láios olhava para os céus e rezava para a lua brilhar mais forte naquela noite, protegendo a sua família, seus amigos e os

*judeus em geral — qual a serventia de uma lua omissa e cúmplice dos massacres?*

O trecho acima pertence ao romance nunca publicado “Luar ausente”, que mistura a vida do meu pai com minha imaginação sobre ele e alguns momentos ficcionais. András aparece nele como Tomás, mas Láios, meu avô, é Láios mesmo. É o avô que não conheci que reza para a lua brilhar.

Na ficção, a reza une três gerações. Creio que desejo que um homem tão religioso como meu avô destine, de algum lugar, suas rezas na direção da minha família. Ganhei seu nome e seu *talit*, mas dele vi apenas uma foto, na qual ele olha muito sério para a câmera. E Láios sem dúvida rezou pelo filho que empurrou do trem. Ele nunca poderia imaginar que teria um neto, bisneta, bisneto e trinetas brasileiros. Ficaria feliz certamente em saber que vou à sinagoga e que alguns de meus familiares também vão. Tenho certeza, porém, de que, em termos de religião, o que faço lhe soaria pouco demais.

Passeando à toa, logo depois de haver terminado a primeira versão deste livro, me dei conta de que *O ar que me falta* e “Luar ausente” são títulos muito semelhantes. A carência de ar ou da luz da lua entrelaça a vida do meu avô e do meu pai com a minha.

Não quis aqui tratar da questão da hereditariedade da depressão, abordada com maestria em livros científicos e de divulgação. Ainda assim, sabemos que há gatilhos que fazem com que algo que está em nosso DNA se ative ou não. Se a depressão fosse simplesmente uma herança, seria muito mais fácil tratá-la. Também sei que há livros que ligam a bipolaridade a fatores que levaram gênios da humanidade a se expressarem intelectual e artisticamente de forma sublime. Sempre reagi de forma negativa a essa ideia e acabei não lendo a bibliografia a respeito. Posso dessa maneira estar cometendo uma injustiça, mas acredito

que a criatividade de grandes artistas, pensadores e pensadoras não deriva exclusiva ou majoritariamente da energia maníaca. Nem mesmo simples profissionais obsessivos como eu devem agradecer a produtividade alcançada à existência de traços bipolares em suas personalidades. Para mim, a doença que está no centro deste livro se traduz em puro sofrimento. Não faço parte de nenhum grupo identitário de orgulho bipolar, e lamento profundamente os problemas que causei, boa parcela deles oriundos dessa patologia.

O silêncio e a depressão do meu pai geraram em mim uma longa busca. Por isso ele aparece tanto nos meus textos. Por isso eu ainda o procuro na sinagoga, nos jantares de Shabat, no cemitério, nas visitas que faço a seus dois amigos no Lar dos Velhos, e em tantos outros lugares. Por isso o meu luto foi tão demorado.

Minha mãe está viva, forte e lúcida. Nossa relação atualmente é muito bonita e plena. Nos momentos de choque do casal, nem sempre respondi com a admiração que ela merecia. Mesmo sem tomar partido, talvez eu tendesse a dar maior atenção ao lado que considerava mais fraco. Hoje espero poder contrabalançar tudo isso. Cercada de problemas com a mãe e o marido, Mirta se apoiou no pai e em mim. Sofreu com resignação a perda dos filhos e as infelicidades da vida conjugal. Mas tem uma velhice feliz que talvez compense aquilo pelo que passou.

Muitas vezes ouço dizerem que me pareço cada vez mais com o André. Não sei julgar, mas sei que falo cada vez menos ou muito baixo, como ele. Que meus olhos podem expressar tristeza, como os de meu pai, mesmo que de modo próprio.

Este livro foi construído sobre uma longa história de silêncios. O silêncio presente na personalidade de Láios, nos seus cultos clandestinos, e na sua vida como prisioneiro de um campo de extermínio. O silêncio duradouro de André depois de ter deixado seu pai salvá-lo, quando caminhava

para a morte em Bergen-Belsen. O meu silêncio como filho e neto único, temeroso da fragilidade dos pais. E agora, apesar de a depressão estar controlada, há muito mais silêncio em minha vida. Não é apenas uma consequência do que ocorreu. É também uma opção. O silêncio me é útil profissionalmente. A leitura se dá em silêncio e o trabalho de um editor basicamente é saber ler.

Assim, certamente minha contribuição profissional vem do uso correto do silêncio. Escrever este livro é mais um desvio na minha trajetória. Responde a lacunas na minha relação com meu pai, e não reflete nenhum desejo de inversão de papéis. Depois dos livros de contos e da tentativa frustrada com “Luar ausente”, prometi a mim mesmo que me contentaria em ser apenas um bom leitor. Mas as histórias de *O ar que me falta* precisavam sair.

Aqui não invento mais nenhuma ficção para preencher o silêncio do meu pai. Compartilho o meu silêncio com os que quiserem conhecer as histórias de Láios, András e as minhas.

Para que eu possa voltar a ler.

*São Paulo, setembro de 2020*

# Agradecimentos

Para me decidir a escrever este livro, tive alguns incentivadores muito importantes. O primeiro, com quem perdi contato, foi o ex-editor da Penguin Random House mexicana, Ricardo Cayuela, que, num encontro de editoras latinas do grupo, ao ouvir que eu tentava fazer um romance sobre o meu pai, disse-me que, na verdade, eu deveria escrever um livro de não ficção. Fiquei com sua opinião na cabeça, por anos.

Drauzio Varella, mais recentemente, num almoço em que mencionei a vontade de tratar da minha depressão num livro, foi firme e enfático. Instou-me a escrevê-lo e mostrar aspectos desconhecidos de uma vida aparentemente bem-sucedida. Quando comecei, depois do ocorrido na temporada de esqui, ele me acompanhou de perto com palavras encorajadoras. Realizada a primeira versão, pediu para lê-la, em plena crise da covid-19. Drauzio tinha a agenda mais ocupada do país e mesmo assim achou um tempo para rever a versão preliminar do texto. Sem a companhia dele, do momento em que o livro ainda era apenas uma vontade difusa à realização final, este livro não teria acontecido.

Devo todos os meus acertos na vida à Lili — como o leitor deste livro deve ter notado. Ela me conhece tanto que,

quando faço algo, nem sei se estou no comando ou se sou apenas um robô da sua bondade e amor. Não há explicação possível para o que nosso reencontro — quando eu não havia completado dezessete anos e ela tinha apenas quinze — causou em minha vida. Até hoje o aniversário da nossa primeira ida ao Cine Bijou para assistir *Macunaíma* é muito mais importante do que meu aniversário real. Ali nasceu quem eu sou hoje, ou melhor, só o lado bom. A Lili sempre quis que eu escrevesse mais, e se apresentou como leitora rigorosa quando chegou a hora novamente.

Júlia e Pedro fizeram o mesmo. Meus filhos também leram mais de uma vez o texto e me apoiaram em todas as hesitações e angústias. Os três contribuíram imensamente para o resultado final. E contribuíram antes mesmo de o livro ser escrito, de forma mais importante. Venci a depressão graças à Lili, à Júlia e ao Pedro. Pelo carinho que tive naquele momento e que continua até hoje, cada vez maior. Espero que para os três ter lido este relato tenha sido mais alegre do que triste, embora reviver aqueles momentos não tenha sido fácil para nenhum de nós. Mas transformar tanta tristeza num livro talvez seja o melhor dos finais felizes para esta história.

O grupo de leitores iniciais do livro também contou com Maria Elena Salles e Euthymia Brandão de Almeida Prado. Em *O ar que me falta* fica claro que elas foram e são anjos que me acompanham. Euthymia deu sugestões valiosas do ponto de vista médico. A participação das duas no livro fez com que eu adicionasse mais um merecido agradecimento aos tantos que já lhes devia. Muitos anos após a depressão, quando eu já havia tido alta da análise, uma crise existencial me levou de volta à terapia. Nessa ocasião Luiz Meyer me ajudou e impediu uma recaída mais significativa.

Luiz Orenstein se interessou por ler rapidamente e foi, como sempre, um amigo muito presente. Leu com carinho, da noite para o dia, e me ajudou a ficar tranquilo com a publicação. João Moreira Salles leu com redobrada atenção

e me presenteou com críticas argutas e com generosidade sem igual nos comentários. Carlos Jardim, um amigo que ganhei recentemente, deu incentivo numa hora fundamental. Bernardo Carvalho e Michel Laub, ao saberem que eu estava escrevendo, se ofereceram para ler, e deram ótimas sugestões. Sidarta Ribeiro presenteou-me com uma leitura cheia de empatia.

Otávio Marques da Costa, Ricardo Teperman, Matinas Suzuki Jr., Marcelo Ferroni estão também entre os primeiríssimos leitores deste texto. Recebi de todos os melhores incentivos, temperados com as críticas que o trabalho merecia.

Otávio e Ricardo seguiram com sugestões até o final do processo, todas excelentes. Mudaram o livro significativamente. Lidaram com um autor bastante difícil, afinal, em casa de ferreiro o espeto... Muitos dos defeitos do livro com certeza provêm de sugestões que não segui. Lucila Lombardi e Daniela Duarte leram os capítulos iniciais e foram muito receptivas à volta do escritor mais que bissexto. Mariana Figueiredo leu com carinho de amiga, e grande sobriedade profissional.

As possíveis qualidades na escrita eu devo à Márcia Copola, que contribuiu sem dó, com sua preparação de texto detalhada e ímpar. Lucila, mais uma vez, complementou o excelente trabalho. Alceu Nunes acolheu o livro e, com sua competência e amizade, deu a ele a cara que eu mais desejava. Discreta e puramente gráfica.

Simon Krauz e Magda Vadás, os dois amigos do meu pai com quem falei para recompor sua história, foram sempre muito generosos e cheios de carinho. Gostavam muito do meu pai e transferiram parte desse amor para mim. Com este livro encerrado, liguei para Magda no residencial para idosos onde ela mora. Falei com ela por telefone, pois as visitas estavam proibidas. Sua cuidadora me disse então que Simon falecera de covid, no início da pandemia. Não transferi essa informação para o livro, eu queria que *O ar*



*que me falta* trouxesse o registro do “Shimi” vivo. Minha intenção era manter a descrição da minha última visita, quando ele, mais uma vez, me confundiu com o André, e falou que meu pai era o melhor homem que conheceu na vida.

Meu primo Tom Lanny me ajudou com muitas informações preciosas. Temos opiniões diferentes na vida, mas as divergências são muito menores que o grande amor que nos une. Somos o único primo, um do outro. E escrever este livro nos uniu, ainda mais.

Aos personagens que não estão mais aqui, Giuseppe, Mici e André, dedico tantas outras declarações de amor. Sou um depósito infinito de carinho e gratidão por tudo que me deram.

Reservo algumas palavras para minhas duas netas, a Zizi e a Alice, responsáveis por grande parte da minha alegria atual. Se um dia este livro for lido por vocês, espero que entendam o Vô como um cara com emoções fortes, que teve momentos difíceis mas que agora tem o prêmio de viver bem perto de vocês duas, entre viagens incríveis, GIFS diários, filmes, músicas e altos papos. Meu papel mais importante na vida hoje é ser testemunha dos sorrisos e da inteligência tão peculiares a cada uma de vocês. Ao Luiz Henrique Schwarcz Ligabue agradeço pelos altos papos e iguarias.

Poucos meses depois que escrevi a primeira versão deste livro, Mirta foi internada no hospital com covid. Durante os cerca de vinte dias em que lá estive, só uma pessoa podia acompanhá-la. Dessa forma fiquei com a minha mãe quase doze horas por dia até que recebesse alta. Passados os primeiros dias mais graves, quando já se sentia melhor, conversávamos muito e ela me contava histórias sem parar. Num determinado momento falou que o que estávamos vivendo era como a repetição do que acontecera mais de

cinquenta anos atrás. Em suas lembranças, à beira da cama, naquela época eu a alimentava com leite em contagotas, ou em pequenas colheres, devido à úlcera que a acometia em conjunto com os seguidos abortos. As horas que passei ao seu lado, na minha infância, durante as inúmeras convalescenças, são parte central deste livro. Por isso a ela vai o mais especial dos agradecimentos.

Mirta leu duas vezes a primeira versão deste livro. Passado o choque da primeira leitura, partiu para uma mais serena, depois da qual me deu toda a liberdade para esta publicação. Sua postura foi corajosa, acolhedora e cheia de sabedoria. Como sempre, minha mãe quis o melhor para mim. Não tenho como lhe agradecer à altura, por tudo, desde que nasci.

P.S.: Mando por fim um beijo grande para o Bartolomeu, onde quer que ele esteja. Nunca esquecerei das horas sentado ao seu lado, e nem das suas lambidas de amor incontestes! E para a Margot, por quem agora consigo chorar.

P.S. 2: Tive dois companheiros especiais durante a escrita do livro. Ludwig van Beethoven e Giacomo Puccini. Decidi que só escreveria ao som das músicas dos dois compositores. Isso tornou o trabalho ao mesmo tempo mais profundo e prazeroso.



RENATO PARADA

LUIZ SCHWARCZ nasceu em São Paulo, em 1956. Começou sua carreira de editor na editora Brasiliense para depois fundar a Companhia das Letras em 1986. É autor dos livros infantis *Minha vida de goleiro* (1999) e *Em busca do Tesouro da Juventude* (2003), e das coletâneas de contos *Discurso sobre o capim* (2005) e *Linguagem de sinais* (2010).

Copyright © 2021 by Luiz Schwarcz

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Preparação*

Márcia Copola

*Revisão*

Huendel Viana

Angela das Neves

*Versão digital*

Rafael Alt

ISBN 978-65-5782-125-1

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

COMPANHIA DAS LETRAS

linguagem de sinais  
luiz schwarcz



# Linguagem de sinais

Schwarcz, Luiz  
9788563397720  
104 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em Linguagem de sinais, Luiz Schwarcz percorre os desvãos da lembrança com uma prosa conhecedora dos caminhos que levam dos fatos da realidade à ficção. A invocação de episódios autobiográficos marcantes - como o estranho caso do idoso desmemoriado num avião para Lisboa, deflagrador do livro - expõe a intimidade inerente ao tratamento ficcional da memória. O livro, inicialmente concebido para ser um romance, conserva resquícios da forma original, trazendo contos associados pela recorrência de personagens e pela voz de um narrador que se depara com a irrupção inesperada do passado familiar. Em "Antônia", história que abre o volume e lhe dá o tom dominante, conhecemos o obsessivo personagem com quem o narrador dividiu seus anos de casamento. As figuras de Goya e Beethoven, gênios criativos que padeceram de surdez total, pairam sobre o enredo de amor e desilusão ocasionado pelas idiossincrasias dessa mulher enigmática. Especializada na linguagem dos surdos, Antônia e seus silêncios expressivos simbolizam a incomunicabilidade do amor tematizada por Schwarcz em textos como "O síndico" e "O cobertor xadrez". Em "Kadish", um cantor que sonhava em se tornar tenor de ópera e acaba convertido em cantor de sinagoga sintetiza a interpenetração entre ficção e realidade delicadamente operada no livro, aludindo à ancestralidade homenageada pelo autor.

[Compre agora e leia](#)



*Elizabeth  
Bishop*

UMA CIDADEZINHA  
DISTANTE

A Diamantina de Helena Morley

TRADUÇÃO: *Paulo Henriques Britto*

  
COMPANHIA DAS LETRAS



# Uma cidadezinha distante

Bishop, Elizabeth

9786557820377

32 páginas

[Compre agora e leia](#)

**Baixe gratuitamente o prefácio escrito para a edição norte-americana de *Minha vida de menina*.**

Entusiasta do célebre volume de memórias de Helena Morley (pseudônimo de Alice Dayrell Brant), Elizabeth Bishop traduziu a obra para o inglês e escreveu um delicioso depoimento sobre o dia em que as duas escritoras foram apresentadas, no Rio de Janeiro, por intermédio de Manuel Bandeira. Depois desse encontro, Bishop empreendeu uma viagem a Minas Gerais para conhecer de perto o cenário do livro.

Publicado originalmente como prefácio à edição norte-americana, o texto foi incluído no volume *Esforços do afeto e outras histórias: Prosa reunida* e agora ganha edição avulsa, como e-book gratuito. *Uma cidadezinha distante* revela o olhar atento e singular de uma estrangeira que observou como ninguém o Brasil, nossos costumes e tradições.

Trecho do livro:

*"Não voltei a Diamantina, nem jamais tive muita vontade de voltar. Embora fosse uma cidadezinha distante, triste e empobrecida, gostei muito dela, talvez por parecer muito próxima da Diamantina da infância de Helena, como se o texto saísse das páginas do diário e voltasse à vida, tal como antes. Mas sou supersticiosa com relação a 'voltar' a*

*lugares: eles mudam, nós mudamos, até mesmo o clima pode ter mudado."*

[Compre agora e leia](#)



# Jesus Kid

Mutarelli, Lourenço

9786557821367

168 páginas

[Compre agora e leia](#)

**Lançado pela primeira vez no início dos anos 2000, *Jesus Kid* ganha agora uma nova edição, completando assim a coleção dos romances de Lourenço Mutarelli pela Companhia das Letras.**

Escritor de livros de faroeste, Eugênio está passando por uma fase difícil. Ele é famoso pelos romances estrelados por Jesus Kid, mas faz algum tempo que suas vendas estão indo de mal a pior. A luz no fim do túnel parece ser o convite de um diretor de cinema: ele quer que Eugênio escreva um roteiro de filme. Contudo, para escrever esse roteiro, Eugênio deve ficar três meses isolado em um hotel de luxo, sem poder sair nem ter contato com o mundo que conhece. Partindo dessa premissa, Mutarelli constrói uma crítica mordaz ao mercado editorial e ao mercado do cinema — por onde circula há anos. Trazendo para Eugênio muito de sua própria personalidade, o autor mostra como a parte comercial da cultura pode ser perversa com aqueles que nela atuam.

[Compre agora e leia](#)

CHIMAMANDA  
NGOZI ADICHIE

.....  
SEJAMOS  
TODOS  
FEMINISTAS

  
COMPANHIA DAS LETRAS



# Sejamos todos feministas

Adichie, Chimamanda Ngozi

9788543801728

24 páginas

[Compre agora e leia](#)

**O que significa ser feminista no século XXI? Por que o feminismo é essencial para libertar homens e mulheres? Eis as questões que estão no cerne de *Sejamos todos feministas*, ensaio da premiada autora de *Americanah* e *Meio sol amarelo*.**

"A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente."

Chimamanda Ngozi Adichie ainda se lembra exatamente da primeira vez em que a chamaram de feminista. Foi durante uma discussão com seu amigo de infância Okoloma. "Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele; era como se dissesse: 'Você apoia o terrorismo!'", apesar do tom de desaprovação de Okoloma, Adichie abraçou o termo e — em resposta àqueles que lhe diziam que feministas são infelizes porque nunca se casaram, que são "anti-africanas", que odeiam homens e maquiagem — começou a se intitular uma "feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens".

Neste ensaio agudo, sagaz e revelador, Adichie parte de sua

experiência pessoal de mulher e nigeriana para pensar o que ainda precisa ser feito de modo que as meninas não anulem mais sua personalidade para ser como esperam que sejam, e os meninos se sintam livres para crescer sem ter que se enquadrar nos estereótipos de masculinidade.

[Compre agora e leia](#)



**26**  
**poetas**  
**hoje**  
[1976]

**heloisa**  
**buarque**  
**de hollanda**  
ORGANIZADORA

poesia de bolso



# 26 poetas hoje

Vários autores  
9786557821107  
280 páginas

[Compre agora e leia](#)

## **Reedição da mais importante antologia de poesia brasileira da década de 1970, que completa 45 anos.**

O ano é 1976. Em meio à censura e à repressão da ditadura, numa época batizada por Zuenir Ventura de "vazio cultural", a professora e escritora Heloisa Buarque de Hollanda publicou uma antologia que causou furor. *26 poetas hoje* trazia a atmosfera coloquial e irreverente que conflagraria a década de 1970, também chamada de geração mimeógrafo ou geração marginal. Eram poetas que estavam à margem do circuito das grandes editoras e que produziam seus livros de maneira artesanal, em casa, em pequenas tiragens vendidas em centros culturais, bares e nas portas dos cinemas.

Ao reunir poetas que engrossavam o caldo da contracultura, o livro foi uma resposta direta aos anos de chumbo e se tornou um clássico da poesia brasileira, referência incontornável para escritores e leitores de poesia.

Participam: Francisco Alvim, Zuca Saldanha, Antonio Carlos de Brito (Cacaso), Roberto Piva, Torquato Neto, José Carlos Capinan, Roberto Schwarz, Zulmira Ribeiro Tavares, Afonso Henriques Neto, Vera Pedrosa, Antonio Carlos Secchin, Flávio Aguiar, Ana Cristina Cesar, Geraldo Eduardo Carneiro, João Carlos Pádua, Luiz Olavo Fontes, Eudoro Augusto, Waly Sailormoon, Ricardo G. Ramos, Leomar Fróes, Isabel

Câmara, Chacal, Charles, Bernardo Vilhena, Leila Miccolis e  
Adauto de Souza Santos.

[Compre agora e leia](#)